

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SIOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL

Rita de Cassia Batista Obetine

**MEMORIAL BÁRBARA MAIX: HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E  
PATRIMÔNIO CULTURAL**

Santa Maria, RS  
2023

Rita de Cássia Batista Obetine

**MEMORIAL BÁRBARA MAIX: HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO CULTURAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marta Rosa Borin

Santa Maria, RS  
2023

Obetine, Rita de Cassia Batista Obetine  
MEMORIAL BÁRBARA MAIX: HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO  
CULTURAL / Rita de Cassia Batista Obetine Obetine.- 2023.  
123 p.; 30 cm

Orientadora: Marta Rosa Borin Borin  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de  
Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, RS, 2023

1. Educação Patrimonial 2. Patrimônio Histórico 3.  
Memória 4. História Memória Educação 5. Bárbara Maix I.  
Borin, Marta Rosa Borin II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Rita de Cássia Batista Obetine

**MEMORIAL BÁRBARA MAIX: HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO CULTURAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Patrimônio Cultural**.

Aprovada em 16 de novembro de 2023:

---

**Marta Rosa Borin, Doutora (UFSM)  
(Presidenta/Orientadora)**

---

**Heloisa Helena F. G. da Costa, Doutora (UFBA)**

---

**Valdir Pretto, Doutor (UFN)**

---

**Augusto Russini, Doutor (ULBRA)**

Santa Maria, RS  
2023

*Dedico este trabalho a todas as mulheres que optaram pela vida consagrada e o cuidado com o próximo, em especial as Irmãs do Imaculado Coração de Maria, à Ir. Verônica Mallmann (in memoriam) e Maria Zení do Nascimento.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pela oportunidade de viver com saúde e ter uma família que amo incondicionalmente.

Agradecer aos meus filhos Marco Antonio, Rafaela e Fabiane pela cumplicidade, amizade, amor, carinho, por me fazer uma pessoa melhor, uma mãe melhor, uma amiga melhor, uma profissional melhor.

A meus pais, que sempre incentivaram e que acreditaram em mim e em meus irmãos e irmãs e nos ensinaram que o estudo e a educação podem mudar nossas vidas.

Agradecimento especial à minha orientadora Prof. Dra. Marta Rosa Borin que compreendeu que não sou apenas uma mestranda, mas sim professora atuante, não poupou esforços para me motivar a seguir em frente mesmo diante das dificuldades, que não foram poucas durante o processo elaboração dessa dissertação, pelo incansável apoio, orientação, colaboração, carinho e dedicação e acreditar no meu potencial.

A banca de qualificação, Prof. Dra. Heloisa Helena Fernandes e Prof. Dra. Ir. Maria Freire da Silva pelas considerações que permitiram o aprimoramento desse trabalho.

À instituição de ensino UFSM, essencial no meu processo de formação profissional por tudo o que aprendi ao longo dos anos do curso.

À SIPOS/CCSH, em especial ao Marcelo que resolveu todas as questões burocráticas com atenção e com um sorriso no rosto que tirava toda minha ansiedade.

A todos professores e professoras do PPGPC, por todos os ensinamentos e vivências proporcionadas durante o curso.

A direção, coordenação e colegas do Colégio Coração de Maria- Rede ICM de Educação, pelo apoio recebido.

Um agradecimento muitíssimo especial aquela pessoa que desde o primeiro momento esteve comigo, que fez o possível e muitas vezes o quase impossível para que eu chegasse até aqui, minha querida e amada Ir. Maria Zení do Nascimento.

A querida Ir. Iraildes pelo carinho e acolhida durante todas as vezes que foi necessário acompanhar-me nas visitas ao Memorial Bárbara Maix.

A minha querida Ir. Elida Debastiani pelas sugestões e motivação para concluir esse trabalho e as demais Irmãs da Comunidade do Colégio Coração de Maria pela torcida e orações nos momentos de dificuldades.

Aos meus queridos estudantes do Colégio Coração de Maria por inúmeras vezes escutarem minhas descobertas durante o processo de leituras e pesquisas, motivando e aplaudindo cada nova informação.

As minhas amigas Daiana Sampaio e Maria de Fátima Bernardo e meu amigo Jaime Fogaça por nunca me deixarem desistir. Vocês, são a família que deus me permitiu escolher.

A todos vocês, minha eterna gratidão e reconhecimento.

## RESUMO

### MEMORIAL BÁRBARA MAIX: HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO CULTURAL

AUTORA: Rita de Cássia Batista Obetine  
ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marta Rosa Borin

Ao definir memória como o conjunto amplo e complexo de todas as lembranças, vivências, experiências, formação pessoal, profissional e intelectual do indivíduo na sociedade em que está inserido, bem como no tempo e espaço onde sua trajetória desencadeia, busca-se compreender o processo de construção do indivíduo e da sociedade. A proposta desta dissertação de mestrado apresenta como temática o acervo existente no Memorial Bárbara Maix buscando estudar, identificar, analisar as possibilidades e caminhos para a construção de ações que promovam o Memorial como um espaço de ensino, pesquisa e de preservação da história, memória e identidade da instituição a qual está vinculado, fonte para os pesquisadores e espaço cultural para a comunidade em geral. Localizado na Rua Riachuelo, 508 em Porto Alegre, possui um rico acervo constituindo um espaço multifacetário. A relevância do tema escolhido justifica-se porque o Memorial Bárbara Maix é um espaço repleto de fontes históricas que contribuem para a preservação da memória e identidade da Congregação. A valorização do mesmo é de suma importância pelo potencial dinâmico que apresenta, podendo contribuir para construção de novos saberes a partir da perspectiva da educação patrimonial. Os objetos da exposição como geradores de conhecimento permitem refletir sobre questões relacionadas a temporalidade e as várias dimensões sociais ao longo do processo histórico. Por esta razão, optou-se pelo método qualitativo, pois buscamos entender um conjunto de significados, razões, desejos, convicções, valores e atitudes, que compõem a organização do espaço do acervo, onde as relações socioculturais, políticas e interpessoais formaram manifestadas. Também foram analisadas fontes bibliográficas a fim de estabelecer esta ponte entre a educação e museus, ensino de história e educação patrimonial. A importância desta temática é a sua singularidade, pois, até o presente momento, não existem iniciativas acadêmicas que visem a utilização deste acervo como fonte de pesquisa e ensino, sendo estas fontes indispensáveis para elucidarem o passado nos mais variados tipos de pesquisas e em diferentes áreas do conhecimento. Por tanto, utilizar esse espaço é permitir o diálogo entre instituições que, universidade e museu, onde pode-se entender aspectos relevantes da história local e regional, inseridas na conjuntura nacional e internacional, pois a vida de Bárbara Maix e as atividades por ela desenvolvidas, não foram indiferentes ao processo histórico os diversos eventos que compõem sua trajetória refletem o pensamento sociocultural, econômico e político da época sua existência. Esta dissertação está inserida na Área e Linha de Pesquisa História e Patrimônio Cultural do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural – Mestrado Profissional, da Universidade Federal de Santa Maria.

**Palavras-chave:** Educação Patrimonial. Memória. Memorial Bárbara Maix. Identidade.



## ABSTRACT

### BÁRBARA MAIX MEMORIAL: HISTORY, EDUCATION AND CULTURAL HERITAGE

AUTHOR: Rita de Cássia Batista Obetine

ADVISOR: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marta Rosa Borin

By defining memory as the broad and complex set of all memories, experiences, personal, professional and intellectual training of the individual in the society in which he is inserted, as well as in the time and space where his trajectory triggers, we seek to understand the process of construction of the individual and society. The proposal for this master's thesis presents as its theme the existing collection at the Bárbara Maix Memorial, seeking to study, identify, analyze the possibilities and paths for the construction of actions that promote the Memorial as a space for teaching, research and preservation of history, memory and identity of the institution to which it is linked, source for researchers and cultural space for the community in general. Located at Rua Riachuelo, 508 in Porto Alegre, it has a rich collection constituting a multifaceted space. The relevance of the chosen theme is justified because the Bárbara Maix Memorial is a space full of historical sources, memory and identity, its valorization is of paramount importance due to the dynamic potential it presents and can contribute to the construction of new knowledge from the perspective of heritage education. The generating object allows us to reflect on issues related to temporality and the various social dimensions throughout the historical process. For this reason, for the development of this dissertation we opted for the qualitative method, as we seek to understand a set of meanings, reasons, desires, convictions, values and attitudes, which make up the organization of the space where sociocultural, political and interpersonal relationships formed manifestations that cannot be restricted to instrumentalization. Bibliographic sources were also analyzed from articles, books and also material available on the internet, which have as references authors who investigate the topic of education in museums, teaching history and heritage education, memory and heritage and cultural heritage. The importance of this theme is its uniqueness, as, to date, there are no initiatives aimed at using this collection, these sources being indispensable for elucidating the past in the most varied types of research and in different areas of knowledge. Therefore, using this space allows dialogue between various relevant aspects of local and regional history, inserted in the national and international context, as Bárbara's life and the activities she developed were not indifferent to the ongoing historical process, the various Events that make up its trajectory reflect the sociocultural, economic and political thinking of the time of its existence

**Keywords:** Heritage Education. Memory. Bárbara Maix Memorial. Identity.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2</b>	<b>A EUROPA EM TRANSFORMAÇÃO</b> .....	17
2.1	UM BREVE RELATO SOBRE OS EVENTOS QUE MARCARAM AS TRANSFORMAÇÕES NA EUROPA MODERNA.....	17
2.2	A REVOLUÇÃO DE 1848.....	18
2.3	O IMPÉRIO AUSTRO-HÚNGARO NO CONTEXTO DO CONGRESSO DE VIENA .....	21
2.4	RELAÇÃO ESTADO E IGREJA .....	23
2.5	O PAPEL DA MULHER E A IGREJA .....	27
<b>3</b>	<b>BÁRBARA: DA INFÂNCIA POBRE A BEM-AVENTURADA</b> .....	40
3.1	A INFÂNCIA: POBREZA, PERDAS E AMADURECIMENTO PRECOCE .....	40
3.2	UMA JOVEM QUE ACOLHEU OUTRAS JOVENS.....	43
3.3	AS TENTATIVAS DE FUNDAR A CONGREGAÇÃO.....	44
3.4	OS REFLEXOS DA REVOLUÇÃO DE 1848 NA VIDA DE BÁRBARA MAIX E SUAS COMPANHEIRAS .....	48
3.5	O CAMINHO QUE O DESTINO RESERVOU: DA ÁUSTRIA PARA O BRASIL	56
3.6	NOVO PAÍS, NOVA VIDA E NOVOS DESAFIOS.....	58
3.7	AS IRMÃS DO CORAÇÃO DE MARIA NO RIO GRANDE DO SUL .....	74
3.8	A SEPARAÇÃO DA CONGREGAÇÃO .....	84
3.9	O MILAGRE E A BEATIFICAÇÃO.....	90
<b>4</b>	<b>O MEMORIAL BARBARA MAIX DE PORTO ALEGRE</b> .....	93
4.1	HISTÓRIA DO MEMORIAL.....	93
4.2	MEMORIAL BÁRBARA MAIX COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO .....	94
4.3	MEMORIAL COMO EXPRESSÃO DE ESPIRITUALIDADE .....	99
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	102
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	103
	<b>APÊNDICE A – PRODUTO FINAL</b> .....	105

## 1 INTRODUÇÃO

Vivemos atualmente o fenômeno da velocidade dos avanços tecnológicos, o que hoje é considerado alta tecnologia, amanhã já foi superado por uma nova e mais eficiente. É inegável que este avanço permite à humanidade experiências extraordinárias, o fluxo de informações, a velocidade e a intensidade que, ao mesmo tempo conectam os indivíduos e as sociedades instantaneamente, afastam-nos de vivências com o que tangível e indelével. Nesta linha de pensamento, o conceituado pensador Zygmunt Bauman (2007, p13) afirmou: “Os tempos são líquidos porque tudo muda tão rapidamente. Nada é feito para durar, para ser sólido.”

Nesse contexto o trabalho dos historiadores, museólogos e professores de História é um desafio intenso, pois, despertar o interesse em olhar para o passado, para as memórias, para o patrimônio construído pela humanidade, ao longo do tempo, em indivíduos que vivem a intensidade com o instantâneo é um grande desafio.

A memória definida como o conjunto de elementos essenciais que compõem a formação do indivíduo e das sociedades, ao longo do tempo, é fundamental para o entendimento de como a humanidade é hoje e como chegou até aqui.

Entre as diversas formas de preservar as memórias, o memorial como instituição no sistema de museus se apresenta como um espaço de múltiplas possibilidades, sentidos e significados, local onde o saber, a pesquisa e o ensino podem ser articulados, um ambiente de promoção das mais variadas experiências humanas que perpassam pelos seus documentos, fotografias, objetos, móveis e demais elementos que fazem parte do seu acervo. Assim, exige uma relação de liberdade com a história, pois o profissional seleciona os objetos da exposição de acordo com o tema e o espaço disponível. Neste sentido, a proposta do memorial a que estamos nos referindo é servir de instrumento para fixar a memória, neste caso da trajetória de uma religiosa, Bárbara Maix, considerada Bem-Aventurada pelo Tribunal das Causas dos Santos da Igreja Católica e com processo de santificação em Roma.

A proposta desta dissertação é apresentar, como temática, o acervo existente no Memorial Bárbara Maix, onde buscamos identificar, as possibilidades e caminhos para a construção de ações que promovam o Memorial como um espaço de ensino, pesquisa e de preservação da trajetória da congregação. História que legou identidade à instituição à qual está vinculado. Ao analisarmos os objetos da exposição constatamos que são fonte de pesquisa importantes para os pesquisadores, além de ser

um espaço cultural para a comunidade em geral. Diante desta circunstância, buscamos analisar a importância deste acervo patrimonial enquanto fontes para pesquisas históricas; suas possibilidades de abordar o ensino da História e com acervo disponível no Memorial através da pedagogia do objeto, bem como demonstrar como a comparação entre o objeto do passado e do presente permite compreender a história, suas possibilidades de interpretação e a noção de multiplicidades de temporalidades.

As vivências do sujeito são complexas, não são estanques, quando se trata da coletividade, de grupos sociais que, ao experienciar algo comum, resgata uma memória coletiva.

O Memorial Bárbara Maix apresenta uma riqueza no seu acervo e permite ao visitante uma experiência única, na qual o diálogo entre o passado e presente é possibilitado pela multiplicidade de fontes históricas, de memória e identidade que ultrapassam a temporalidade, além disso, o espaço permite a conexão com o sagrado, despertando para momentos de vivência e encontro com a espiritualidade.

Assim, esta dissertação tem como objetivo investigar recursos disponíveis para melhor valorizar e aproveitar o potencial do Memorial Barbata Maix, seu acervo, história, patrimônio e construir ações de educação patrimonial. Além disso a pesquisa propiciou reconhecer o memorial dedicado a Bárbara Maix como um centro repleto de fontes históricas, patrimônio histórico, cultural e arquivístico. Para tanto, buscamos, ainda, avaliar, no acervo do Memorial, as fontes que viabilizam o desenvolvimento de pesquisas e estudos nas diversas áreas de conhecimento, a fim de identificar a contribuição do Memorial para efetiva preservação da memória de Bárbara Maix e das suas contribuições nos diferentes setores em que atuou em vida. Para viabilizar a disponibilização mais ampla de acesso ao acervo do Memorial, disponibilizamos um produto de fácil acesso na forma remota o qual ficará disponível para o estudo, pesquisa e construção de novos saberes.

Esta dissertação justifica-se pela sua singularidade, pois, até o presente momento, não existem iniciativas que visem a utilização deste acervo no formato que vamos apresentar, sendo essas fontes indispensáveis para elucidarem o passado nos mais variados tipos de pesquisas e em diferentes áreas do conhecimento. As fontes disponíveis neste acervo documental e patrimonial são importantíssimas para conhecer a identidade, a história e a trajetória de Bárbara Maix, Irmã da Congregação

do Imaculado Coração de Maria, suas contribuições nas áreas da Educação, Saúde e Assistência Social ao longo de sua existência.

A comparação entre o objeto do passado e presente permite observar a história no campo das possibilidades e a noção de multiplicidades de temporalidades. A relação entre objeto do passado e seu presente não significa atraso ou falta de progresso, ao contrário, rompe com a ideia que se vive o ápice do progresso tecnológico. O objeto gerador do conhecimento encontrado nas exposições permite refletir sobre questões relacionadas à temporalidade e às várias dimensões sociais ao longo do processo histórico.

Por esta razão, para o desenvolvimento desta dissertação, optou-se pelo método qualitativo, pois busca-se entender um conjunto de significados, razões, desejos, convicções, valores e atitudes, que compõem a organização do espaço onde as relações socioculturais, políticas e interpessoais formaram manifestações que não podem ser restritos às exposições.

Também foram analisadas fontes bibliográficas que tenham como referência autores que investigam o tema da educação em museus, a fim de estabelecer esta ponte entre a educação museus, ensino de história e educação patrimonial. A importância desta temática é a sua singularidade, pois, até o presente momento, não existem iniciativas acadêmicas que visem a utilização deste acervo como fonte de pesquisa e ensino, sendo estas fontes indispensáveis ensino de história e educação patrimonial.

O recurso usado para criação do Produto foi o Book Creator, uma ferramenta disponível na Plataforma Google, na qual é possível criar livros digitais e disponibilizar para o público em geral, por meio de um link ou QR Code o acesso ao produto criado.

O Book Creator permite editar e reeditar o texto e imagens, assim é possível atualizar ou complementar sempre que for necessário.

Esta dissertação está estruturada em três capítulos, sendo que, no primeiro, apresenta-se uma breve conjuntura sobre os eventos históricos que antecederam a trajetória de Bárbara Maix, a qual nasceu em 27 de junho de 1818 em Viena, transferindo-se em 1848 para o Brasil e o papel das mulheres na Igreja nos diferentes contextos históricos e a importância da atuação das ordens religiosas femininas e suas funções dentro da hierarquia eclesiástica.

No segundo capítulo, apresenta a vida e a trajetória de Bárbara Maix, desde sua infância na Áustria até a sua beatificação em Roma. Retrata-se, também, os

desafios enfrentados por Bárbara, ao sair de sua terra natal e a chegada e adaptação no Brasil, as dificuldades para fundação da Congregação do Imaculado Coração de Maria, a atuação junto aos mais necessitados no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, os conflitos internos vividos na Congregação, na qual, Bárbara foi caluniada, difamada e vítima de inúmeras mentiras. O milagre a elevou à categoria de bem-aventurada.

No terceiro capítulo, aborda como tema central o Memorial Bárbara Maix. Pretende-se apresentar brevemente a história do Memorial, o mesmo como espaço de construção do conhecimento e como expressão de espiritualidade.

Por fim, apresenta-se a conclusão na qual, observou-se que, ao utilizar esse espaço, é possível permitir o diálogo entre sujeito e objeto, analisar os vários aspectos relevantes da história local e regional, inseridas na conjuntura nacional e internacional, pois a vida de Bárbara e as atividades por ela desenvolvidas, não foram indiferentes ao processo histórico em curso, os diversos eventos que compõem sua trajetória refletem o pensamento sociocultural, econômico e político da época de sua existência.

As obras que embasam esta dissertação, abordam, como temática principal, Educação Patrimonial, Memória e Sociedade e a vida e obras de Bárbara Maix.

A obra “*O Documentário*”, Octávio Cirilo de Bortoluzzi, o autor, apresenta uma narrativa minuciosa sobre a vida, desde o nascimento até a morte de Bárbara Maix, assim como os desafios e dificuldades vivenciados e obras por ela realizadas, além de uma riquíssima coletânea de documentos, correspondências e as indicações de onde encontrar toda a documentação apresentada na obra esta é a principal referência para estudos sobre Bárbara Maix.

Na obra a “*Danação do Objeto- o museu e o ensino de história*”, de Francisco Lopes Ramos, o autor propõe uma nova abordagem em relação ao ensino da História e os museus, através da pedagogia do objeto, propondo um novo papel às exposições museológicas, no processo de construção do conhecimento histórico e na relação entre o sujeito e o objeto gerador.

Para o autor, um dos grandes desafios do museu é atender à demanda de estudantes que frequentam este espaço. Se o museu é um espaço de construção do saber histórico, é necessário prepará-lo para atender o público em geral e a comunidade educativa.

Para estabelecer a relação entre o espaço museológico e o saber histórico na sala de aula, ou nos territórios onde a reflexão sobre historicidade se faz presente, é

fundamental estar preparado para este desafio que se apresenta, cada vez mais intenso, e o museu teve e tem caráter pedagógico, porém é fundamental dar sentido a essa renovação da prática pedagógica.

A obra de Françoise Choay, *“Alegoria do Patrimônio”* é apresentada de forma crítica e didática, sobre o aperfeiçoamento do conceito de monumento no desenrolar da história ocidental, e, como se estabeleceram as relações entre o poder público e a instituição do monumento. Neste sentido, pode-se entender Memorial como um Monumento que guarda memória, neste caso da trajetória de Barbar Maix, portanto o memorial também pode ser considerado um “documento”.

Já o monumento histórico é a edificação construída para representar alguém, algum momento histórico específico, alguma situação de grande relevância cuja memória deva ser preservada por meio da (re)criação material concreta do que se quer representar e seu valor para sociedade é resultante daquilo que o mesmo representa, podendo variar conforme o tempo e o espaço que está inserido, ou seja, em cada local e dependendo do contexto histórico, o monumento terá sua importância reconhecida ou não pela sociedade.

Neste sentido, a definição de patrimônio tem passado por um processo de ressignificação, expandindo seu significado e renovando a sua percepção nas sociedades modernas. Hoje o significado de patrimônio é amplo, abrangendo um complexo entendimento sobre o que é patrimônio histórico.

No artigo, *“História, Memória Histórica e a Contribuição da Cultura Midiática”*, Francielle Sthefane Bruschi Cordeiro Gonçalves trabalha a importância de definir memória e memória histórica como a base de construção do pensamento social e histórico, tendo como fundamentação os trabalhos de Le Goff, Sorgentini e Halbwachs. O diálogo, proposto entre os autores citados para definir memória e memória histórica, permite observar que os dois tipos de memórias se complementam na construção da memória coletiva, pois as lembranças individuais, quando se encontram, ajudam a restaurar o fato histórico, possibilitando, a partir de construções referenciais do passado e presente, constatar variadas perspectivas dos grupos sociais e culturais.

Nildo Viana, em seu artigo, *“Memória e Sociedade: uma breve discussão teórica”*, propõe rever o problema da memória em sua relação com a sociedade, a partir de uma concepção dialética, em que destaca uma explicação conceitual e uma discussão teórica sobre a memória social. A definição de memória é apresentada

como uma problemática, pois, segundo o autor, ainda não há um conceito sistemático em nenhuma esfera das ciências que se dedicam a este tema. Tendo como base o estudo clássico de Maurice Halbwachs, Viana apresenta a relação entre memória individual e memória coletiva.

Em *“Memória e Identidade Social”* de Michael Pollak, também fundamentada em Maurice Halbwachs, destaca que a memória deve ser entendida como acontecimento coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente, sujeito a flutuações e transformações contínuas.

O referido autor trabalha a ideia de que a memória pode ser herdada, afirmando que é plenamente possível que, através da socialização política ou histórica, ocorra o fenômeno de percepção ou identificação tão forte com o passado, que pessoas que viveram momentos históricos semelhantes, em períodos diferentes, acabam, por vezes, não distinguindo com exatidão os períodos, mas revelam a importância das vivências e das experiências registradas na memória.

Pollak cita algumas situações em que pessoas que viviam na Alemanha durante as duas Guerras Mundiais narravam que, quando, no decorrer da Primeira Guerra, eram crianças, acabavam contando fatos da Segunda como se fossem da Primeira e da Primeira como se da Segunda fossem. Tal fato é denominado de “transferência de projeção”. Sendo assim, o autor conclui que os fenômenos de projeção e transferência que podem ocorrer dentro da organização da memória individual ou coletiva, mostrando que a memória é um fenômeno construído social e individualmente e que existe uma ligação fenomenológica muito próxima entre a memória e o sentimento de identidade que podem ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo.

Na obra *“A interpretação das culturas”* Clifford Geertz observa as dimensões culturais da política, da religião e dos costumes sociais, por meio de uma análise antropológica. Ao propor novos métodos de interpretações da cultura, o autor destaca que as questões culturais compreendem padrões de relações sociais, além das intervenções das tradições, choque de culturas, tradições, normas sociais, da religião e dos demais costumes das sociedades.

Fundamentado no conceito de cultura de Max Weber, Geertz busca explicar a cultura como um conjunto de sistemas unificado, denominado de teias de significados. Essa “teia” é formada por diversos significados: o mito, a religião, a arte, a escrita, a



comunicação, a moda, os hábitos sociais e o próprio homem, ser complexo de significados, que criam e recriam comportamentos, valores, tradições, etc.

Em seu livro, *“História e memória”*, Le Goff destaca o papel da memória na trajetória histórica das sociedades. É o conjunto de elementos culturais, sociais e históricos que formam as bases de referências coletivas de um povo. A memória é individual ou coletiva e está inserida em um contexto familiar, social, cultural, nacional histórico, constituindo-se em um elemento fundamental da identidade, da percepção de si e do coletivo. Esse autor propõe um olhar diferenciado sobre as diversas possibilidades e relações possíveis entre a História e o tempo, a memória, a sociedade, o homem em sociedade, aos documentos e monumentos.

Maurice Halbwachs, na obra *“A Memória Coletiva”*, analisa as diferenças entre história e memória e destaca o caráter social da memória. O autor destaca que o indivíduo participa de duas espécies de memória: as individuais e as coletivas. De um lado, tem suas lembranças constituídas por sua vida pessoal, e, simultaneamente, há um complexo de outras lembranças, vivenciadas pelo indivíduo em grupos nos quais está inserido ou em grupos cujas ações influenciam direta ou indiretamente em sua existência. Desta maneira, a memória é entendida como um fenômeno social, construída coletivamente.

Halbwachs considera que memória e história são diferentes; a memória está ligada às lembranças das vivências, individualmente ou em um grupo de passado comum, quando se cria um sentimento de pertencimento social que compartilha de memórias. Quando acaba a memória, inicia a história, que passa a registrar as lembranças através da escrita, e pelo fato de não ser afetiva, a memória trabalha com o intelectual, permitindo o distanciamento, a reflexão e a crítica. Sendo assim, o autor estabelece uma estreita relação entre memória individual e coletiva, explicando que ambas se completam e constituem a memória histórica.

*“O Patrimônio Como Categoria de Pensamento”*, obra de José Reginaldo Santos Gonçalves, mostra que a categoria “patrimônio” foi construída ao longo do tempo, desde os tempos antigos, estando presente já nas sociedades tribais. Na Modernidade, foi associado aos processos de formação dos Estados Nacionais, porém não se caracteriza como uma invenção da modernidade.

Segundo o referido autor, o patrimônio se constitui a partir dos conjuntos de objetos móveis e imóveis, pertencentes a grupos sociais, e também, dos patrimônios imateriais ou intangíveis. Valoriza os aspectos da vida social e cultural.

Neste sentido, destacamos que o Memorial Barbara Maix, embora esteja dedicado a ela, à sua trajetória de vida em prol da fundação da congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria, está transpassado de memória coletivas que remontam ao contexto histórico da época, final do século XIX e inícios do século XX, perpassando a história do Brasil e Europa.

## 2 A EUROPA EM TRANSFORMAÇÃO

Neste capítulo, será apresentado uma breve conjuntura sobre os eventos históricos que antecederam a trajetória de Bárbara Maix, que nasceu em 27 de junho de 1818, em Viena, transferindo-se, em 1848, para o Brasil.

Mostrar-se-á também o papel das mulheres na Igreja nos diferentes contextos históricos e a importância da atuação das ordens religiosas femininas e suas funções dentro da hierarquia eclesiástica.

### 2.1 UM BREVE RELATO SOBRE OS EVENTOS QUE MARCARAM AS TRANSFORMAÇÕES NA EUROPA MODERNA

Foi no contexto do império austríaco, palco do Congresso de Viena (1815), que nasceu e viveu Bárbara Maix. Nesse período, houve uma conferência entre embaixadores das grandes potências europeias. Que aconteceu na capital austríaca, com os objetivos de restabelecer as Monarquias Absolutistas dos Estados europeus, destronadas por Napoleão, recuperar os limites territoriais que vigoravam antes da Revolução Francesa, como também suas estruturas políticas e sociais, além de evitar que os ideias do liberalismo e do secularismo se difundissem pelo continente europeu. A busca pela estabilidade das forças europeias foi uma tentativa inédita baseada na cooperação entre as nações.

Entretanto, a ordem não se estabeleceu por muito tempo, entre os anos de 1875 e 1914, pois, no conserto na reorganização das nações, prevalecia o intuito de expansão territorial e de estabelecer zonas de influências através da colonização, de ideais nacionalistas e busca de crescimento econômico, visto que a supremacia econômica e militar dos países capitalistas passou a ser ameaçada<sup>1</sup>.

Como consequência deste processo imperialista, as ideologias nacionalistas avançaram, criando dois segmentos na Europa, que anteciparam a Primeira Guerra

---

<sup>1</sup> Mas o ponto crucial da situação econômica global foi que um certo número de economias desenvolvidas sentiu simultaneamente a necessidade de novos mercados. Quando sua força era suficiente, seu ideal eram "portas abertas" nos mercados do mundo subdesenvolvido; caso contrário, elas tinham a esperança de conseguir para si territórios que, em virtude da sua dominação, garantissem à economia nacional uma posição monopolista ou ao menos uma vantagem substancial" (HOBBSAWM, 1998, p. 101).

Mundial: o pan-eslavismo e o pangermanismo. O primeiro refere-se à tentativa da formação de um grande bloco político nacionalista eslavo, engatilhado pelo Império Russo, enquanto, o pangermanismo possuía sua liderança pelo Império Alemão e Áustria-Hungria. O cenário conflituoso se alastrou e, para adquirir força política e militar, cada uma dessas lideranças formou alianças com outros países.

Nesse contexto, na década de 1880, a união Áustria-Hungria compôs com a Alemanha e a Itália a Tríplice Aliança. Na década subsequente, o Império Russo passou a se articular com a França, e, no ano de 1907, a Inglaterra alia-se a eles e formam a Tríplice Entente. Um ano depois da formação da Tríplice Entente, a união Áustria-Hungria promoveu a anexação da Bósnia e da Herzegovina, o que acarretou uma crise generalizada na região e, como consequência, a mesma foi banida do Tratado de Berlim, resultando na Guerra dos Balcãs.

A Guerra dos Balcãs, era uma espécie de “barril de pólvora”, ou seja, foi o estopim para acionar a explosão, pois, no dia 28 de janeiro de 1914, o herdeiro do trono da Áustria-Hungria, o arquiduque Francisco Ferdinando é assassinado, intensificando a tensão entre germânicos e eslavos.

No decorrer desses séculos, a Europa passava por uma série de transformações em todos os sentidos, uma nova ordem se estabelecera, a ordem burguesa, na qual, as estruturas do Antigo Regime não cabiam mais.

Os papéis outrora desempenhados pelo Estado e pela Igreja se dissolveram diante do novo modelo de organização econômica, política, social e cultural, tendo o início de uma nova conjuntura, na qual o protagonismo político-econômico ficou centrado, nas mãos da burguesia e, como antagonista do novo sistema se destaca a classe trabalhadora, o proletariado.

## 2.2 A REVOLUÇÃO DE 1848

Durante o Congresso de Viena, as monarquias absolutistas, buscavam restaurar seus domínios, combater as ideias revolucionárias, que se opunham à ordem que se instalava na Europa. Essas monarquias uniram forças e se espalharam por todo o continente. Desde que os ideais iluministas ganharam adeptos, no século XVIII, as ideias liberais já eram amplamente discutidas.

No período conturbado da primeira metade do século XIX, a Europa vivia sob as ameaças da restauração das monarquias, depostas durante a Era Napoleônica e

da Segunda Revolução Industrial, que promoveu uma nova configuração econômica, política, social e cultural. Com o surgimento de um novo segmento social, o proletariado, o cenário político ganhou uma nova força que se contrapunha aos interesses da burguesia.

A situação dos trabalhadores era extremamente precária, jornadas de trabalho exaustiva, salários baixíssimos, condições insalubres, a força de trabalho crianças e mulheres exploradas ao máximo, com salários inferiores aos dos homens, aumentando os lucros da burguesia e fragilizando cada vez mais a vida dos trabalhadores. Os ideais marxistas atraíam os trabalhadores a opor-se aos governantes aliados da burguesia.

Conforme Vizentini (2010, p: 63) relata:

Enquanto o liberalismo ganhava terreno e as ideologias conservadoras a ele se opunham, o movimento democrático se desenvolvia paralelamente, com suas concepções de igualdade, soberania do povo, direito da maioria, sufrágio universal e distribuição mais justa da propriedade. No plano filosófico, a Esquerda Hegeliana aplicava a antropologia como instrumento de análise explicativa da religião, que Feuerbach conceituou como ilusão do povo.

Para Eric Hobsbawm, este é o primeiro período do século XIX que é considerado o da Era das Revoluções, justamente pela propagação de ideais de liberdade por grupos organizados na Europa. Priorizavam ações como direitos humanos, igualdade entre os cidadãos e a soberania da população. Influenciados pela Revolução Francesa, militantes de cunho nacionalista e liberal defendiam a revolução permanente.

Segundo Vizentini (2010), as outras correntes de pensadores<sup>2</sup>, destacaram-se por buscarem outras alternativas ao liberalismo, o Socialismo e o Anarquismo

---

<sup>2</sup> Paralelamente, a ideologia socialista emergia, fortalecida pelas terríveis condições sociais decorrentes da expansão do capitalismo industrial, pregando a eliminação da propriedade privada, a igualdade social e o pacifismo no plano internacional. O socialismo possuía antecedentes na República de Platão, em Campanella, na Utopia de Thomas Morus, em Winstanley, nos levellers e diggers da Revolução Inglesa e nos cartistas. O socialismo utópico, por sua vez, representava um conjunto de críticas aos efeitos do capitalismo, propondo sociedades ideais onde os problemas contemporâneos não mais estariam presentes. Contudo, a estratégia para atingir tal objetivo era, em geral, bastante frágil e portadora de certa ingenuidade. Saint Simon propunha uma organização tecnocrática para promover a industrialização de uma forma harmônica capaz de proteger o povo trabalhador. Fourier defendeu a implantação de uma nova sociedade organizada em Falanstérios, unidades coletivistas de produção e convívio social, enquanto Louis Blanc concebeu a implantação dos Ateliers Nacionais para minorar o desemprego existente e fomentar a organização socialista do trabalho. Auguste Blanqui,

propunham novas formas da organização do Estado nas quais a economia e a sociedade, os trabalhadores seriam protagonistas em todas as esferas do poder.

A onda revolucionária iniciada na França espalhou-se por outros países da Europa, em 1848. Nesse período, diversos levantes eclodiram em quase todo o continente, sobretudo na Espanha, na Romênia, na Irlanda, na Grécia e nos Estados alemães e italianos, movidos por aspirações liberais e nacionalistas.

Essa nova onda revolucionária, que ficou conhecida como Primavera dos Povos, pode ser considerada o momento mais importante das lutas populares no século XIX, pois representou o golpe final no Antigo Regime, que, apesar de se encontrar enfraquecido pelas revoluções anteriores, ainda mantinha alguns de seus traços em diversos Estados europeus.

Essas revoltas foram impulsionadas, entre outros fatores, por uma crise capitalista de superprodução que gerou o fechamento de algumas indústrias e o desemprego de grande parte dos trabalhadores nos países industrializados. Além disso, a partir de 1846, quase toda a Europa foi atingida por uma sequência de más

---

partidário de uma estratégia voluntarista de tomada do poder, pretendia a implantação de uma ditadura do proletariado como forma de implantar uma sociedade comunista tal como concebida por Babeuf, por ocasião da Conjuração dos Iguais, durante a Revolução Francesa. Finalmente, Robert Owen, um empresário industrial britânico utilizou sua fábrica como experimento para estruturar uma organização comunista da produção. Com Proudhon, que considerava a propriedade não adquirida através do trabalho um roubo, o socialismo utópico (ou romântico) transita para, O Anarquismo, defendido por Bakunin, Kropotkin e Sorel, eram frontalmente anticlericais e consideram o Estado apenas um instrumento da opressão capitalista e contra ele direcionam suas investidas na tentativa de destruí-lo. Inimigos de qualquer forma autoritária de organização, os anarquistas, serão atuantes através de greves e do sindicalismo, tentando chegar diretamente a uma sociedade comunista anarquista, sem hierarquias sociais. O anarquismo, cuja base social principal eram os artesãos empobrecidos e em vias de desaparecimento, entraram em choque com o marxismo, que se apoiava no operariado moderno em formação, quanto à estratégia a adotar para conquistar o poder, opostos que eram à conquista e manutenção (ainda que temporária) do Estado. Sua valorização libertaria e individual levou alguns autores a considerar o anarquismo como uma versão radical do liberalismo. O marxismo, ou materialismo dialético, por seu turno, tinha como tripé ética crítica do capitalismo do socialismo utópico francês, a análise do capitalismo da economia clássica inglesa (liberal) e a concepção histórica da filosofia alemã, particularmente de Hegel. Os alemães Karl Marx e Friedrich Engels analisaram o desenvolvimento do capitalismo (Introdução à Crítica da Economia Política, O Capital) e consideraram que a luta de classes era o motor da história, baseando-se numa concepção materialista da dialética. Ao proletariado, dirigido por sua vanguarda organizada num partido, conquistaria o poder e implantaria sua ditadura transitória, até a construção do comunismo. Em 1848, embora independentemente da Revolução que se iniciava, Marx e Engels publicaram seu programa em um famoso panfleto político intitulado O Manifesto Comunista. Ao contrário do socialismo utópico, o autodenominado socialismo científico marxista não descreveu a utopia futura em detalhes, e sim estudou em profundidade o desenvolvimento do capitalismo. A partir dele, esboçou estratégias para sua superação e deduziu determinados objetivos históricos para o socialismo e, enfim, para o comunismo, estágio este em que as desigualdades de classe e o Estado como aparato repressivo de classe (mas não como articulador da vida social) desapareceriam. De fato, iniciava-se uma nova conjuntura histórica com a eclosão das Revoluções de 1848. (Vizentini, p.63-65)

colheitas e por uma longa estiagem, que levaram ao aumento dos preços dos gêneros básicos, produzindo uma enorme carestia no continente.

O termo "Primavera dos Povos" faz referência à estação do ano na qual a natureza se torna exuberante depois dos rigores do inverno, ou seja, designa um momento luminoso no contexto de crise que os povos europeus estavam vivenciando.

Esse cenário de crise contribuiu para que grupos sociais como a burguesia industrial, as classes médias baixas e a população pobre das grandes cidades passassem a fazer uma série de reivindicações. A burguesia industrial queria acabar com os resquícios do Antigo Regime que dificultavam a expansão da produção e do comércio, e a população pobre, revoltada com a precariedade em que vivia, desejava profundas transformações sociais. Entretanto, a burguesia, temendo as mobilizações dos trabalhadores, acabou se aliando às camadas médias urbanas e setores da nobreza para reprimir os levantes populares.

### 2.3 O IMPÉRIO AUSTRO-HÚNGARO NO CONTEXTO DO CONGRESSO DE VIENA

O Império Austríaco tem sua origem vinculada ao período de grandiosidade do Império Romano. Naquele período, o território pertencia ao Reino Nórico, de ascendência celta, foi conquistado em meados do século XV a.C.; convertendo-se em uma província romana. No século I, a abrangência de seu território atingia o que hoje configura o espaço geográfico correspondente à Áustria.

Nos anos de 791 e o 799, durante a expansão do Império Carolíngio, Carlos Magno conquistou o território austríaco, denominando-o de "Marca Carolíngia" do Leste. Juntamente com a conquista da região, ocorreu a imposição do Cristianismo.

A Áustria nos anos posteriores permaneceu sobre incessantes ataques dos magiares, os quais estabeleceram-se ao longo do Rio Danúbio.

Em 962, após a desintegração do Império Carolíngio, o Papa João XII designou Otto I como imperador do Sacro Império Romano Germânico. Otto I cedeu a porção oriental, a Áustria, para o nobre da Bavária, Leopoldo de Badengerg, sob o comando dos Badengerg, os limites territoriais austríacos foram expandidos.

No ano de 1156, a Áustria tornou-se um ducado e Viena passou a condição de capital, o comércio, a cultura e as artes reuniam-se neste espaço, tornando a região um importante centro urbano na Europa.

Na eclosão da Guerra das Investiduras, os Badenberg apoiaram o Imperador. Com a vitória garantida, grande parte da Baviera foi doada como recompensa para os Badenberg pelo apoio durante a guerra.

Leopoldo V, em 1192, adquire o Ducado de Estíria e fortalece diversas cidades, sendo que Viena foi a cidade que obteve as melhores vantagens com o acontecido.

Em 1246, morreu o último duque dos Badenberg, Felipe II, que não deixou sucessor. Teve início então a disputa pelo poder e os nobres austríacos se uniram ao rei da Bohemia Pizemysl Ottokar II, casado com a irmã do falecido, que recuperou a Estíria e se uniu a Caríntia posteriormente.

O monarca boêmio, apoiado pelos vienenses, deu início à construção de Hofburg e aperfeiçoou extraordinariamente a Stephansdom. Em contrapartida, o rei do Sacro Império Romano, Rodolfo de Habsburgo, conta com a agressividade do povo vienense.

A disputa logo tornou-se uma guerra. Os Reis de Bohemia morreram na Batalha de Dürnkrut, o território dos Badenberg foi conquistado por Habsburgo em 1278 que entregou os ducados de Áustria e Estíria a seus dois filhos.

Os Habsburgo não eram bem-vistos na Áustria, pois os primeiros monarcas posicionaram-se contra a diversas revoltas dos cidadãos.

Em 1365, ao fundar a Universidade de Viena, Rodolfo IV acabou ganhando a admiração dos vienenses. Durante seu reinado, conquistou o Tirol e parte da Marca de Carniola. Posteriormente, uma série de casamentos<sup>3</sup> possibilitou que os Habsburgo se mantivessem no trono.

O general Eduardo de Saboya conseguiu impedir o ataque dos turcos entre 1529 e 1683. Há tempos os turcos tentavam ampliar seu território, chegando ao ponto de tentar entrar em Viena. Durante esse período, a cultura e a arte desenvolveram-se extraordinariamente e, como característica principal, destacou-se a profunda religiosidade que se reflete em todas as obras.

Após as ocupações napoleônicas, a Europa vivia uma grave tensão política, econômica e também espaço-territorial, uma vez que as investidas de Napoleão

---

<sup>3</sup> Maximiliano I se casa com Maria de Borgonha, conseguindo como dote a Borgonha e os Países Baixos, enquanto seu filho Felipe I celebra matrimônio com Joana de Castela e Aragón e o filho destes, Carlos, será conhecido historicamente como Carlos I de Alemanha e V de Espanha. Em 1521, Carlos V divide o império com seu irmão Fernando que se converterá no Arquiduque de Áustria com residência no Palácio de Hofburg em Viena. Quatro anos mais tarde, ele herdaria Hungria e Bohemia. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/turismo/historia-da-austria> Acesso em: 18/10/2022.



Bonaparte haviam desconfigurado as monarquias pré-existent, suas fronteiras e limites territoriais. Fez-se necessária a reunião dos representantes das monarquias nacionais absolutistas europeias para redefinir as bases políticas do Antigo Regime, destroçadas pela Revolução Francesa e por Napoleão Bonaparte.

Conforme Vizentini (2010, p. 46)

Para decidir o futuro da Europa, reuniram-se, em Viena, soberanos, ministros e diplomatas oriundos de vários países, desejosos por recuperar seus poderes e sua iniciativa política. A escolha da cidade representava o perfil conservador do Congresso, dada a aversão da dupla monarquia danubiana ao liberalismo e ao nacionalismo. Obviamente, apenas os representantes das grandes potências tomaram decisões fundamentais: o czar Alexandre I, da Rússia, o chanceler austríaco Metternich, o secretário do *Foreign office* britânico, Castlereagh, e o representante prussiano, Hardenberg. Apesar dos conflitos de interesses e da definição de uma nova relação de forças entre as grandes potências, o Congresso de Viena consagrou o entendimento, ainda que circunstancial, desses países, estabelecendo uma espécie de “condomínio de poder”.

O Congresso de Viena reuniu representantes do Império Austríaco, Império Russo, da Inglaterra e da Prússia, além de reconfigurar geograficamente as fronteiras da Europa e apossar-se de territórios, os congressistas também restauraram as monarquias absolutistas.

O mesmo congresso promoveu inúmeros benefícios às potências que lideraram o evento. Em 1815, a Rússia, a Áustria e a Prússia assinaram o pacto político-militar, firmado para garantir o cumprimento das determinações do Congresso de Viena, estava formada a Santa Aliança<sup>4</sup>, cujo principal objetivo era combater as revoltas liberais na Europa.

Sob a dinastia dos Habsburgo, a Áustria tornou-se uma das grandes potências da Europa. Em 1867, o Império Austríaco uniu-se à Hungria, formando assim a Áustria-Hungria.

## 2.4 RELAÇÃO ESTADO E IGREJA

Estado e Religião encontram-se ligados desde os primórdios da humanidade, em maior ou menor grau, as sociedades humanas por vezes atrelaram o poder divino ao poder político, nas civilizações mais antigas observa-se que o Estado Teocrático

---

<sup>4</sup> Segundo Vizentini (2010, p.50-51) A Santa Aliança era embasada na “aliança entre o trono, a espada e o altar, entre a Rússia ortodoxa, a Áustria Católica e a Prússia Evangélica.

esteve presente em praticamente todas, ora líderes políticos eram adorados como deuses vivos, ora adorados como representantes das divindades adoradas.

A corrente de pensadores, denominados de Teóricos do Direito Divino, justificavam o Absolutismo Monárquico como vontade de Deus. Jacques Bossuet desenvolveu a doutrina do “Direito Divino” na qual afirmava que qualquer governo, formado legalmente, expressava a vontade de Deus, que sua autoridade é sagrada e que qualquer rebelião contra a ordem estabelecida seria como uma rebelião contra o próprio Deus. Na mesma lógica de pensamento, Jean Bodin defendia o caráter divino dos reis.

Conforme narra Rémond (1974, p.126/127)

Mas esse aspecto — as relações entre as Igrejas e o Estado — geralmente o mais visível e o que se conhece melhor, prende-se à atenção com prioridade, pois não é o único no qual as duas sociedades se articulam. Ele nada mais é do que o ponto mais alto de uma pirâmide de relações múltiplas, do interesse de muitos outros planos da realidade: movimentos de ideias, de cultura, de opinião, de mentalidades, de classes sociais. Não é, portanto, apenas a história propriamente política que clama pela evocação do fato religioso, é toda a história das sociedades. Por outro lado, esse relacionamento sofreu variações importantes: sua própria importância mudou muito. Na Europa, sob o Antigo Regime, as duas sociedades, civil e eclesial, estavam tão intimamente misturadas que suas relações afetavam todo o campo da existência social.

Foi durante a vigência do Estado Moderno que os poderes seculares e temporal estiveram praticamente fundidos.

Segundo esta linha de pensamento Milani (2014, p. 72) analisa:

Assim, Igreja e Estado se mesclavam e, como se viu, isto foi desfavorável tanto para um quanto para o outro, pois, não apenas resultava na autoridade da Igreja sobre o poder do Estado, como na ingerência dos reis sobre questões próprias da Igreja, que acabava servindo a fins políticos, desvirtuando-se do caminho originário. E, visto isto, percebe-se que a antiga concepção cristã de que há poderes distintos para o comando do mundo sensível e o do mundo espiritual, acabou se dissolvendo, acabando por gerar um “Estado-Igreja” ou “Igreja-Estado”, o que, repita-se, não teve consequências positivas nem para um, nem para outro e, muito menos, para o povo.

A secularização foi um episódio oriundo do liberalismo, no qual favoreceu a escolha ao poder temporal ante o espiritual e vice-versa. Contudo a ligação Estado e Igreja não desapareceu, com maior ou menor intensidade, as sociedades ocidentais

continuam a ouvir o posicionamento da Igreja diante de temas polêmicos quanto à moral cristã.

A relação entre o Estado e a Igreja na Áustria apresenta um caráter peculiar, conforme descreve Teixeira (2018, p.1):

O Josefinismo, ou Josefismo, é um sistema político-religioso, de governação césaropapista (poder temporal e espiritual no governante), que radica a sua designação no nome do imperador austro-húngaro José II, reinante entre 1765 e 1790. Podemos chamar ao Josefinismo um Galicanismo à maneira austríaca. Como característica essencial, aponta-se a reforma radical nas relações entre a Igreja Católica e o Estado, austríaco no caso, no sentido de que era este último quem pretendia dirigir a política religiosa nos seus territórios, sem interferências ou desígnios da Santa Sé.

O modelo de relação Estado-Igreja, adotado na Áustria, seguiu a lógica do despotismo esclarecido<sup>5</sup>, vigente na Era da Ilustração, período em que as Ideias Iluministas, baseadas na liberdade, na cientificidade e na laicização se opunham ao Antigo Regime, contudo as reformas não alteraram a centralização do poder político, que se manteve absoluto nas mãos do soberano austríaco.

Segundo as informações de Teixeira (2018, p.1):

A situação sociopolítica da Áustria, católica, não era também a mais pujante ou positiva, pois a decadência do seu império era notória, em detrimento do crescimento da Prússia luterana. A descontinuidade territorial dos Estados governados pelos Habsburgos pesou também, sendo necessária uma legislação imperial unificadora e que reforçasse autoridade central. Por isso, também no aspecto religioso, eclesiástico, se procurou desenhar uma política que pudesse conciliar os poderes do imperador com os poderosos membros da hierarquia da Igreja no Império (arcebispos, bispos, abades...), secundarizando as prerrogativas emanadas pelo Papa.

Foi no decorrer do governo da Imperatriz Maria Teresa (1717-1780), entre os anos de 1745 até 1765, que foi aplicada a ideologia do Josefinismo. As primeiras modificações visavam restringir a composição eclesiástica no Império, especialmente no clero regular, historicamente, o mais importante do País ainda afirma que:

A reforma do ensino – em grande parte dirigido pelo clero regular – as modificações nos estatutos das ordens monástico-conventuais e a obrigação de prestação de provas de conhecimento por parte dos teólogos do Império

---

<sup>5</sup> Inspirados pelas concepções de Voltaire, os monarcas da Prússia, da Rússia, da Áustria, da Espanha e de Portugal iniciaram reformas econômicas de seus Estados à ordem burguesa em ascensão. José da Áustria, por exemplo, aboliu a servidão e concedeu a liberdade de culto a seus súditos. (BRAICK e MOTA 2017, p. 271)

foram algumas das medidas de reforço da autoridade central do Império e controlo da instituição eclesiástica.

Entretanto foi durante o reinado de José II (1741-1790), entre 1765 e 1790, que ocorreu a imposição do episcopado ao papado, as ordens religiosas foram nacionalizadas, ficaram submetidas à jurisdição dos bispos austríacos, a maior parte das ordens monásticas foram suprimidas, ficando apenas as consideradas como ministérios religiosos pertinentes à atividade pastoral e às obras de caridade.

Assim, “as bases de uma igreja nacional austríaca, de acordo com os princípios do Iluminismo, com o Estado a tomar a direção e controlo da vida eclesiástica, em termos institucionais, mas também espirituais e caritativos.” (TEIXEIRA 2018, p.1)

A interferência do Estado nos assuntos internos da Igreja Católica caracterizou a relação entre o Estado Austríaco e a Igreja durante o reinado de José II.

Teixeira (2018, p.2) destaca que:

José II sempre quisera ser um filho fiel da Igreja, tendo tido uma forte inspiração cristã no seu Governo inicialmente, incentivando a melhor formação dos seminaristas e impondo uma vida pastoral mais organizada. Mas, rapidamente, o despotismo iluminado o instigou, com a atracção por um Estado onnipotente e omnipresente, reforçando a autoridade imperial<sup>6</sup>.

Ocorreu ainda a tentativa da Igreja Católica Romana de reverter a situação e tentar retomar o controle da Igreja Austríaca com a visita do Papa em 1782 a Viena, entretanto não obteve o sucesso desejado. José II retribuiu a visita em 1783, foi a Roma em uma tentativa de minimizar as tensões entre as partes.

O Josefinismo manteve-se até o início do século XIX, a doutrina foi enfraquecendo, pois o povo desejava que sua fé estivesse ligada a Roma, juntamente com alguns bispos descontentes com a ideologia que foi perdendo as bases de apoio em muitos territórios, “além de que vários domínios dos Habsburgos rechaçavam o Josefinismo”, (TEIXEIRA 2018, p.2).

---

<sup>6</sup> Igreja, com José II, inspirada em Kaunitz, anti-papal assumido, submeteu-a ao Estado, mesmo em assuntos dogmáticos e relacionados com “a alma”. José II queria descentralizar a Igreja Romana, mas queria-a centralizada em Viena no que tocava ao seu império, retirando jurisdição ao Papa. O espírito ilustrado da igreja central vienense tudo nacionalizava, limitava, simplificava e concentrava, em termos eclesiásticos. Permitiu até o divórcio e tolerava as segundas núpcias, no que se emancipou da Igreja Romana. Criaram-se seminários gerais para formação (escassa) do clero, formado para servir o Estado. Ao mesmo tempo, todas as instituições religiosas consideradas inúteis para a sociedade civil eram suprimidas, nomeadamente comunidades religiosas, como já se viu. (TEIXEIRA 2018, p.2)

A Revolução Francesa também contribuiu para o desgaste do Josefinismo, pois em seus preceitos a religião não encontrava papel fundamental na vida da sociedade.

Leopoldo II (1790-1792), sucessor de José II cedeu à pressão eclesiástica, reestabelecendo funções da Igreja Romana, porém conseguiu manter aspectos essenciais do Josefinismo.

## 2.5 O PAPEL DA MULHER E A IGREJA

O papel das mulheres na Igreja foi mudando ao longo dos séculos. Nos primórdios do Cristianismo, observa-se que as mulheres exerciam um importante protagonismo desde as primeiras seguidoras de Jesus, como lideranças nas primeiras comunidades que surgiram.

Conforme as narrativas do Novo Testamento, Jesus sempre se manteve próximo às mulheres, várias passagens demonstram sua atuação junto (as) às mulheres como Maria, sua mãe, Marta, Maria Madalena, a Samaritana entre outras.

Ainda, segundo estas narrativas, as mulheres permaneceram junto a Ele até o momento de sua morte, e foi para uma mulher que, após a ressurreição Jesus, Ele apareceu e pediu que fosse anunciar a boa nova.

Segundo Silva (apud Pavani 2020, p. 320)

Jesus se relacionava com mulheres de forma bastante natural, sem a presença de outro elemento masculino, ensinando-as e conversando com elas. Além disso, muitas delas eram suas seguidoras mais próximas e tinham participação especial no anúncio de suas obras.<sup>7</sup>

O autor afirma ainda que:

Nas primeiras comunidades cristãs, a participação das mulheres também era considerável. Elas se encontravam num patamar semelhante aos dos homens, seja como pastoras e profetisas ou como ministras dos sacramentos, tendo uma importância fundamental no dia a dia das comunidades.<sup>8</sup>(Apud 2020, p.320)

Silva (2009, p. 2) confirma as palavras de Pavani dizendo:

Desde os primórdios do Cristianismo, as formas de inserção das mulheres na dinâmica religiosa foram plurais, assim, havia tanto discípulas, quanto líderes. Algumas viúvas ou virgens consagradas decidiram viver como reclusas; outras optaram pela vida religiosa em suas próprias casas ou constituíram os

<sup>7</sup> Cf. Mt 28,1-10; Mc 16,1-10; Lc 24,1-12; Jo 20,1-18.

<sup>8</sup> Cf. At 21,8-9; Rm 16,1-3.6.12; I Cor 11,5.13; Fp 4,2-3.

primeiros mosteiros, gozando, muitas vezes, de uma independência que era incômoda aos poderes familiares e eclesiásticos.

Conforme Pavani, o papel da mulher foi sendo alterado na mesma medida que a Igreja começou a se institucionalizar, tendo como ponto de partida as estruturas sociais herdadas do Império Romano, no qual, as mulheres desempenhavam socialmente um papel diferente dos homens, logo, a hierarquia eclesiástica fora se moldando segundo as diretrizes de Roma.

No decorrer da Idade Média, a institucionalização da Igreja promoveu uma crescente patriarcalização das funções de liderança, e um maior investimento na subordinação das mulheres e seu alijamento dos lugares de poder. (SILVA, 2009, p. 3 apud FIORENZA, 1976: 15-16).

Reprimidas de exercer autoridade na rígida hierarquia da Igreja, as mulheres buscaram outras alternativas para afirmar sua espiritualidade e poder. Vivenciando sua crença só ou através das comunidades ascéticas.

De acordo com Silva (apud CLARK, 2009, p.3),

[...] de formalmente proibidas de exercerem o ministério a partir do século V, condenações por parte dos bispos e sínodos contra mulheres, que continuavam desempenhando funções públicas de liderança, persistiram (CARDMAN, 1999: 300-301). Tal situação aponta tanto para uma resistência das mulheres, quanto para o reconhecimento por parte de algumas comunidades da liderança feminina como legítima e, não uma usurpação. Liderando comunidades ascéticas, diversas mulheres, como nos diz Elizabeth Clark, agiram como patrocinadoras, educadoras e modelos de comportamento, exercendo forte influência sobre homens e mulheres de sua época

A entrada na vida religiosa para algumas mulheres também foi vista como forma de resistência aos ditames de suas famílias e imposições da sociedade.

Segundo Silva (2009, p. 4)

[...] as religiosas passaram a ser louvadas pelos homens da Igreja por se colocarem “além das limitações do seu sexo”, mas a teóloga perde de vista o fato de que, muitas vezes, a própria escolha da vida religiosa poderia ser uma atitude de resistência. Além disso, as “limitações do próprio sexo” são construções discursivas e se constituem no social, materializando-se em papéis de gênero que parecem atemporais, limites criados em torno da representação do humano hierarquizado a partir de sua biologia.

A opção pela vida religiosa, como prática de resistência, torna-se ainda mais evidente quando atentamos para o papel das mulheres nas alianças de casamento fundamentais para os interesses de suas famílias.

Neste período a vida religiosa era majoritariamente masculina, entretanto a partir do século XII, as comunidades femininas floresceram em muitas regiões da Europa.

Silva (2009, p.7) descreve os mosteiros femininos:

Os mosteiros femininos eram casas voltadas para a oração, é verdade, mas também de educação para meninas, além disso, a representação da comunidade religiosa, como lugar de reclusão absoluta, não existia. As abadessas e monjas podiam empreender viagens autorizadas, expediente assegurado e regulamentado pela Regra de São Bento, que era seguida por boa parte dos mosteiros de mulheres até o século XIII.

A partir da Reforma Gregoriana, a vida das mulheres religiosas mudaram drasticamente, passando a exercer um papel secundário na Igreja, além de calar suas vozes, a clausura foi imposta, não podendo circular em lugares públicos...

Conforme Silva (2009, p. 9) destaca:

A delimitação dos espaços femininos e masculinos implicou a perda progressiva de poder, de autoridade e de visibilidade por parte das religiosas. A legislação passou a enfatizar a segregação entre os religiosos de sexos diferentes, as restrições à presença feminina nos recintos sagrados, a clausura, o confisco do direito de pregar e a exclusão, sempre que possível, das mulheres – laicas e religiosas – dos conselhos dos príncipes, dos sínodos e dos concílios.

“As limitações impostas às religiosas se tornaram cada vez mais visíveis a partir do século XII” (SILVA, 2009. P. 10), além das restrições que impôs às monjas, foi necessário alterar a organização das chamadas cónegas, religiosas que, geralmente, seguiam a Regra de Santo Agostinho, sendo, assim, seus correspondentes masculinos.

As cónegas tinham uma forma de vida bem mais flexível, enquanto a das monjas eram regradas e definidas pela austeridade. As cónegas tinham a possibilidade de administrar seus bens, fazer e receber visitas e ter criadas.

Segundo destaca Silva (apud Núrcia 2003, p. 24-25):

Algumas monjas também mantinham a administração de seus bens, embora a Regra de São Bento fosse clara a esse respeito, determinando que os bens fossem doados aos pobres ou ao mosteiro, pois a profissão religiosa implicava em abrir mão de tudo, inclusive do controle sobre sua vida.

O Sacro Império Romano Germânico era o local onde mais congregavam-se as casas de cônegas, “eram espaço privilegiados para a educação de meninas e jovens, de permanência até o casamento, de refúgio para viúvas, além de espaço para vocacionadas” (SILVA apud PARISSE, 1994. p 191).

Muitas casas religiosas foram fundadas pela nobreza, que colocavam suas filhas em mosteiros ou conventos, também escolhiam as abadessas, “esses cargos eram compensação para algumas das filhas que não tinham como ou podiam ser casadas” (SILVA apud LECLERQ, 1980, p. 65-66).

Há também a justificativa que ressalta “que crianças eram enviadas aos mosteiros por economia, especialmente em famílias numerosas. Somado a isso, em algumas regiões era mais barato para uma família poderosa fazer uma freira do que pagar o dote de uma filha” (SILVA JOHNSON, 1991. p. 23-24).

Contudo, deve-se destacar que as observações de Johnson a respeito do casamento não levam em conta que os conventos formavam um lugar de poder e que, no caso das comunidades de cônegas, o movimento era grande.

Sobre esta temática Silva (2009, p. 11) apresenta as considerações de Gabriel Le Bras que afirma;

Gabriel Le Bras nos fornece alguns indícios dessa relação ao apontar que, em alguns conventos de cônegas, somente a abadessa fazia votos perpétuos, professando a Regra de São Bento, enquanto as Irmãs mantinham seus bens e poderiam deixar o convento para se casar (LE BRAS, 1979:119). Essa flexibilidade atraiu desconfiança de algumas autoridades religiosas, especialmente durante a Reforma, pois se afastava muito do modelo monástico que era considerado o ideal (LE BRAS, 1979: 122-123).

Neste período, havia outras opções além dos mosteiros para as mulheres que buscavam a vida consagrada, como as reclusas, eremitas e beguinhas.

As reclusas escolheram viver encerradas, “como se tivessem morrido para o mundo. Ainda que houvesse reclusas vivendo em grupos de três ou quatro, o comum era que fossem solitárias” (SILVA, 2009, p. 11).

As eremitas, assim como os homens, buscavam o isolamento por penitência, porém, com o passar do tempo, a vida comunitária superou este modelo de vida, os grupos de eremitas do Ocidente escabecearam-se nas florestas, uma vez que não havia deserto para este estilo de vida.



No século XII, esta forma de vida voltou, os rigores da penitência e fundadores importantes começaram a atrair seguidores, entre eles Robert de Abrissel ganhou destaque.

O retorno ao ermetismo, segundo alguns historiadores, deve-se ao crescimento demográfico, havia muitos candidatos à vida religiosa e poucos espaços nas casas tradicionais, principalmente para as mulheres que passaram a viver sozinhas nos arredores dos mosteiros, em celas próximas a Igrejas nas cidades ou até nas muralhas.

Considerando as afirmações de Silvia (apud L'Hermitte-Leclerq (1994, 207-208) enfatiza que:

A reclusão, essa forma de piedade que atinge seu ponto máximo século XIII, foi tipicamente urbana, em um período que assiste a multiplicação e o crescimento das cidades. Nelas, cabia ao recluso ou à reclusa interceder pelos cidadãos, e, quanto maior o seu número, maior o prestígio do núcleo urbano.

A vida reclusa dependia do bispo e do clero da cidade e, para ela, foram escritas regras. Mulheres eram a maioria dos enclausurados, de variadas origens sociais, pela opção deste etilo de vida eram o centro de profunda admiração e as mais ilustres tiveram suas vidas hagiografadas. “Todas, porém, pareciam buscar uma vida de penitência, como Maria Madalena, uma santa cada vez mais popular”, conforme Silvia (apud L'HERMITE-LECLERQ, 1994, p. 216).

No século XII, no Norte da Europa, formaram-se as comunidades religiosas das beguinhas, mulheres leigas que buscavam seguir o modelo *vita vera apostolica*<sup>9</sup>, muitas tentaram espaços nos mosteiros, mas não encontraram, então passaram a viver sua espiritualidade de maneira diferente das demais. Viviam independente de Ordem masculina e não se submeteram à clausura. As beguinhas não aderiram aos debates teológicos, viviam do seu trabalho.

Grundmann diz que as beguinhas “[...] nunca representaram uma forma planejada de vida religiosa; mas foram a forma preferida para o movimento religioso

---

<sup>9</sup> Os movimentos religiosos do século XII tinham estabelecido um novo padrão de vivência da espiritualidade, a chamada *vita vera apostolica*, que se difundiu pela Europa Ocidental e tomou diversas expressões nos vários grupos e ordens religiosas, dentre elas a Franciscana. A construção da *vita vera apostolica*, que se apoiava no tripé: pobreza, penitência e pregação, é paralela a este processo. (VAUCHEZ, 1996: 73-74) Essa nova forma de espiritualidade demandava uma Igreja mais próxima dos fiéis e uma maior participação dos leigos, homens e mulheres.

de mulheres na medida em que não encontravam acolhida nas novas ordens” (1995, p. 139).

Nas comunidades beguinas, as mulheres adotaram uma forma de vida diferenciada, com fortes laços de amizade, dedicavam-se à caridade, aos trabalhos manuais e, em alguns casos, à educação de meninas.

Inicialmente as beguinas eram enaltecidas por sua piedade, porém, mais tarde, foram acusadas e perseguidas por “heresia”. Esta situação deu-se no contexto da “reação conservadora” que se seguiu posteriormente à morte do Papa Inocêncio III, implicando um maior controle das formas de vida religiosa.

Há entre alguns historiadores e historiadoras muita discussão sobre as motivações que levaram as mulheres a optar por este estilo de vida, alguns defendem que a falta de opção pelo matrimônio levou muitas mulheres a esta escolha, outros defenderam a autodeterminação das mulheres que fizeram a opção pela vida religiosa.

Conforme Silva (2009. P.13-14) descreve o posicionamento de alguns destes historiadores:

Caroline Bynum, ao discutir a atração das mulheres pelos movimentos de *vita vera apostolica*, elencou as várias motivações que muitos historiadores apontaram para justificar o seu interesse, a mais significativa seria a demográfica, que implicava a falta de maridos. Bynum discorda e argumenta que o poder simbólico que a virgindade consagrada conferia, e, no caso das beguinas, uma vida religiosa ativa no *seculum* representavam atrativos suficientes (BYNUM, 1982: 15). Para ela, assim como para Brenda Bolton, não se tratava de uma segunda opção, mas de um interesse genuíno de viver de acordo com a *vita vera apostolica* (BOLTON, 1983: 93-94). A justificativa demográfica pode ter influenciado, mas dar-lhe o maior crédito é colocar as escolhas das mulheres sempre orbitando ao redor dos interesses dos homens, fechando os olhos para os demais fatores que poderiam estar envolvidos no processo. O que Bynum e Bolton buscam fazer é refletir sobre a imagem de mulher criada e perpetuada pela historiografia, uma imagem marcada pela ausência de autodeterminação, pela incapacidade e dependência. Nesse sentido, a justificativa demográfica coloca as escolhas das mulheres orbitando ao redor dos interesses dos homens, e o casamento como o grande objetivo feminino desde sempre e para sempre. Por esta ótica, ser beguina é uma segunda opção, resultado da falta de possibilidades de inserção em Ordens tradicionais ou de um matrimônio compensador. Alguns testemunhos de época apontam para outros aspectos, e o olhar atento de historiadoras como Brenda Bolton coloca em evidência o que o discurso androcêntrico busca calar. Exemplo dessas vozes no século XIII é Jacques de Vitry, que, como muitos religiosos de seu tempo, mostrava interesse pelos movimentos de mulheres piedosas. Brenda Bolton aponta que Jacques de Vitry, assim como o Papa Inocêncio III, considerava as novas religiosas, como as beguinas, uma fonte de atração nos limites da ortodoxia e servindo de barreira para o avanço de grupos realmente “heréticos” (BOLTON, 1980: 146). Como vimos, havia outros modelos de vida religiosa concomitantes aos

três descritos por Leclerq, e que foram comuns até o século XII. A constituição das Ordens religiosas, entretanto, contribuiu para que mudanças significativas fossem introduzidas na forma como os mosteiros eram organizados. A partir de então, e até o século XIII, “[...] todos os movimentos espirituais no seio da Igreja teriam como ponto de partida ou de chegada à fundação de Ordens religiosas” (VAUCHEZ, 1996: 34). O tempo dos mosteiros autônomos começava a ser superado, e a vida religiosa feminina não voltaria a ser a mesma (GRUNDMANN, 1996, p. 113 e BOLTON, 1980: 150).

Nem todas as novas Ordens estavam abertas para as mulheres, desta forma, sua inclusão foi realizada tardiamente, na maioria das vezes contra a vontade dos seus fundadores. Quando eram aceitas, as mulheres, muitas vezes, vivenciavam uma atitude dúbia, que poderia levá-las à sua exclusão.

De acordo com Silva (2011, p. 2)

Impulsionados pelo fervor religioso, os séculos XII e XIII foram marcados pelo surgimento de novas ordens religiosas, por movimentos leigos, alguns marcadamente femininos, como os das beguinhas e por experiências religiosas que foram consideradas heréticas, como a Igreja Cátara. Esta última, inclusive, também com grande participação feminina, pois as mulheres teriam “[...] um papel bem mais amplo e muito mais importante que o de sua irmã católica, [...]” (BRENON, 1992: 92). É exatamente neste momento de florescimento de várias práticas religiosas e de construção de uma ortodoxia que buscava limitar a participação feminina que o grupo Franciscano começa a se estabelecer.

Ainda sobre este período Silva (apud BELL 1989, p. 145), destaca:

Do IV século até o século XII, [...] as mulheres tiveram um importante papel na vida monástica e, do século treze em diante, no ressurgimento da piedade institucional. As mulheres afluíram tanto como líderes quanto como simples membros das comunidades religiosas femininas tais como as dominicanas, as Clarissas pobres, e as beguinhas. [...] No mesmo período, não é surpresa, que as mulheres também estivessem na vanguarda dos movimentos “heréticos”.

Embora o número de casas femininas fosse menor que o de mosteiros masculinos, sua presença não era ignorada, tampouco insignificante, as mulheres foram ativas do movimento monástico desde o seu primeiro momento.

Fosse elas penitentes, hereges, beguinhas, monjas, contribuíram significativamente e foram protagonistas diretas no estabelecimento de novos modelos de vida religiosa.

Silva considera a afirmação de Leclerq (1980, p. 67) na qual descreve:

Que o século XII foi o momento da ampliação do recrutamento com a admissão de um número cada vez maior de mulheres que não tinham origem nobre, da diversificação da prática religiosa, e, também, do movimento de disciplinarização da vida religiosa feminina, a partir de um modelo centrado na clausura.

A Regra de São Bento era predominante, não levando em consideração a diversidade, seu uso vigoroso no íntimo da Igreja, por esta razão, ocorreram críticas do seu uso nas comunidades de mulheres.

Segundo Silva (2011, p.3);

Ainda que com críticas, o modelo beneditino era o de maior aceitação. O padrão de ordem religiosa, iniciado por Cluny, abriu caminho para que outras ordens se estruturassem, seguindo ou não a Regra *Beneditina*. No entanto, foi a criação de uma nova ordem que se propunha viver a regra de forma genuína, que terminou se impondo como modelo para os séculos XII e XIII. A crítica se deu em vários níveis, como na observância da pobreza, algo que estava em consonância com a *vita vera apostolica*. (VAUCHEZ, 1995: 86)

A mais importante das Ordens nascidas no sul da Europa no século XII, foi a Ordem de Cister, e era basicamente voltada para modificação de casas monásticas, várias delas de origem de outras ordens, como Cluny. Refere-se a uma mudança com a intenção de retornar às origens da vida monástica e à pureza da *Regra Benedictina*, o que não foi uma tentativa de inovação diante das novas necessidades da Cristandade.

Silva (2011, p.3) demonstra a percepção de Bolton e Grundmann;

A reforma proposta pelos cistercienses deveria ser feita dentro do claustro, logo, para muitos não se tratava da defesa da *vita apostolica*, mas sim, da *vita angelica*, aquela apartada do mundo e marcada por orações que visavam expiar os pecados da sociedade. (BOLTON, 1986: 25) Grundmann defende que os cistercienses foram um dos instrumentos da cúria para conter os novos movimentos religiosos, representando, em certo sentido, uma proposta de monacato que não tinha como objetivo incorporar as mulheres. (GRUNDMANN, 2002: 77)

Entretanto, a ordem não era um bloco único, porque sem o apoio oficial, várias casas femininas, principalmente na Península Ibérica e em Flandres, começaram a seguir os moldes de Cister. Estas casas tinham, muitas vezes, o suporte de monges e abades que não compactuavam da mesma visão misógina que membros da ordem. No caso da Península Ibérica, vários dos mosteiros femininos eram ligados à alta nobreza e as abadessas detinham de grande poder. Conseqüentemente, omitir a

atuação das mulheres, não reconhecer sua adesão, não significava que elas não estivessem presentes.

Conforme afirma Silva (2011, p. 4);

A resistência oficial da ordem durou por quase cem anos, até que, em 1120 a primeira casa feminina de Cister foi fundada oficialmente. Este fato deve ser visto como notável, pois os cistercienses criticaram duramente os cluniacenses, alegando que as mulheres eram incapazes de suportar a vida religiosa nos moldes beneditinos.

A maioria dos mosteiros da Península Ibérica já preexistiam, a maior parte das casas cistercienses de mulheres aderiram a Regra Beneditina na versão cisterciense, deste modo as abadessas constituíram seu próprio capítulo, assim como os abades, elas determinavam a respeito das questões significativas para as mesmas.

Somente em 1213, o Capítulo Geral da Ordem<sup>10</sup> admitiu a existência das monjas cistercienses e se ocupou especificamente dos conventos de mulheres.

Ainda de acordo com Silva (2011, p. 4);

O caso cisterciense é importante, pois foi o modelo de vida religiosa feminina desta Ordem, que serviu de molde para as medidas normatizadoras dos movimentos de mulheres, propostas no século XIII. Todavia, o século XII é o momento da expansão da vida religiosa feminina em suas múltiplas formas, e as novas ordens religiosas são particularmente ricas para ilustrar quais seriam as possibilidades oferecidas às mulheres naquele momento. Um exemplo disso, são as ordens mistas e, dentre elas, nenhuma é tão conhecida quanto Fontevault, fundada por Robert de Abrissel, um pregador itinerante que, como tantos outros de seu tempo, atraíam um grande número de seguidoras. Brenda Bolton defende que a criação da ordem foi uma medida disciplinar, visando garantir a boa fama tanto do pregador, quanto das mulheres que o seguiam.

A Ordem apresentava-se como um modelo incomum, era dirigida por uma abadessa que imprescindivelmente viúva, responsável pela direção de três casas, sendo uma para virgens e viúvas nobres, outra formada por mulheres penitentes e a terceira casa era masculina. Embora fosse uma ordem de elite, era um exemplo da

---

<sup>10</sup> O estatuto saído desta reunião tinha como uma das suas maiores preocupações reforçar a clausura e limitar ao máximo o contato das religiosas com o seculum, regulando inclusive as possibilidades de confessar. Já em 1228, definiu-se que não haveria novas filiações de casas de mulheres, o que não impediu que a ordem continuasse a atraí-las, e a decisão do Capítulo Geral não colocou fim às novas adesões. (BOLTON, 1986: 101-102)<sup>1</sup> Caroline Bynum vai mesmo dizer que tal decisão permaneceu “letra morta”. (BYNUM, 1982: 14)

variedade da vida religiosa feminina e demonstrava as diferentes posições das mulheres dentro das ordens.

No século XII, as autoridades religiosas tendiam a legislar em favor das religiosas, entretanto, os homens eram contrários à presença feminina em suas ordens.

Silva (2011, p. 5) destaca o seguinte caso;

Este foi o caso dos Pemonstratenses que se viram em questão com o papado quanto à manutenção de mosteiros duplos e à admissão de mulheres. Esta Ordem, iniciada em 1121 por Norberto de Xanten, começou com a fundação do mosteiro duplo de Prémontré, onde as mulheres viviam sob uma disciplina muito rígida e tinham o cuidado dos pobres e doentes. A popularidade da Ordem entre as mulheres era tão grande que se dizia que no Norte da França e Países Baixos, em 1150, as mulheres eram mais de 10 mil.

No decorrer dos próximos anos, os Capítulos da Ordem legislavam contra as mulheres, os conventos foram separados em 1137, contudo determinou-se que os irmãos continuariam subsidiando as Irmãs. No ano de 1198, Inocêncio III concordou com a decisão do Capítulo da Ordem que determinou que as mulheres não fossem aceitas na mesma. Sendo assim, as mulheres vocacionadas deveriam buscar outras possibilidades, pois os mosteiros não aceitariam mais a presença feminina.

Na visão de Silva (2001, p. 5), observa-se o esforço para limitar a atuação das mulheres religiosas:

Se os religiosos se esforçam por excluir as mulheres, esforço caracterizado nos discursos misóginos, eles também buscaram agregar outras razões que justifiquem a limitação do número de mulheres que ingressam na vida religiosa. O que se está construindo é uma Ordem hierárquica calcada no biológico e que justifica a sujeição das mulheres, sua exclusão, com o exercício direto do poder dos homens sobre as mulheres. Schulenburg que “[...] abadessas [...] perderam não somente sua liberdade de movimento, mas também a sua antiga influência” e, ainda que continuassem sendo convocadas por reis e imperadores, “[...] não participavam das assembleias reformadoras”. (SCHULENBURG, 1888: 115)

Compreende-se que, mesmo não estando diretamente conectados, os diversos discursos<sup>11</sup> do período formaram uma rede que indicava a exclusão feminina nas Ordens Religiosas.

---

<sup>11</sup> Um dos mais importantes testemunhos sobre Francisco de Assis, recolhido de um de seus primeiros companheiros, Frei Estevão, mostra as resistências do santo em receber mosteiros de mulheres em sua ordem, nenhuma mulher, com exceção de Clara e suas irmãs, mas aponta, também, que outros franciscanos não pareciam tão “temerosos”: “Dizia o mesmo Frei Estêvão que o bem-aventurado

O peso econômico que as mulheres representavam para as Ordens era mais relevante do que as preocupações com o perigo moral e espiritual por elas representados. Portanto, “[...] a clausura se torna um bem em si mesma, e o primeiro de todos, aquele em função do qual outros são sacrificados, a começar pela pobreza: a vida claustral exige a existência de rendas e reduz a possibilidade de trabalho.” (SILVA apud LECLERQ, 1980, p. 86).

Sobre esta questão Silva (2011, p. 6) descreve:

A clausura, se seguida nos moldes propostos, tornava as religiosas absolutamente dependentes da boa vontade dos seus patronos laicos e religiosos, assim como de procuradores que deveriam gerir seus bens. Sem autonomia e a possibilidade de romper a clausura, tornava-se muito mais fácil controlar a prática religiosa feminina, sua adesão às ordens religiosas, impondo sérios limites à independência dos mosteiros de mulheres. Embora não fosse o caso de todas as comunidades femininas, algumas desejavam poder trabalhar para seu sustento, algo que a clausura limitava. Por conta da intransigência na defesa da clausura, muitos mosteiros se viram obrigados a limitar o número de monjas por economia. E os dotes eram fundamentais, mesmo que a cúria tivesse tentado ligar esta prática à simonia<sup>12</sup>, ao longo do século XII, ainda que sem muito sucesso.

Observa-se que a forma como foi limitada a participação das mulheres e suas ações foram evoluindo, seguindo uma perspectiva negativa, uma vez que as novas imposições além de diminuir o número de religiosas, também minimizava o poder, a autonomia e a presença feminina atuante na Igreja.

A coação em relação aos mosteiros femininos tinha origem em diversas partes, por exemplo: a clausura reprimia as perspectivas de sustento e autogestão, as ordens masculinas negavam-se a filiar novos mosteiros para mulheres e a Cúria condenava a cobrança de dotes. A prática condenada era um indicativo das necessidades pelas quais certos mosteiros passavam.

Para Silva (2011, p. 7);

---

Francisco não queria ter familiaridade com nenhuma mulher, nem aceitava das mulheres as familiaridades próprias das mulheres; parecia ter afeição unicamente para com a bem-aventurada Clara. No entanto, quando falava com ela ou sobre ela, não a chamava pelo seu nome, mas chamava-a de Cristã. Tinha o cuidado dela e do seu mosteiro. E ele jamais mandou que se fundasse outro mosteiro, embora no seu tempo tivessem sido construídos alguns mosteiros, por empenho de alguns. E quando ouviu dizer que as mulheres reunidas nos ditos mosteiros eram chamadas de Irmãs, conta-se que ele, fortemente perturbado, teria dito: "*O Senhor tirou-nos as esposas, mas o demônio nos arranja irmãs*". [...] (Testemunho de Frei Estevão de Narni)

<sup>12</sup> O cânone LXIV do IV Concílio de Latrão trata a questão da simonia e condenou principalmente os mosteiros femininos por esta ação. O texto se inicia com duras palavras: “O pecado da simonia se desenvolveu de tal maneira entre as monjas, que sob o pretexto da pobreza não admitem senão a um número mínimo de Irmãs que não possuem dinheiro. [...]” (Lateranense IV, LXIV: 200)

A questão dos mosteiros femininos expõe a tensão entre os diversos partidos interior da instituição eclesiástica. Da mesma forma que alguns indivíduos buscavam limitar o acesso das mulheres ou mesmo excluí-las, outros buscavam garantir a sua permanência, mesmo que com limitações. A Cúria mesmo não estava insensível e o testemunho de Frei Estevão aponta tanto para o fato de alguns membros da Ordem Franciscana fundarem mosteiros de mulheres, ainda que algumas vozes se mostrassem radicalmente contrárias à presença feminina nas ordens, elas não foram eliminadas, tampouco estavam sozinhas.

No entanto, as vozes misóginas ganhavam cada vez mais espaço e sob a desculpa da proteção, a ingerência sobre a vida religiosa feminina aumentou muito no século XIII.

A vida das mulheres foi definida sob a visão masculina predominante, na qual a condição feminina foi marcada por suas próprias deficiências, na sociedade de modo geral, e singularmente, na vida religiosa, submissão, silêncio e, no caso das religiosas, a clausura.

Consideradas como incapazes de gerir a própria vida pela fragilidade do sexo feminino, ou por outras características construídas pela imposição masculina, as mulheres passaram, durante séculos, sob a tutela dos homens em qualquer situação, a submissão feminina perpetuada, tendo, como discurso justificativo, a necessidade de protegê-las e proteger os homens, era preciso tutelá-las, discipliná-las, e no caso das religiosas enclausurá-las.

Para Francelino (2020, p. 870):

Nos conventos, elas não estavam sob a tutela do pai, marido ou filho mais velho, entretanto, estavam sujeitas à hierarquia masculina de clérigos da Igreja. Embora muitas delas buscassem a vida religiosa em virtude de um chamado divino, denominado “vocaçãõ”, outras tantas eram enclausuradas em consequência de um paradigma que conferia a elas sujeição e inferioridade diante do sexo oposto.

Em 1298, determinou que todas as mulheres religiosas deveriam viver perpetuamente em estrita clausura, algumas Ordens além dos votos de castidade, obediência e pobreza adotaram o voto de clausura.

Segundo Francelino (2020, p. 871);

A primeira lei com caráter universal para a clausura foi a Constituição Peticulosa de 1298, instituída pelo papa Bonifácio VIII, que proibia terminantemente a saída das religiosas dos conventos, salvo em casos de doença contagiosa que pudesse colocar em risco toda a comunidade. No século XVI, o papa Pio V determinou que a saída da reclusão só poderia acontecer em casos de incêndio, lepra – ou outra doença contagiosa –, ruína do edifício que abrigasse tais mulheres ou em ameaça iminente de guerra, mas, em todas as situações, era necessário pedir autorização por escrito à



respectiva autoridade eclesiástica responsável. Destarte, no século XVII, a vida religiosa monástica tinha como princípio basilar a clausura (Apud FERNANDES, 1992).

A partir do século XVIII as religiosas iniciaram aquilo que se denominou “vida ativa”, dedicando-se principalmente ao cuidado dos doentes e da educação.

O decorrer do processo histórico da vida religiosa foi marcado por uma variedade de crises, reformulações e ressignificações, ressaltando o destaque revolucionário do Concílio Vaticano II, convocado pelo Papa João XXIII, realizado na década de 1960.

O concílio foi indiscutivelmente a maior renovação da Igreja Católica em diferentes aspectos, entre eles, pode-se destacar a liturgia, a eclesiologia, a relação da Igreja com a sociedade civil e transformação na visão católica sobre o papel e a importância da mulher dentro e fora da Igreja.

### 3 BÁRBARA: DA INFÂNCIA POBRE A BEM-AVENTURADA.

Neste capítulo, será apresentada a vida e a trajetória de Bárbara Maix, desde sua infância, pobre, na Áustria, até a sua beatificação em Roma.

Buscar-se-á retratar os desafios enfrentados por Bárbara, ao sair de sua terra natal e a chegada e adaptação no Brasil, as dificuldades para fundação da Congregação do Imaculado Coração de Maria, a atuação junto aos mais necessitados no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, os conflitos internos vividos dentro da Congregação, na qual, Bárbara foi caluniada, difamada e vítima de inúmeras mentiras. A referência principal de nossa pesquisa sobre a vida de Bárbara Maix é a obra do padre Otávio Bortoluzzi, que realizou uma exaustiva pesquisa sobre sua vida e obra.

Mostrar-se-á também o milagre que a elevou à categoria de bem-aventurada, motivo pelo qual se justifica a proposta de produto desta pesquisa.

#### 3.1 A INFÂNCIA: POBREZA, PERDAS E AMADURECIMENTO PRECOCE

Bárbara era a mais jovem dos nove irmãos nascidos do segundo casamento de José Maix com Rosália Mauritz. No primeiro casamento José Maix teve quatorze filhos.

Bárbara nasceu em Viena, aos vinte e sete de junho de 1818 e faleceu no Brasil em 17 de março de 1873 na Província do Rio de Janeiro. A vida da família Maix contrastava entre a simplicidade e o luxo da vida imperial, bem como destacava-se ainda pela grande devoção religiosa, pois como católicos se dedicavam à veneração de Maria e de Jesus.

Seu pai, José Maix era funcionário do palácio imperial Schönbrunn<sup>13</sup>, moravam em uma modesta casa, cedida aos funcionários do palácio, em que chegou a exercer o cargo de camareiro imperial, entretanto, o salário era insignificante para prover as necessidades da família.

Segundo Bortoluzzi (1996, P.31)

A família de José Maix contava, nesta época, com 8 filhos vivos. O ordenado já não era suficiente. Apesar de todas as economias, o estado financeiro da família era preocupante. Em 1801, nasceu a pequena Josefa, completando o

---

<sup>13</sup> Historiadores comparavam o palácio diante da sua beleza e grandiosidade com o palácio de Versalhes.

número de 9 filhos. Começou-se, então, a sentir a indignação, e o pai decidiu apresentar uma súplica ao Imperador, pedindo ajuda para o sustento e educação dos filhos.

A situação de muitas dificuldades financeiras vivenciadas pela família Maix, agravava-se ainda mais. Em um curto espaço de tempo, a morte prematura de vários filhos de José Maix, tanto do primeiro como do segundo casamento, causadas pela fome e epidemias da época aumentaram, significativamente, o sofrimento de todos.

Apesar da pobreza, os filhos de José Maix receberam educação conforme afirma Bortoluzzi (1996, p.39)

Os filhos dos Maix, não só recebiam educação na escola paroquial, que ficava ao lado direito do Santuário paroquial de Hietzing, como também em casa, onde a mãe se ocupava zelosamente da educação de seus filhos.

Segundo Bortoluzzi (1996, p. 39), “Bárbara, por ser a caçula da família, gozou da predileção dos pais, que lhe deram instrução mais aprimorada e o privilégio de frequentar a escola por mais tempo que suas irmãs”. Entretanto, esta situação durou pouco tempo, pois aos quinze anos, Bárbara já era órfã de pai e mãe, junto com mais quatro irmãs, condição que agravou a situação financeira da família que já era precária<sup>14</sup>, pois o salário do pai foi suspenso.

Bortoluzzi (1996, p.46) descreveu a situação:

Abriu-se, agora, para as cinco órfãs Maix, a perspectiva de um futuro preocupante. A 21 de agosto, o Diretor Geral das Finanças pediu a suspensão do salário do finado José Maix. A 31 de agosto, então, o salário dele foi cortado, e o Departamento Florestal suspendeu também o fornecimento das 3 tosas de lenha grossa e 3 de lenha fina, inerentes ao ofício dele.

As condições das irmãs órfãs agravaram-se sem o salário do pai e com duas delas adoentadas e incapazes para o trabalho, “sentiam-se sem pai, sem mãe, sem emprego e com apenas 6 florins em caixa” (Bortoluzzi, 1996, p.46), era a realidade das jovens.

---

<sup>14</sup> Conforme relatado por Bortoluzzi (1996. P 46.), toda herança foi avaliada em 46 florins. As despesas consistiam em 20 fl. para os funerais e 20 para caixão, velório e vestuário do finado. Restavam, portanto, apenas 6fl. de herança.

Ao observar os bens deixados, é possível verificar a pobreza e precariedade em que a família vivia.

Bárbara contraiu tifo, sofria com asma e problemas cardíacos e diante da situação, houve a necessidade da busca de benefícios legais concedidos às pessoas em situação de extrema pobreza e da compaixão de alguns, ela conseguiu uma pensão de 100 florins anuais, pagos até completar 18 anos. Em 1836, Bárbara completaria dezoito anos, ciente de que a pensão seria suspensa, decidiu antecipar-se e, no final de janeiro daquele ano, solicitou que um pedido de manutenção de sua pensão fosse enviado ao imperador, porque sem esse benefício, estaria em situação de mendicidade.

De acordo com Bortoluzzi (1996, p. 50)

A 27 de junho de 1836, Bárbara iria completar 18 anos, com que cessaria sua pensão de 100 fl. anuais, cuja privação a deixaria em grande indignação. Dotada de heroica coragem, no que se salientou em todo resto da sua vida, decide dar um passo arrojado: pedir a continuação desta pensão, mesmo depois de completar os 18 anos. Já em fins de janeiro, portanto, dirige-se ao benévolo Czermin<sup>15</sup> e expõe-lhe a triste situação sua e de suas irmãs, bem como o propósito de apresentar o pedido ao Imperador.

O pedido foi enviado em 10 de fevereiro de 1836, sendo aceito no dia dezanove do mesmo mês, durante a reunião da Diretoria do Tesouro, todavia o valor da pensão foi reduzido para 50 fl. anuais, como afirma Bortoluzzi (1996, p.51)

No dia 19, na reunião da Diretoria do Tesouro, entre outras questões, deliberaram também que, vista a triste situação da suplicante, podia ser-lhe concedida esta dádiva. Propuseram apenas a redução de 100 para 50 fl., que era a quantia que estavam recebendo também suas irmãs Rosália e Maria. No 26 de março, o Imperador assinava a concessão de 50 fl. também para Bárbara, até que se restabelecesse ou encontrasse colocação.

As dificuldades enfrentadas por Bárbara e suas irmãs foram muitas, inclusive pela ausência de ter um tutor legal. Das cinco órfãs, duas casaram-se, outra empregou-se como doméstica, ficando Maria e Bárbara sozinhas. De acordo com as pesquisas de Bortoluzzi (1996, p.52)

Não se conhece data certa em que Bárbara e Maria transpuseram, pela última vez, a soleira do lar paterno de Schönbrunn. Deve, porém, ter sido em 1837 ou começo de 1838, pois as encontramos novamente, só em 1840, no centro de Viena, na casa da professora Ana Haltenwanger, no Judenplatz, aprendendo corte e costura, bem como quaisquer trabalhos de agulha. Com

---

<sup>15</sup> Conde e tesoureiro-mor do paço imperial que orientou as irmãs Maix a solicitarem ajuda do governo também intercedeu por elas a favor do pagamento de uma pensão pelo Estado.

seu trabalho, pagavam a pensão e o ensino. É provável que, antes disto, tenham estado na casa de alguma das irmãs casadas.

Durante três anos, Bárbara e Maria fizeram um curso de modista, aprendendo costura e outros trabalhos manuais femininos, aspecto fundamental para sua subsistência. Trabalhavam e moravam na escola, junto com outras aprendizes.

Nesse cenário, Bárbara desenvolvia suas habilidades como modista por um Império em processo de industrialização e, ao mesmo tempo, vivenciando os martírios da fome, violência e marginalização da sociedade austro-húngara.

### 3.2 UMA JOVEM QUE ACOLHEU OUTRAS JOVENS

No processo de industrialização do Império Austríaco, a multidão de desempregados aumentava significativamente a fome, o desespero, o alto índice de desemprego e da competitividade, encaminhada ao processo de desumanização. Neste contexto, Bárbara resolveu empenhar-se a minimizar, na medida do possível, os problemas sociais vividos pelas domésticas e das desempregadas de Viena. Atendendo as jovens vindas do interior, “percebeu mais cruamente a situação das moças desempregadas, principalmente as que vinham do interior, as quais, namaioria, acabavam na prostituição” (BORTOLUZZI, 1996, p.63).

Bárbara acreditava que um dos principais fatores que corroboravam para a difícil situação em que se encontravam as jovens, era a falta de lugar adequado para se estabelecerem na cidade enquanto buscavam oportunidades de trabalho. Diante de tal contexto, o nascimento tanto de crianças legítimas e ilegítimas aumentava, por exemplo, no ano de 1841, na cidade de Viena e arredores, constatou-se cerca de 8941 filhos legítimos e 7731 ilegítimos – provenientes de mães solteiras e que se dedicavam aos trabalhos de empregada doméstica. Segundo Bortoluzzi (1996, p.63 e64):

Uma das causas principais desta decadência era a falta de pensões adequadas, onde as jovens empregadas, principalmente durante o período de desemprego, pudessem achar hospedagem e abrigo contra a sedução. Grande parte dessas pensões eram as chamadas alcovas. Suas proprietárias favoreciam a prostituição das pensionistas e até as forçava a isso, visando lucros maiores. Eram chamadas de alcoviteiras.

Bárbara percebeu a necessidade de amenizar a situação de vulnerabilidade a qual essas mulheres encontravam-se. No ano de 1843, criou uma pensão, destinada ao acolhimento de jovens trabalhadoras e desempregadas, juntamente com sua irmã Maria e outras companheiras da escola onde estudou costura.

A partir desse momento, nasceu o desejo de fundar uma congregação “para dedica-se à educação de meninas e assistência às jovens desempregadas” (BORTOLUZZI, 1996, p.65), em que, posteriormente, tornou-se a Congregação de Irmãs do Coração de Maria.

### 3.3 AS TENTATIVAS DE FUNDAR A CONGREGAÇÃO

A situação das jovens que chegavam a Viena, para buscar novas oportunidades de trabalho e estabilidade, era desfavorável, pois o cenário era propício para exposição à vulnerabilidade social e moral.

Em 1843, Bárbara e suas companheiras diplomadas na profissão de modistas sentiam-se capacitadas para acolher essas jovens, prestando assistência, abrigo e educação. Para tanto alugaram um apartamento modesto em um prédio na rua Naglergasse, próximo ao centro de Viena.

No entanto, neste contexto, havia um empecilho, o governo imperial e a Igreja eram contrários às Ordens Religiosas, principalmente as novas. Conforme destaca Bortoluzzi (1996, p. 66), “tanto ela como o Pe. Pöckl sabiam muito bem que a Cúria Arquidiocesana e o governo josefinista não eram favoráveis às “Ordens Religiosas”, motivo pelo qual a cerimônia de fundação foi discreta e reservada somente às interessadas, Pe. Pöckl foi quem presidiu a mesma.

Mesmo sabendo que a fundação da Congregação não seria aprovada, pelo Arcebispo e nem pelo governo, para dar continuidade ao seu projeto, Bárbara inicia seus primeiros passos com a fundação do Instituto Para Empregadas, o local tinha como finalidade oferecer hospedagem e formação cristã para moças empregadas e desempregadas que chegavam a Viena.

O Instituto era mantido com a venda dos trabalhos manuais, como bordados e similares, que aprenderam na escola de Dona Ana. “Faziam, principalmente, bordados em seda e lã, forravam botões, costuravam vestidos, confeccionavam chapéus da moda, flores artificiais e outros artigos que eram comprados pelas lojas da cidade” (Bortoluzzi 1996. P.68)

Segundo o mesmo autor este foi o caminho encontrado para fazer a Congregação crescer “a sombra do Instituto ou Pensão de empregadas. A fundação do Instituto de empregadas seria apenas um meio para conseguir a fundação da Congregação mais adiante” (Bortoluzzi 1996. P.68).

Nessa época, entretanto, para fundar uma pensão de empregadas era necessária a autorização da polícia. Para facilitar a aprovação da mesma, Bárbara procurou apoio no Arcebispo de Viena, D. Vicente Milde, juntamente com sua irmã Maria levaram o projeto ao Arcebispo e expuseram-lhe seus objetivos.

O Arcebispo garantiu total apoio, inclusive, doando uma série de livros e outros objetos, mesmo sabendo que a ideia de fundar uma congregação Religiosa seria rejeitada. A fundação do instituto “foi o elo secreto”, até ser concretizada a fundação da Congregação no momento em que a situação se tornasse adequada.

Pouco tempo após a audiência com D. Milde, as irmãs Maix encaminharam o pedido de autorização para polícia a fim de obter a licença para abrirem a Pensão de empregadas. Posteriormente, uma detalhada inspeção policial, e uma minuciosa investigação sobre a respeito da vida das jovens e suas respectivas condutas morais, o parecer policial foi favorável à abertura da Pensão. O Decreto Imperial, de 18 de outubro de 1843, concedeu às irmãs Maix a licença solicitada, a autorização para hospedagem de empregadas durante o desemprego.

Em 1844, Bárbara buscou a autorização para fundar a Congregação junto ao imperador, com a documentação organizada – Constituições - foi até o palácio imperial apresentar sua súplica, no qual foi descrita. Ela mesma ouviu a aprovação verbal do próprio Imperador Ferdinando, o sim tão desejado. Todavia, a aprovação verbal não era o suficiente, precisava percorrer todos os trâmites oficiais, vários relatórios e pareceres faziam-se necessários. Durante um ano de análise, vastos relatórios e discussões entre a chancelaria Austríaca e a Cúria Arquidiocesana o pedido foi negado.

Conforme os documentos apresentados por Bortoluzzi, a tentativa de Bárbara a fim de obter a aprovação para a fundação da Congregação e o reconhecimento oficial por parte das autoridades imperiais e da Igreja, foi intensa. As justificativas e os objetivos foram reconhecidos como de extrema necessidade, o Instituto para empregadas pôde continuar atuando, porém, a fundação de uma Congregação Religiosa não seria possível.

A partir da negativa sobre a fundação da Congregação, o Instituto passou a ser rigorosamente vigiado pela polícia, qualquer indício que o mesmo se tratasse como Ordem Religiosa, Bárbara poderia ser presa.

Consta ainda nos documentos que, em 1846, Bárbara fez mais uma tentativa de obter o consentimento para fundação da Congregação, pedindo ao governo aprovação oficial das Constituições de sua Ordem, novamente negada, sendo assim, a única maneira para Bárbara fundar a Congregação seria com a aprovação tanto do governo como da Cúria Arquiepiscopal, no entanto, ela sabia que ambos se opunham veementemente, a solução para obtenção da autorização dependia da autoridade máxima da Igreja, o próprio Papa.

Enquanto aguardava a resposta de mais uma tentativa de aprovação para fundar a Congregação, Bárbara encaminhou o pedido do seu passaporte, reorganizou as Constituições e preparou um relatório sobre a comunidade. Com o apoio do Padre Pöckl, que traduziu os textos das Constituições para o latim e, também, redigiu uma recomendação, bem como testemunhou a favor da fundação da Congregação e da conduta da jovem, o documento foi entregue ao Papa.

Segundo Bortoluzzi (1996. P. 165 e 164) Pöckl escreveu:

O abaixo-assinado atesta que a jovem Bárbara Maix, de 29 anos de idade, natural da Áustria, perto de Viena, desde sua juventude, levou a vida muito piedosa. Durante o período de 6 anos em que ele é seu Diretor espiritual, sempre se exercitou com diligência e fervor em todas as virtudes, de modo particular, distinguindo-se, eminentemente, na obediência e confiança em Deus. Atesta, outrossim, que a acima mencionada, já há três anos governa o Instituto por ela fundado, de grande utilidade para as domésticas, com a máxima paciência e admirável constância, apesar de se lhe oporem muitos obstáculos e lhe advirem as maiores dificuldades e perseguições de todas as partes, mantendo-o sempre em ordem com mão forte, segundo as normas cristãs. Por isso, o abaixo-assinado, segundo seu débil parecer, julga que esta virgem é movida e impulsionada por Deus para fundar uma Congregação de Irmãs, sob a proteção do Santíssimo Coração da Beatíssima Virgem Maria, tanto mais, por ter examinado por tantos anos, rigorosa e constantemente, esta esposa de Cristo e tê-la sempre encontrado inamovível e bem concentrada em Deus.

Viena, 29 de março de 1846.

João Pöckl, Diretor e confessor na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Stíria, Áustria Superior.”

Munida da documentação, Bárbara partiu para Roma, em abril de 1846, com objetivo de obter uma audiência com o Papa Gregório XVI. A audiência foi marcada para o dia 2 de junho, no entanto, o Papa adoeceu e morreu na véspera da audiência, no dia 1º de junho de 1846, mais uma vez Bárbara teve que adiar seus planos.



Bárbara pediu e recebeu, por intermédio de um Cardeal, um sapato de cetim vermelho e um colarinho branco, usados pelo Papa<sup>16</sup>. Durante o período que Bárbara esteve em Roma, sua irmã Maria, que ficou substituindo-a como Superiora interina, adoeceu e faleceu.

Ao retornar para casa, Bárbara enfrentou muitas dificuldades, além da perda da irmã e de outras jovens que morreram, teve que providenciar um novo espaço para o Instituto, entre os motivos<sup>17</sup> para mudança, o preço do aluguel foi o determinante.

O Instituto foi transferido para Wieden, uma região habitada pela população empobrecida e marginalizada de Viena, de acordo com os registros haviam muitos nascimentos de filhos ilegítimos, na maioria de empregadas solteiras. A presença do Instituto na região foi rejeitada por parte dos moradores, pois, o estilo de vida das jovens contrastava e era o oposto ao dos mesmos. Dois anos mais tarde, os moradores comemoraram a expulsão de Bárbara e suas seguidoras.

As dificuldades econômicas vivenciadas pelas congregadas, no ano de 1847, são narradas na Biografia Documentada de Bárbara Maix escrita pela Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, para a beatificação,

O grupo via-se obrigado a trabalhar muito, para o próprio sustento, pois o alto custo de vida, as reformas na casa, as doenças e funerais somava, despesas significativas. A pobreza trazia consigo a debilitação física a baixa imunidade das congregadas. Prova disso é que, no curto espaço de dois anos, morreram oito delas (CONGREGAÇÃO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA, s/d, p. 43).

As dificuldades geradas pela instabilidade política, econômica e social atingiu diretamente o Instituto, uma vez que, os recursos financeiros eram oriundos das vendas dos trabalhos manuais como: bordados, pinturas e confecções de roupas produzidos pelas próprias congregadas.

A situação das congregadas agravou-se com os novos rumos políticos que se desenhavam na Europa, a Revolução de 1848. As ondas revolucionárias minavam as principais monarquias europeias, fazendo forte oposição ao Antigo Regime, como trono e altar estavam unidos intimamente a Igreja também foi alvo dos levantes revolucionários.

---

<sup>16</sup> Estes objetos encontram-se preservados junto ao acervo do Memorial Bárbara Maix em Porto Alegre, na rua Riachuelo, 508.

<sup>17</sup> Sendo o demais motivos, a necessidade de um local maior devido ao aumento do número de jovens que buscavam acolhida no Instituto, também era prudente afastar-se do governo, pois estava localizado muito próximo do palácio e era alvo de constantes investigações.

### 3.4 OS REFLEXOS DA REVOLUÇÃO DE 1848 NA VIDA DE BÁRBARA MAIX E SUAS COMPANHEIRAS

Na Áustria a relação Estado-Igreja era estreitíssima, ao ponto de a polícia colaborar com a manutenção da ordem e obediência das práticas religiosas. Em Viena, de acordo com Bortoluzzi (1996. P. 190)

No início da quaresma, os delegados municipais vigiavam pela observância das leis imperiais que proibiam a dança e as diversões rumorosas. A certa hora da noite, não muito tarde, deveriam fechar-se as casas de diversão. Desde Domingo de Ramos até a Páscoa, eram proibidas, por lei, quaisquer diversões acompanhadas com música. Os que perturbassem as cerimônias religiosas pelo mau comportamento na igreja, eram severamente punidos pela polícia e, no caso de reincidência, se fossem estrangeiros, eram remetidos à sua terra natal.

A Revolução quando chegou a Viena encontrou diversos fatores locais que colaboraram para que a população aderisse ao projeto revolucionário. Desde o início da década de 1840, a população vienense encontrava-se em crescente processo de precarização, indústria e comércio vinham sofrendo uma crise avassaladora que contribuiu para o colapso destes setores, gerando um alto custo de vida.

As classes trabalhadoras foram diretamente atingidas pela crise, somando-se ao fato que houve o início do uso de máquinas nas fábricas que deu origem a muitos desempregados. A situação era tão crítica que, em 1847, os mendigos dos subúrbios começaram a invadir as cidades, abrigando-se nos esgotos, e saindo durante a noite para roubar.

Em janeiro de 1848, a miséria era tanta que um grupo de famintos atacou a ambulância imperial, deixando-a ir somente após o cocheiro ter-lhes entregado todo o dinheiro que possuía<sup>18</sup>.

Assaltos em armazéns e padarias eram constantes, o governo começou a distribuir no centro de Viena sopa gratuita para os desvalidos.

Calcula-se que aproximadamente 3.000 mendigos eram beneficiados diariamente, posteriormente, a sopa foi levada em carroças aos necessitados dos subúrbios.

---

<sup>18</sup> Fato narrado por Bortoluzzi (1996, p.190 e 191)

A parcela da população que morava em casas de aluguel sofreu os impactos da crise, além dos altos valores cobrados, os proprietários passaram a exigir o pagamento adiantado para o ano inteiro ou por semestre, também as despesas com os reparos ficavam por conta dos inquilinos.

Somados a esses fatores, uma forte tendência de anticlericalismo, motivado pela maçonaria, dirigia-se particularmente contra os Jesuítas e Redentoristas<sup>19</sup> então houve início de uma campanha de difamação mediante a boatos caluniosos.

A onda revolucionária, iniciada na França em 1848, cujos ideais liberais desejavam acabar com quaisquer resquícios do Antigo Regime, visavam consolidar a formação do Estado Burguês e se propagaram em várias partes da Europa, chegando a Viena logo após a deflagração da Revolução em Paris. Os descontentes com o governo austríaco passaram a endereçar súplicas ao imperador, exigindo a participação no governo e na legislação do país, e as manifestações tomaram conta da cidade, principalmente na frente do Palácio do Governo.

Em dois dias, os manifestantes atingiram seus objetivos e em 15 de março de 1848, o imperador Ferdinando garantiu a liberdade de imprensa, aprovou a elaboração de uma nova Constituição e a organização de uma guarnição civil armada, acolhendo as exigências dos revoltosos. A formação de uma comissão de cidadãos foi formada e 24 burgueses passaram a ocupar a administração de Viena.

Diversos setores da sociedade vienense passaram a exigir liberdade de expressão, de ensino, tolerância para todas as religiões e a suspensão de todos os decretos que oprimiam os diversos credos religiosos, a exemplo do decreto de expulsão dos Redentoristas e Jesuítas, de extinção de todas as casas de ensino mantidas pelas ordens religiosas. Solicitavam também a demissão do Chanceler do império, Conde de Metternich.

---

<sup>19</sup> Um Redentorista é membro da Ordem Católica Romana da "Congregação do Santíssimo Redentor", fundada em 9 de novembro de 1732 por Alfonso Maria de Liguori, em Scala. Em 2010, mais de 5100 membros estavam ativos em 77 países, 250 deles na Alemanha. De acordo com seu fundador, eles também são conhecidos como Liguorianos, e, a partir de 1825, também envolvidos supervisores de ligúrios, especialmente em Viena e particularmente da Revolução de março de 1848, bem como as contribuições atuais de hoje e as obras de Nestroy e Strauss.

Disponível em: <https://educalingo.com/pt/dic-de/redemptorist> . Acesso em: 12/12/22

Os padres Redentoristas tiveram uma larga atuação na Áustria, e forte influência na formação cristã de Bárbara Maix, o seu conselheiro espiritual Pe. Pöckl era membro da referida Ordem Religiosa. Em Viena os Redentoristas eram a Congregação mais influente devido a sua atuação no apostolado social, razão pela qual eram bem-vistos pela população. Entre os boatos que se espalharam sobre os Redentoristas destacou-se aquele que falava sobre a imensa riqueza e os tesouros escondidos no convento. A fim de justificar a acusação, chamaram a atenção para a riqueza dos paramentos sagrados da Igreja de Maria da Escada. Bortoluzzi (1996, p.190 e 191)

Nesse cenário, a onda revolucionária chegou até a casa onde Bárbara mantinha o Instituto das Desempregadas. É importante destacar que pouco antes dos levantes revolucionários, o mentor espiritual de Bárbara, o Pe. Pöckl foi morar junto à comunidade por ela mantida, este fato foi fundamental para que a casa se tornasse alvo dos revolucionários.

Conforme a narrativa de Bortoluzzi (1996, p.197):

Os revolucionários não estavam satisfeitos com o êxito até então obtido. Faltava-lhes o principal: acabar com as Ordens Religiosas. Panfletos, cartazes e caricaturas difamantes eram lançados ao público, tentando revoltá-lo contra o Redentoristas. Procuraram também utilizar, para isso, “música de gatos”<sup>20</sup>, que constituíam um elemento típico da revolução de Viena, dado o caráter folgazão de seus habitantes.

Os desdobramentos dos eventos promovidos pelos revolucionários contra as Ordens Religiosas ganhavam cada vez mais força, as perseguições se tornaram ameaças à vida dos religiosos. Diante desse contexto, muitos Redentoristas passaram a vestir-se com o traje civil do clero diocesano.

A perseguição aos Redentoristas chegou a seu ápice na noite de 05 de abril de 1848, quando os revolucionários partiram para o convento, juntamente com uma grande massa formada pela população. Ao chegarem em frente do convento, a “música de gatos” reiniciou, o incidente terminou com a expulsão dos padres. Muitos conseguiram fugir e buscaram abrigo na casa de amigos e parentes, outros tentaram disfarçar-se, porém todos foram descobertos ou denunciados, então foram reunidos e escoltados até a saída de Viena, e, durante o caminho, a população gritava pragas e insultos. No convento foram fixados cartazes onde se lia: “Propriedade Nacional”.

As monjas Redentoristas também foram alvo dos revolucionários, que desejavam banir de Viena todos os membros da Ordem. Afirma-se que, na tarde de 06 de abril, expulsaram 33 monjas de Viena.

A presença do Pe. Pöckl, na residência de Bárbara, levou a população concluir que a comunidade era uma instituição dependente e sustentada pelos Redentoristas, por esta razão o rancor anticlerical voltou-se contra ela e suas companheiras. Segundo Bortoluzzi (1996, p. 201) em 07 de abril;

---

<sup>20</sup> Consistia em demonstrações noturnas contra as autoridades públicas e pessoas menos gratas. Unidos de flautas, cornetas, funis, apitos, panelas, frigideiras, baldes, latas, ferros, caixas, bacias e outros objetos ruidosos, reuniam-se perante a casa dessas pessoas. Muitas vezes realizavam estas atividades nas praças, para expressar seu descontentamento, também diante do convento dos Redentoristas.

O Sr. Hartmann, proprietário da fábrica de artigos de seda, situada bem em frente da casa de Bárbara, dirigiu-se, já de manhã cedo, à delegacia de Wieden, apresentando a denúncia que, em frente à sua fábrica, moravam várias moças filiadas aos Redentoristas e lá estariam refugiados três padres desta Congregação.

O Delegado de Wieden relatou a situação ao Delegado Geral que ordenou que os padres saíssem o quanto antes, pois faria uma inspeção minuciosa na casa de Bárbara, ainda na mesma manhã da denúncia.

No relatório do Delegado Geral, feito após as investigações na casa de Bárbara, consta a seguinte declaração:

Na casa n. 406, mora Bárbara Maix, filha do camareiro-mor da Corte, ocupando todo o segundo andar, mantém hospedadas consigo várias moças, que estão bem identificadas no relatório anexo. Contatou-se, há pouco, que se ocupam com trabalhos manuais, como bordados, malhas, etc. Não se pode negar que a casa toda tem um aspecto claustral, tanto mais que a Maix transformou um quarto em capela doméstica. Dos Padres Redentoristas fugitivos não se encontra nenhum aqui. Está parando, contudo, junto da Maix, desde alguns dias, um padre coadjutor, proveniente da diocese de Linz, de nome João Pöckl, que ocupa um quarto totalmente separado. Como não havia nenhum motivo para intervenção policial, advertimos a Maix, o Pöckl, e as moças do perigo que os ameaçava, vista do que os mesmos declararam-se logo dispostos a abandonar a casa..." (O Echo do Sul, 1872 Apud BORTOLUZZI, 1996)

Naquele mesmo dia, um grupo de populares se pôs diante da casa de Bárbara, fazendo uma demonstração ameaçadora, às pressas começaram a abandonar a casa, levando somente os objetos de maior valor e os depositaram no Tribunal de Imóveis de Wieden. "A população, entretanto, programava para tarde o assalto à casa para expulsá-las, como fizera com os Padres e as Irmãs Redentoristas". (BORTOLUZZI, 1996, p. 201)

O assalto foi relatado por uma testemunha ocular no jornal vienense *Die Gegenwart*.

No dia 7 deste mês pelas 7 horas da noite, deu-se um alvoroço popular também em Wieden, na Hartmannsgasse. Sem a intervenção imediata de um pelotão da Guarda Nacional, que estava treinando o manejo das armas no pátio de uma casa vizinha, ter-se-ia chegado, sem dúvida, a um desfecho sangrento. Com efeito, a multidão furiosa, cerca de mil pessoas, estava prestes a assaltar a casa N. 406 e, de todas as partes da rua, este assalto vinha sendo aplaudido. A mencionada casa, concluída no ano anterior, pertencia à Congregação dos Liguorianos e era habitada, no andar térreo, por um marceneiro e, nos dois andares superiores, por moças que viviam às custas dos mencionados monges e por estes também eram assiduamente

visitadas, o que todos os moradores da rua Hartmannsgasse podem afirmar. Os Guardas Nacionais, penetrando na casa, encontraram, ainda, só cinco moças, das quais, algumas eram notavelmente belas, e tremiam numa angústia mortal. Pelo arranjo dos dois andares aparece claro que a comunidade devia ter sido anteriormente muito maior, pois, em cada um dos quartos, havia três e até quatro camas. As detidas declararam que se ocupavam com a instrução de crianças! Os Guardas Nacionais escoltaram as damazinhas por entre os gritos de júbilo dos moradores da Hartmannsgasse, os quais se mostravam muito alegres por se verem livres dessa vizinhança vergonhosa. Foram conduzidas à Diretoria Geral de Polícia, no Peterplatz, onde o Comissário Geral, o Sr. Felsenthal, mandou recolhê-las. Cada um se põe, agora, a pergunta: como foi possível existir tal libertinagem sob os olhos da Polícia vienense e pôde subsistir durante um ano depois que os moradores dessa rua declararam publicamente que apresentaram urgentes denúncias ao Comissário de Polícia Letocha sobre a existência deste antro de pecados. Se a Guarda Nacional tiver que assumir a função de Polícia, então sejam suprimidos todos os cargos da Polícia que, muito frequentemente, foram o tormento dos pacíficos cidadãos, mas raramente foram capazes de ver a criminalidade e desordem."<sup>21</sup> (BORTOLUZZI, 1996, p.202).

No entanto, somente o Pe. Pöckl visitava a comunidade quando ia a Viena, e ele já era padre secular. Há relatos da época que muitos julgavam a comunidade de Bárbara como uma obra dos Redentoristas.

Em outro relato sobre a expulsão da comunidade de Bárbara, atribuído a Nordmann, também afirma que a comunidade era sustentada pelos Redentoristas:

Outra demonstração contra estes padres aconteceu na tarde do mesmo dia, visto que se estava concentrando atentamente o olhar sobre este apêndice deles. No bairro Wieden, à rua Hartmannsgasse, concentrou-se uma enorme multidão, que tinha em mira fazer um processo público contra os Liguorianos, mas foi mantida dentro dos limites da moderação pela Guarda Nacional que logo interveio. Ela queria, precisamente, assaltar a casa N. 406, pela aprovação de todos os lados. A referida casa, aprontada havia um ano, era propriedade dos Liguorianos que a haviam cedido a essas penitentes, as assistiam com tudo o que necessitavam e as visitavam diariamente, o que foi declarado pelos vizinhos. A Guarda Nacional, que foi incumbida de fazer a revista da casa, encontrou só cinco moças as quais, observação à parte, além do mais, eram muito lindas, de acordo com os relatos. O arranjo interno da casa de dois andares, porém, leva à conclusão de que a comunidade feminina era bem maior, como também as várias camas em cada quarto permitem uma interpretação cujos detalhes mais pormenorizados, porém, não entram no plano deste livro. As pobres moças alegaram que se ocupavam com a instrução de crianças. A Guarda Nacional as levou para a Direção Geral de Polícia no Peterplatz, onde foram acolhidas pelo Sr. Felsenthal. (BORTOLUZZI, 1996, p. 203)

---

<sup>21</sup>O historiador vienense Moritz Smets também transcreveu, no seu livro, sobre a revolução, este relato, deixando fora, porém, a parte que as descreve como ligadas ao Redentoristas, por achá-la uma pura imaginação popular. Por esta reportagem, percebe-se quanto os boatos mais absurdos contra os Redentoristas estavam difundidos e arraigados entre o povo liberal. Assim, a casa que elas ocupavam, não pertencia aos Redentoristas, mas ao Sr. Francisco Heidenreich, como o atesta o Catálogo oficial das casas de Viena do ano de 1848. Não eram também visitadas pelos Redentoristas, pois eles se opunham à comunidade de Bárbara. (BORTOLUZZI, 1996).

Entre os panfletos espalhados contra os Redentoristas, um em especial fez injúrias à comunidade de Bárbara como se pertencesse aos Redentoristas, conforme demonstra o historiador P. Hosp citado por Bortoluzzi (1996, p. 203 e 204):

Um estúpido palavrório foi o panfleto: Burricos e mulinhas como Liguorianos e a nova pensão para empregadas. Cozinheiras boêmias falavam em alemão estropiado sobre o amor livre e, no fim, os burricos e as mulinhas vão para adega do convento de Maria da Escada junto aos barris de vinho.

Conforme explica Bortoluzzi (1996, p.204 e 205), a narração que, historicamente, é exata e isenta de boatos é a que o Comissário Geral de Polícia de Wieden redigiu e enviou ao Delegado Geral, em 11 de abril, onde se lê:

Supressão da Pensão de Empregadas, N. 406, em Wieden, da propriedade de Bárbara Maix, por causa da suspeita de ser um conventículo de Liguorianos. Barbara Maix, órfã de um camareiro de Schönbrunn, com 30 anos de idade, católica, solteira, domiciliada em Wieden, N. 406, na Hartmannsgasse, autorizada pelo decreto da Delegacia Geral de Polícia de 18 de outubro de 1843, N. 9258, para manter uma pensão de empregadas, ultimamente hospedou consigo 16 moças, na maior parte, desempregadas. Mediante sua conduta pietista e frequentes visitas à igreja dos Liguorianos, para onde ia sempre acompanhada por suas companheiras de casa, como também devido ao austero regulamento da casa, observado por suas companheiras, fundamentado em máximas pietistas e, em parte, claustrais, chamou sobre si a atenção dos vizinhos e de outros moradores e suscitou certo grau de ódio devido à suspeita de que ela estivesse em íntima comunicação com os Liguorianos e fosse visitada por membros desta Ordem. Essa suspeita, após a supressão do convento dos Liguorianos, fez crescer de tal modo a excitação do público contra a Maix que, já naquele mesmo dia 7 de abril, antes do meio-dia, foram feitas ameaçadoras demonstrações populares contra ela. Em vista disto, 12 companheiras, durante o dia, afastaram-se dela e se dispersaram. Para pôr termo a tais demonstrações, a Guarda Nacional viu-se obrigada, na tarde daquele dia, a levar embora de sua casa a Maix com 4 companheiras que haviam ficado com ela e, mediante o Oficial subalterno da Guarda Nacional, Cristiano Ritter, por ordem do Capitão da Guarda Nacional, Leopoldo Kleer, domiciliado em Wieden, N. 649, mandou colocá-las no Comissariado da Delegacia de Polícia, às 7 horas da tarde. Estas 4 moças são: 1. Catarina Demmel, desempregada, natural de Neuberg, perto de Salde, 43 anos, católica, solteira; 2. Margarida Zelzer, desempregada, natural de Eisenstrass, município de Pransinen, 67 anos de idade, católica, solteira; 3. Maria Radlingmayer, empregada, natural de Kallwang, na Stíria, 34 anos de idade, católica, solteira; 4. Augusta Klittermann, empregada, natural de Glatz, 34 anos de idade, católica, solteira. Para sua segurança, foram alojadas, durante a noite, na Delegacia de Polícia e, no dia seguinte, foram entregues à Delegacia municipal de Wimmerviertel para a procedura legal, tendo-se enviado um relatório do ocorrido.

Alguns soldados da Guarda Nacional ficaram de guarda na porta da residência, para impedir que Bárbara fosse roubada pelos populares, ela e suas companheiras foram levadas à delegacia não como prisioneiras, mas para sua proteção. Na manhã

seguinte, após um breve interrogatório, foram liberadas e aconselhadas a procurarem abrigo nas casas de amigos e parentes.

Bárbara Maix e Margarida Zelzer hospedaram-se na casa do pintor José Kastner, que vivia na periferia de Wieden. Segundo relatos das irmãs vienenses, o grande quadro pintado à óleo, do Coração de Maria<sup>22</sup>, foi pintado por ele a pedido de Bárbara.

A perseguição às Ordens Religiosas forra ferrenhas, a tal ponto que uma das Irmãs Redentoristas escreveu uma carta ao Ministro do Interior, suplicando ajuda e proteção. Na carta, pode-se ler o seu desespero diante dos acontecimentos.

J.M.J.A!

A Sua Exa. Sr. Barão de Pillersdorf, Ministro do Interior.

Excelência!

Tremendo e empalidecida, prostro-me em profundo respeito a seus pés, para pedir-lhe insistentemente segurança pessoal e misericórdia para mim e para minhas ex-Irmãs, pois nos procuram em toda a parte e nos tratam como criminosas, apesar de termos vivido como cidadãs pacíficas.

Excelência, tenha compaixão também de mim, pois eu, como cidadã de Viena, jamais mereço tal tratamento, sobrinha de um homem, como era meu bondoso tio, que prestou tantos serviços ao Estado.

Excelência, permita-me ainda, bondosamente, poder acrescentar, já que o Sr. não poderia saber, que as pessoas quase nem mais se atrevem a nos receber em sua casa, nem mesmo hospedar alguma de nós. É que a maioria de nós já teve que se refugiar em 3 ou 4 casas diferentes, vendo-nos obrigadas assim, sem teto, a vaguear errantes nesta grande cidade.

Por isso, novamente, imploro somente a segurança pessoal. A grande confiança que deposito em Sua Excelência, infunde-me a esperança de que Sua Excelência nos prestará, sem tardar, a proteção e ajuda, não podendo S. Excia. saber que são alguns dos mal-intencionados na Guarda Nacional os que assim nos perseguem.

Novamente imploro misericórdia e graça.

De Sua Excia.

Submissamente devotada serva Rosália.

Viena, 8 de abril de 1848. (BORTOLUZZI, 1996, p.205)

A perseguição por parte da polícia, como foi descrita na carta de Rosália, ocorria durante a noite, as irmãs eram procuradas nas casas de amigos e parentes, pode ser confirmada no ofício do tenente da Guarda Nacional Noturna do bairro de Wieden.

Prezada Direção Geral de Polícia!

Hoje de manhã cedo, pelo abaixo assinado Comandante da Guarda, foram capturadas duas monjas da Ordem das Penitentes [Redentoristas], que tinham buscado abrigo na casa N. 455, em Wieden. Tenho a honra de

<sup>22</sup> Encontra-se preservado junto ao acervo do Memorial Bárbara Maix em Porto Alegre, na rua Riachuelo, 508.



apresentá-las à prezada Direção Geral de Polícia para as respectivas providências.

Obs. Com elas, foi apresentada aqui também uma terceira pessoa. (BORTOLUZZI, 1996, p. 206)

As perseguições às religiosas foram descritas em uma carta enviada à Cúria Arquiepiscopal pela vice-superiora do convento das Irmãs Redentoristas e no jornal vienense *Wanderer*, em ambos os documentos, as narrativas apresentadas relatam a forma como foi dissolvida a comunidade das Irmãs Redentoristas e a perseguição a um suposto padre Redentorista que estaria escondido na residência de um açougueiro. (BORTOLUZZI, 1996, p. 207 e 208)

As perseguições aos religiosos seguiram durante dias. Conta-se que, no dia 09 de abril, ocorreu uma aglomeração do povo enfurecido na frente da tipografia e convento dos Padres Mequitaristas, aos gritos apedrejaram as janelas, com extrema violência e tentavam abrir portas e janelas para invadir e quebrar as máquinas impressoras. A Guarda Nacional chegou logo após os padres tocarem os sinos da torre da igreja e a população foi dispersada.

O movimento anticlerical tomou conta de Viena, a hostilidade em relação às Ordens Religiosas podem ser verificadas através dos números, conforme Bortoluzzi destaca, “basta lembrar que o primeiro panfleto publicado contra os Redentoristas e Jesuítas teve 5 edições com tiragem de 10.800 exemplares, em apenas 3 dias” (1996, p. 208).

Mesmo não tendo uma Congregação instituída, Bárbara Maix e suas companheiras foram perseguidas e hostilizadas como as demais Ordens Religiosas presentes em Viena.

Bárbara enfrentou ainda sérios problemas de cunho financeiro, pois o local onde o Instituto funcionava era alugado, e mesmo que ela e suas companheiras tivessem sido expulsas e não ocupassem mais o prédio, o aluguel deveria ser pago, e o pagamento deveria ser antecipado de acordo com a lei vigente. O proprietário do imóvel chegou a acionar os meios legais para receber o pagamento do aluguel, mesmo sabendo que tudo que elas possuíam de valor ficou sob os cuidados do Tribunal de Wieden. O problema foi resolvido após uma assembleia, na qual a antecipação do pagamento dos aluguéis foi suspensa.

Os revolucionários desejavam a supressão das Ordens Religiosas da Áustria, entretanto o imperador se opunha a esta. Em uma manobra bem-sucedida, no dia 7

de maio de 1848, o imperador assinou, às pressas, em meio a uma dezena de documentos, o Decreto de Supressão das Ordens dos Jesuítas, Redentoristas e Irmãs Redentoristas, e seus bens foram declarados propriedades do Estado.

Diante da nova ordem estabelecida na Áustria, o clero e as Ordens Religiosas, vislumbraram na emigração para América do Norte a alternativa para manterem-se atuantes.

A busca pela liberdade política e religiosa levou muitos civis e clérigos a emigrar para a América do Norte, entre eles, Bárbara Maix e suas companheiras que aspiravam concluir a fundação da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, livremente sem os empecilhos do governo e Cúria de Viena. Entretanto, para Bárbara Maix e suas companheiras, o destino reservou outro caminho, o Brasil.

### 3.5 O CAMINHO QUE O DESTINO RESERVOU: DA ÁUSTRIA PARA O BRASIL

Uma das razões para Bárbara e suas companheiras buscarem, na América do Norte, a oportunidade de consolidar a fundação da sua Congregação, era o fato de que os Padres Redentoristas austríacos, entre 1842 e 1847, já tinham mais de cinco filiais, e estas foram consideradas um grande feito para a Igreja, conforme relatou Hosp (1961.p 131):

Foi um grande mérito do vice provincial e, mais tarde, Bispo de Newmann da Filadélfia, ter-se empenhado de modo prioritário na fundação de escolas paroquiais e ter conseguido Irmãs como professoras para as mesmas. O sistema de escolas paroquiais católicas progrediu muito e se tornou uma grande bênção para o progresso da Igreja nos Estados Unidos.

É possível que Bárbara e o Padre Pöckl, tenham vislumbrado uma grande chance de trabalho nas escolas Redentoristas dos Estados Unidos. “vários padres dessas paróquias tinham sido colegas do P. Pöckl em Viena” (BORTOLUZZI, 1996, p. 217).

Bárbara decidiu ir para os Estados Unidos, seguindo os conselhos do Padre Pöckl, comunicou sua decisão às suas companheiras, pedindo que todas aquelas que desejassem acompanhá-la, deveriam arranjar dinheiro e passaporte.

A situação em Viena estava cada vez mais insustentável para as Ordens Religiosas, Bárbara determinou que todas suas companheiras que já tivessem com o passaporte, se dirigissem para Linz, onde o Padre Pöckl já as aguardava.

De Linz, Bárbara dirigiu-se para o povoado de São Floriano, onde se hospedou na casa da família. Bárbara mandou um recado para suas companheiras, comunicando-lhes que partiriam no dia 5 de agosto, do povoado de São Floriano, o local do encontro foi na residência da família Hamberger.

Assim, naquele dia, após a missa, viajaram para Linz, para pegar o trem, para Hamburgo. Em Hamburgo, o objetivo era esperar algum navio para embarcar rumo à América do Norte, ficaram hospedadas em hotel, durante um mês e nenhum navio com destino aos Estados Unidos apareceu.

Depois de um mês de espera, a única embarcação que apareceu para América tinha como destino o Brasil. Conforme os relatos, elas foram perguntar ao comandante se a embarcação seguiria para a América do Norte e se poderia levar vinte e cinco passageiros, pois eram 22 Irmãs, Pe. Pöckl e dois jovens que o acompanhavam para seguir a vida religiosa. O comandante respondeu que viajava para o Brasil e, se quisessem, poderia trazer todos.

A caravela Merck era uma embarcação de carga e não de passageiros, este fato motivou Bárbara e o Padre Pöckl a escolherem embarcar nela, pois teriam mais liberdade para suas práticas religiosas.

Ao decidirem viajar para o Brasil, o Padre Pöckl dirigiu-se, até o Consulado do Brasil, em Hamburgo, na Alemanha, pedindo uma recomendação a favor da Comunidade para entregar ao Governo brasileiro. “O fato de não terem passaporte para o Brasil, talvez tenha influenciado para tomar esta iniciativa” (BORTOLUZZI, 1996, p. 225).

A estadia prolongada em Hamburgo gerou gastos maiores que os previstos inicialmente, faltando dinheiro para pagar quatro passagens, a solução foi empenhar diversos objetos, entre os quais a imagem do Menino Jesus<sup>23</sup> de Bárbara, o quadro à óleo do Coração de Maria e os quadros da Via-Sacra. Um amigo do padre Pöckl ficou responsável de despachar para o Brasil os objetos penhorados, assim que as passagens fossem pagas.

Sobre a situação, Madre Maria Isabel do Precioso Sangue escreveu:

... Juntamos tudo num caixão, no meio dessas coisas, o Menino Jesus, pedindo-lhe que fosse quanto antes atrás de nós, porque não queríamos

---

<sup>23</sup> A imagem do Menino Jesus pertencia à família Maix, segundo relato das Irmãs, era em frente desta imagem que Bárbara reza desde menina. A imagem e os outros pertences citados se encontram preservados junto ao acervo do Memorial Bárbara Maix em Porto Alegre, na rua Riachuelo, 508.

perder o caixote, ainda menos a ele. Um amigo do Pe. Pöckl, de Hamburgo, ficou encarregado de despachar o caixote ao Brasil, logo que as passagens fossem pagas.<sup>24</sup>

Nas narrativas sobre a viagem não foram encontradas menções de ocorrências relevantes, apenas que missas eram rezadas todos os dias, exceto durante uma tempestade, e a confecção de uma colcha<sup>25</sup> durante a viagem que durou 52 dias. O navio Merck atracou no porto do Rio de Janeiro, conforme as informações obtidas no *Jornal Do Comércio*, de 10 de novembro de 1848, e do *Diário do Rio de Janeiro* da mesma data.

### 3.6 NOVO PAÍS, NOVA VIDA E NOVOS DESAFIOS

Ao chegarem no Rio de Janeiro, o Padre Pöckl e Bárbara Maix foram até o Bispo D. Manoel de Monte Rodrigues da Araújo, a fim de comunicar-lhe a sua chegada, os demais ficaram na caravela, esperando seu retorno.

Após ouvi-los, o Bispo mandou pedir à Madre Abadessa das Irmãs Concepcionistas do Convento de Nossa Senhora da Ajuda, que recebesse as recém-chegadas por alguns meses, pois as mesmas encontravam-se desprovidas de qualquer meio de subsistência, a madre prontamente atendeu à solicitação do Bispo.

A situação que Bárbara e suas companheiras se encontravam quando chegaram no Brasil foi descrita mais tarde para a Madre Maria Isabel do Precioso Sangue: “Chegamos ao Rio de Janeiro, sem dinheiro, sem conhecimento de ninguém, sem saber a língua, com muita fome, mas cheias de confiança em Deus e Nossa Senhora”.<sup>26</sup>

Posteriormente ao encontro com o Bispo, Bárbara e o Padre Pöckl retornaram a bordo do Merck, comunicaram a todos a notícia que seriam acolhidos no Convento de Nossa Senhora da Ajuda, despediram-se do comandante e seguiram para apresentar-se ao representante dos Negócios Eclesiásticos no Consulado Austríaco, onde foi entregue a recomendação do Cônsul brasileiro em Hamburgo.

<sup>24</sup> A.G.C.- ICM., Crônica da Congregação do Puríssimo Coração de Maria e Manuscrito de Madre Maria Isabel do Precioso Sangue p. 146(Bortoluzzi 1996, p. 226)

<sup>25</sup> Esta colcha se encontra preservada junto ao acervo do Memorial Bárbara Maix em Porto Alegre, na rua Riachuelo, 508.

<sup>26</sup> A.G.C. Caixa IV – “Fundação da nossa Congregação”, Madre Isabel do Precioso Sangue. (Bortoluzzi 1996, p. 245)

Encaminhados os tramites legais que lhes permitia a permanência no Brasil, seguiram para casa do Bispo para apresentação das 22 jovens e contar os detalhes da expulsão de Viena.

Bárbara e suas companheiras foram recebidas no convento da Ajuda, o Padre Pöckl se hospedou junto aos Padres Capuchinhos e os jovens que o acompanhavam teriam também se hospedado no convento.

Segundo Bortoluzzi (1996, p. 246):

O vasto convento de Nossa Senhora da Ajuda ficava situado na atual Praça Marechal Floriano. Abrigava relativamente poucas Irmãs, assim, as recém-chegadas puderam alojar-se comodamente. A maioria das Irmãs de Nossa Senhora da Ajuda pertencia a famílias nobres e, por isso, quase todas dispunham de escrava para as auxiliares nos trabalhos caseiros. A Madre Abadessa ia seguidamente fazer suas refeições com suas hospedes e também mandou que lhes servissem vinho à mesa e boa alimentação, a fim de se restabelecerem da extenuante viagem de dois meses.

Havia passado um mês da chegada ao Brasil, quando Bárbara solicitou à Madre Abadessa o consentimento para que elas pudessem realizar suas atividades, como cozinhar, lavar suas roupas e dedicar-se aos trabalhos de costura, bordados, etc.

A atitude de Bárbara tinha como objetivo buscar uma maior autonomia para sua Comunidade, que mesmo hospedada no Convento de Nossa Senhora da Ajuda, poderiam levar sua vida independente, da mesma forma como viviam em Viena, até as missas semanais eram rezadas pelo Padre Pöckl.

A rotina junto às Religiosas da Ajuda baseava-se na convivência durante os recreios, nos quais interagiam e buscavam aprender a nova língua. Sabe-se que Imperador D. Pedro II as visitou algumas vezes, e que eram bem-vistas aos seus olhos e da Imperatriz, pois sua falecida mãe D. Leopoldina era austríaca e estava sepultada na capela do convento.

Dois meses após a chegada no Brasil e estarem hospedadas no convento da Ajuda, um fato inesperado ocorreu, o caixote deixado em Hamburgo foi entregue. Conforme Bortoluzzi: “um rico comerciante daquela cidade, cujo nome não foi conhecido, tendo sabido das dívidas delas, pagou-a e mandou despachar-lhes o Caixote”. (1996, p 247)

No ano de 1949, os jornais da Corte do Rio de Janeiro começaram a divulgar notícias sobre a chegada das “Irmãs Alemãs”. O primeiro a noticiar foi o periódico *A Religião*, no dia 15 de março de 1849;

Acaba de chegar a esta Corte uma comunidade de mais de vinte virgens alemãs, vindas da Áustria. Pertencem à religiosa instituição do Sagrado Coração, uma dessas que o furor dos radicais extinguiu, expulsando-as de seus conventos, como já demos notícia em outros números deste periódico. Esta instituição, como a das Irmãs de Caridade, consagra-se aos exercícios da caridade fraterna e tem-se, sobretudo, distinguindo no tratamento dos alienados. Estas virgens do Senhor estão recolhidas no convento da Ajuda desta Corte, e fazemos votos para que o país compreenda a útil e civilizadora ação desta instituição cristã, cuja semente ainda a Providência Divina não tinha concedido ao solo de Santa Cruz. (*A Religião*-Rio de Janeiro, Vol.20-15 de março 1849, p.8 Apud BORTOLUZZI, 1996, p.248)

Ainda em março, a Venerável e Episcopal Ordem terceira de Nossa Senhora do Terço assumiu a proteção de Bárbara e suas companheiras, um espaçoso sobrado na antiga Praça do Rocio Pequeno, próximo à Estação Barão de Mauá foi alugado para instalação da Comunidade e de um colégio para meninas.

Inicialmente Bárbara teria recusado a oferta, o motivo alegado foi a falta de domínio da língua portuguesa, entretanto, propôs que se fosse contratada uma professora brasileira para o ensino do português e o reconhecimento oficial da Congregação, ela aceitaria.

No dia 8 de maio de 1849, o sonho de Bárbara Maix se concretizou, em uma cerimônia celebrada na capela do convento Nossa senhora da Ajuda, ela e suas companheiras receberam o hábito<sup>27</sup> e fizeram seus votos, nascendo a Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria.

Bortoluzzi (1996, p. 249 e 250) descreveu o acontecimento:

No dia 8 de maio de 1849, celebrou-se, finalmente, na capela do convento, a emocionante cerimônia da tomada de hábito e profissão. O altar estava festivamente adornado. Ao lado, viam-se duas mesinhas, estando, sobre uma os hábitos, cintos e véus e, na outra, os rosários, corações, crucifixos, coroas de flores brancas, velas e tesoura para o corte dos cabelos. Feitas as orações prescritas, procedeu-se o corte dos cabelos. A seguir, cada uma recebeu, das mãos da Fundadora, o hábito religioso e o foi vestir. Iniciou-se, depois a Santa Missa celebrada pelo Padre Pöckl e cantada pelas Irmãs da Ajuda! À hora da Santa Comunhão, as novéis religiosas, dispostas em semicírculo perante o altar e com a vela acesa na mão, recitaram a fórmula da consagração total ao Esposo Divino, feita por intermédio da Santíssima Virgem.

<sup>27</sup> Segundo Bortoluzzi, os hábitos foram confeccionados de acordo com o modelo idealizado por Bárbara, também os assessorios como emblema “Corações de Maria” e tudo foi comprado com as “esmolas” do Imperador. (BORTOLUZZI, 1996, p.249)

Bortoluzzi (1996) diz, ainda, que todas as noviças em sinal de amor e gratidão à Maria Santíssima, adotaram o nome de Maria, antepondo-se ao nome de batismo e acrescentando o nome do seu protetor ou de sua devoção, algumas trocaram também o nome de batismo. No mesmo dia, transferiram-se para o Colégio do Senhor dos Passos.

A Irmandade de Nossa Senhora do Terço firmou contrato com a Congregação das Irmãs do Sagrado Coração, em 24 de maio de 1849, entregando-lhes a direção e a missão de educar as filhas dos Irmãos (membros da Irmandade): Pe. Pöckl, Regente; Madre Bárbara Maix, Superiora da Congregação.

A fim de angariar alunas, a Irmandade publicou diversos anúncios nos periódicos da Corte, sendo que no primeiro se lê:

Deo Gratias! Acha-se completamente montado o Colégio da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Terço, dirigida pela religiosa Congregação do Sagrado Coração de Maria, em que unicamente se recebem pensionistas. Nesse colégio, cujo serviço interno será feito pelas mesmas Irmãs, com exclusão absoluta de pessoas escravas, serão as meninas educadas com maior desvelo, além dos ramos de instrução, nos mais sólidos princípios da religião e da moral. [...] O programa das matérias de ensino e condições deste pensionato distribuem-se grátis no mesmo colégio sito no Rocio da Cidade Nova, n. 10, onde se acha aberta a matrícula e se pode tratar a qualquer hora do dia. Hermenegildo Antônio Pinto. (BORTOLUZZI, 1996, p.254)

Esse feito, chamou a atenção do público para novidade, pois um internato dirigido por religiosas ainda não existia no Rio de Janeiro.

As pensionistas foram sendo admitidas e, em 10 de junho, foi inaugurado o colégio da Venerável Episcopal Ordem Terceira de Nossa Senhora do Terço, contando com onze educandas. A inauguração contou com missa solene e uma procissão saindo da capela do Convento da Ajuda até o colégio, muitas pessoas compareceram ao evento.

A metodologia de ensino adotada no colégio, no entanto, começou a ser questionada, pois as pensionistas eram filhas da classe mais distintas da Corte e o padrão da educação desejada era uma imitação da educação de Paris, queriam que as filhas fossem educadas com os requintes e luxo da educação parisiense.

A educação proposta por Bárbara tinha como finalidade a formação de boas mães de família, preparadas para os afazeres domésticos, além das aulas de música e piano.

As pensionistas executavam pequenas tarefas como: lavar a bacia que lavam o rosto, varrer seus quartos, colocar as mesas do refeitório, entre outras atividades semelhantes.

Algumas famílias, contudo, acharam que este modelo de educação era grosseiro para suas filhas e começaram os boatos que destacavam como aspecto negativos sobre a proposta educacional do colégio.

Em uma publicação do *Correio Mercantil*, de 22 de junho de 1849, página 2, o Dr. João Vicente Martins se refere criticamente ao colégio e ao modelo de educação proposto:

Temos no Rio de Janeiro um colégio de educação que promete os melhores resultados, por serem as educandas preservadas de todo mau exemplo que a escravatura, tanto em mal por toda parte oferece às vistas incautas, e por serem educadas as meninas desse colégio no seio de uma família de humildes donzelas que se curvam a todos os trabalhos domésticos, os mais grosseiros, só por dedicação evangélica. (BORTOLUZZI, 1996, p.263)

A sociedade carioca se dividiu entre os que eram a favor do sistema de ensino adotado por Bárbara e os contrários. A Comissão da Irmandade de Nossa Senhora do Terço, responsável pelo colégio, se posicionou contra o modelo adotado por Bárbara, uma vez que a reputação do colégio, conseqüentemente, atingia, de certo modo, a reputação da Ordem Terceira e afastava as famílias ricas.

O colégio contava com oitenta pensionistas e sua prosperidade, no entanto, ameaçava arruinar-se. A Comissão passou assim a fazer exigências contrárias ao contrato e a interferir mais na direção interna do colégio.

Bárbara e o Padre Pöckl não cederam às exigências da Comissão, e mantiveram o modelo de educação proposto por eles. Diante da negativa de mudanças por parte de Bárbara e de Pe. Pöckl, a Comissão estava disposta a impor a adoção de outro modelo educacional, para tanto deu mostras de exigir o pagamento do mobiliário, utensílios escolares e a devolução dos valores angariados para instalação do colégio.

As divergências entre o modelo educacional das Irmãs e a Irmandade da Ordem de Nossa Senhora do Terço eram resultado das diferenças entre dois modelos culturais: o francês e o alemão. Na alta sociedade carioca, predominava o estilo social francês.



Um artigo publicado no *Diário do Rio de Janeiro*, em 14 de novembro de 1849, página 2, auxilia a compreender as raízes dos entendimentos.

Língua alemã. – Nós quiséramos ver a língua mais espalhada, porque convém mais ao Brasil conhecer a profunda Alemanha do que a espirituosa França. Parece que, por isso mesmo, que os caracteres são diferentes; deverão procurar familiarizar-se. Talvez seja devido à França que há toda essa superficialidade nos estudos do Brasil. Mudemos de rumo, pois o futuro que nos aguarda é grandioso. O espírito vivo e enérgico dos brasileiros deve educar-se antes na escura atmosfera dos alemães do que dos ilustres e dourados brios franceses..., Mas isso não pode fazer, enquanto não ensinar o alemão que é, ó vergonha! Considerado uma língua de bárbaros, que causa medo ao jovem estudante!... (BORTOLUZZI, 1996, p. 264)

No colégio das Irmãs do Coração de Maria, o programa escolar apresentava também o ensino da língua alemã, enquanto os outros lecionavam o francês.

Além do clima de tensão que se estendia, em meados dos anos de 1850, a febre amarela chegava ao Rio de Janeiro, o convento da Ilha de Bom Jesus foi transformado em lazareto, abrigando os contaminados. A febre contagiava os escravos e estrangeiros, pois não estavam acostumados com o clima do país.

Devido às divergências com a Ordem Terceira e a direção do colégio assumiram proporções preocupantes, Bárbara e Padre Pöckl obrigaram-se a pedir a intervenção do Bispo.

No ofício enviado ao Bispo, eles expuseram as divergências e as violações ao artigo 9<sup>o</sup><sup>28</sup> do convênio firmado entre a Venerável Ordem Terceira e as Irmãs do Coração de Maria, além de se recusarem a cumprir as diretrizes do regulamento do colégio. Comunicaram também a dissolução do convênio firmado entre a Congregação e a Ordem Venerável.

A Venerável Episcopal Ordem Terceira de Nossa senhora do Terço também enviou um ofício ao Bispo, expondo-lhe seus devidos esclarecimentos e a decisão da ruptura do convênio com as Irmãs do Coração de Maria, nele argumentam que foram esgotados todos os meios conciliatórios para resolver o impasse. Toda via, o ofício não apresentou queixas concretas a respeito das Irmãs, deixando incompreensível as razões das divergências.

---

<sup>28</sup> Não podendo, em tempo algum, nem por qualquer motivo que seja, derivar-se das relações provenientes da junção da Religiosa Congregação à Venerável Ordem, nem os direitos de autoridade nem os deveres de subordinação, é claro que a Religiosa Congregação fica absolutamente livre do governo e administração do mencionado estabelecimento, sem que possa nele ter ingerência alguma quem quer que seja. (Artigo 9<sup>o</sup> do contrato firmado entre as partes citadas) (BORTOLUZZI, 1996, p. 253)

O colégio foi desligado da Ordem Terceira, e Bárbara pôde iniciar uma atividade totalmente autônoma.

O desdobramento da situação foi noticiado no *Jornal do Comércio do Rio de Janeiro*, de 28 de maio de 1850, na página 3, onde se lê:

“Comunicado. Consta-nos que a religiosa Congregação alemã acaba de separar-se da Venerável Ordem Terceira de N. Sra. Do Terço, por conveniência de uma e de outra parte. Louvamos o passo que deu esta respeitável Ordem, e não duvidamos que aquela Congregação lhe seja eternamente grata. Sabemos que ela continua avante com seu colégio, que, a cargo de hábeis professores, e protegido por altas personagens, estando sob inspeção de S. Excia. Revma., não pode deixar de prosperar. Podemos afiançar que a conduta moral, excelente tratamento e o numeroso pessoal, com absoluta exclusão de escravos, oferecem ao público garantias indisputáveis. (BORTOLUZZI, 1996, p. 268)

O fato de Bárbara não admitir escravos e nem criada livre (doméstica) nas dependências do colégio, foi uma característica importante, pois agradava a opinião pública, esta prática era uma convicção, pois, para ela, a escravidão era inaceitável em qualquer situação.

A febre amarela continuava se alastrando pelo Rio de Janeiro, segundo estimativas, atingiu 90.658 dos 266 mil habitantes do Rio de Janeiro, causando 4.160 mortes, de acordo com os dados oficiais, ou até 15 mil vítimas, segundo a contabilidade oficial<sup>29</sup>. A situação causou grande pavor na população.

A capital do Império foi tomada por um aspecto funério, as casas de diversão foram fechadas, o comércio ficou paralisado, as ruas desertas, somente as procissões e orações eram ouvidas nas ruas.

O número de vítimas era crescente, os cadáveres carregados pelas ruas cruzavam-se continuamente, a morte chegava a todas as residências. Não havia caixões suficientes para sepultar as vítimas, muitos cadáveres eram envoltos em lençóis e transportados coletivamente, em carroças até o cemitério no decorrer da noite, a fim de evitar que a população vislumbrasse aquela triste realidade.

O Padre Pöckl contraiu a doença e após alguns dias faleceu, aos 55 anos de idade, seu corpo foi sepultado no Cemitério Provisório da Venerável Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paulo.

---

<sup>29</sup> Dados disponíveis em <https://coc.fiocruz.br>, consultados em 20/10/2022.

A consternação tomou conta das Irmãs, Padre Pöckl era um grande amparo para elas, pois ele esteve do seu lado em todos os momentos de dificuldades, além de ser o diretor espiritual da Congregação.

No “Histórico das dissidentes” lê-se a respeito da morte do Padre Pöckl, “Perdemos nele um grande apoio, sobretudo, nas tristes circunstâncias em que nos achávamos”.

Após se refazerem da perda do estimado Padre Pöckl, as Irmãs voltaram-se para reativação do colégio para dar continuidade ao seu trabalho.

As Irmãs do Coração de Maria, mais uma vez, foram injuriadas pela falta de informação quanto ao papel que deveriam desempenhar no Brasil. Elas foram confundidas com as Irmãs de Caridade esperadas no Brasil, vindas da França para atuar nos hospitais e escolas e, que deveriam ter chegado no mesmo período que Bárbara e suas companheiras chegaram.

A população, todavia, não sabia distinguir entre as Irmãs do Coração de Maria e as Irmãs de Caridade, e essa desinformação gerou um novo episódio de difamação sobre a Congregação do Coração de Maria, o incidente desagradável que teve como protagonista o Dr. Carlos Luis de Saules, diretor da Gazeta dos Hospitais.

Em 15 de março de 1850, foi publicado na *Gazeta dos Hospitais*:

... De uma coisa nós temos admirado e sumamente contristado: em nenhum lazareto ou enfermaria foi vista uma das Irmãs de Caridade e, no entanto, elas se acham entre nós e, em vez de levarem a consolação a esses lugares de tristeza e de dor, estabeleceram um colégio na Cidade Nova. Precisamos nós, porventura, de mais colégios quando, por aí, os encontramos aos centos? E foi essa a missão que elas vieram preencher entre nós e que tão apregoada foi pelos jornais da corte? Será esse louvável comportamento dessas virgens-mães dos desvalidos, as verdadeiras Irmãs de Caridade? Repetimo-lo: em nenhum lazareto ou enfermaria se não viu ainda uma só delas, e a missão, pois, aqui entre nós, não tem sido a verdadeira missão de uma Irmã de Caridade. (BORTOLUZZI, 1996, p.273)

A crítica à atuação das Irmãs de Caridade, no entanto, recaiu sobre as Irmãs do Coração de Maria. O Dr. João Vicente Martins saiu em defesa das Irmãs do Coração de Maria, publicando no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, de 20 de junho de 1850, página 12<sup>a</sup>, resposta para o Dr. Saules:

... 1. O Sr. Dr. Saules ignora completamente o que sejam as Irmãs de Caridade, confundindo-as com as Congregadas do Sagrado Coração de Maria que são as que há no Rio de Janeiro e que têm colégio na Cidade Nova.

2. O Sr. Dr. Saules ignora o que seja este colégio das Congregadas alemãs, estabelecido na Cidade Nova, confundindo-o com esses que diz Sua Senhoria que há por ali aos centos; pois, quando todos estejam tão bons como aquele sob todos os aspectos, ele tem, sobre todos, a incalculável superioridade de não possuir nem um só escravo, evitando, assim, o grande mal que provém da escravatura em contato com as meninas educandas.

3. O Sr. Saules não sabe dar o justo apreço à Instituição das Irmãs de Caridade. Aliás, havia de julgar que bem pouco apreçoada foi nos jornais da Corte a missão dessas virtuosas donzelas.

4. O Sr. Dr. Saules pecou por leviano em tudo quanto disse no trecho citado e, para outra vez, quando quiser escrever, deve primeiro inteirar-se do objeto de seus artigos. (BORTOLUZZI, 1996, p.273)

O periódico “*A Religião*”, também saiu em defesa das Irmãs, destacando o equívoco cometido por Saules, a confusão sobre os respectivos campos de atuação de cada ordem religiosa, após esta publicação, o Dr. Saules publicou, na sua *Gazeta* uma retratação sobre o que escreveu em relação às Irmãs, tanto do Coração de Maria, quanto as da Caridade.

No período em que a epidemia de febre amarela foi se alastrando, poucos pais deixaram as filhas no colégio. No início de junho de 1850, a febre amarela já havia quase sumido, as Irmãs ocuparam-se de reativar seu colégio. Publicaram no Jornal do Rio de Janeiro um comunicado: “Notícia do colégio de educação de meninas das Irmãs Alemãs do Sagrado Coração de Maria no Rocio da Cidade Nova”, entretanto, poucas alunas se apresentaram, muitos pais membros da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Terço retiraram as meninas do colégio em razão das desavenças entre a Ordem e as Irmãs.

Um novo anúncio foi publicado, em 17 de junho, contendo mais detalhes sobre a organização do colégio, mesmo assim, o número de meninas matriculadas não foi o suficiente para cobrir as despesas, somava-se também o fato de muitas jovens terem ficado órfãs durante a epidemia, e não puderam mais frequentar o colégio.

Conforme explicou Bortoluzzi (1996, p. 275):

As expectativas não eram nada risonhas economicamente. Madre Bárbara desistiu, então do colégio, provavelmente em agosto, pois em 21 de setembro de 1850, pela primeira vez, aparecia este anúncio nos jornais: “Aluga-se o grande e nobre prédio do Rocio Pequeno, n.10, com grande terreno nos fundos, todo murado e com muitos e excelentes cômodos, próprio para um colégio ou família grande.”

Bárbara alugou um sobrado no bairro do Livramento, próximo da Igreja de Sant'Ana, e perto do Rocio Pequeno<sup>30</sup>, acredita-se que elas tinham pessoas conhecidas e amigas nas redondezas. Ela contou com a ajuda dos jovens João e Mateus Hamberger, que acompanhavam o Padre Pöckl desde Hamburgo, e os mesmos já haviam se tornados Irmãos. As Irmãs abriram então um pequeno colégio. Dedicavam-se ao ensino e aos trabalhos de agulha e costura.

Aos poucos o colégio prosperava, porém, as despesas eram maiores que a receita, não sendo suficientes para cobrir os gastos. A estrebaria foi transformada em dormitório para deixar mais espaço para o colégio. Muitas dificuldades e privações foram vivenciadas neste período.

Madre Bárbara e as Irmãs tinham fortes laços de amizade com casal Antônio Alves Pereira Coruja e D. Catarina Lopes Coruja, a ligação se manteve durante toda vida de Bárbara, inclusive quando estava em Porto Alegre, o casal Coruja sempre atendia os favores solicitados pela Madre.

Nessa época, algumas Irmãs, dentro da Comunidade, davam sinais que, em breve, ocorreria a separação inevitável, muitas críticas às decisões de Madre Bárbara foram relatadas e contestadas no “Histórico das Dissidentes”.

A situação econômica da Comunidade das Irmãs era preocupante a ponto de Madre Bárbara pedir ajuda ao Internúncio<sup>31</sup> Mons. Antônio Vieira, conforme consta no seu livro de despesas, que no mês de maio de 1851, fez uma “doação de 20\$000 réis às Irmãs Alemãs”. (BORTOLUZZI, 1996, p. 278)

No ano de 1852, a situação financeira da comunidade não era diferente, cada vez mais precária, as receitas do Colégio eram insuficientes para pagar as despesas. A princesa Isabel tomando conhecimento da situação foi ao auxílio das Irmãs, segundo Bortoluzzi (1996, p. 278)

Havia na Ilha do Senhor Bom Jesus, chamada também “Ilha dos Frades”, um convento dos Padres Franciscanos que estava desabitado. Teve ela<sup>32</sup>, então, a ideia de pedi-lo para as Irmãs. Levou seu plano ao conhecimento do Ministro da Justiça, Conselheiro Eusébio de Queirós Coutinho Matoso da Câmara, que muito se interessou e pediu ao Superior Provincial dos Padres

<sup>30</sup> Originalmente, denominava-se “Praça de São Salvador”, popularmente era conhecida como Largo do Rocio Pequeno – só depois virou Praça Onze de Junho, seu nome completo, em referência à data da vitória brasileira na Batalha do Riachuelo (1865), episódio da Guerra do Paraguai.

<sup>31</sup> Diplomacia Eclesiástico (termo) título do representante diplomático estável enviado pelo Vaticano aos postos recém fundados ou àqueles cuja posição jurídica não foi ainda definida (corresponde ao grau diplomático de ministro plenipotenciário).

<sup>32</sup> Princesa Isabel.

Franciscanos, Frei Custódio, que pusesse, por certo tempo, este Convento à disposição das Irmãs do Coração de Maria.

Em um gesto de benevolência, os Padres Franciscanos colocaram o convento e a chácara à disposição das Irmãs por um período de 20 anos, gratuitamente, renunciando aos direitos de inspeção, deixando tudo para as Irmãs. Em 05 de abril de 1852, foi assinado o contrato<sup>33</sup> de empréstimo entre o Conselho Provincial dos Franciscanos e as Irmãs do Coração de Maria, no qual se lê:

1. As Irmãs de Caridade do Santíssimo Coração de Maria receberão o convento, igreja, terreno e mais pertences que constarem de um inventário com recibo em duplicata, ficando um em poder do Irmão Provincial e registrado em livro competente, e outro em mão da Superiora da Congregação das referidas Religiosas.
  2. As ditas Irmãs de Caridade não poderão construir ou deixar construir casa ou telheiro algum nos terrenos do convento, nem consentir que os vizinhos e estranhos tirem pedra, barro e até mesmo areia das praias que o cercam, e não poderão alugar as casas existentes nos ditos terrenos.
  3. Se, por qualquer motivo, as ditas Irmãs de Caridade deixarem o Convento antes dos vinte anos, por título algum o poderão transferir a ninguém e, nem pelas benfeitorias que tiverem feito, poderão exigir da corporação indenização alguma, quer se retirem antes, ou no prazo marcado, devendo conservar todos os telhados sem goteiras, e entregar tudo da mesma forma em que receberam, se o não tiverem podido melhorar, como desejavam.
  4. As ditas Irmãs de Caridade nunca poderão criar ou receber Irmandade alguma debaixo de qualquer título ou invocação, na igreja do Convento e até os mesmos devotos que quiserem fazer alguma função religiosa na dita igreja deverão obter as devidas licenças, jamais o poderão fazer usando de insígnias de Irmandade, como são opas etc.
  5. Como na igreja do Convento existe uma carneira, onde se sepulta a família dos Telles, descendente do nosso Donatário da Ilha, as Irmãs de Caridade nele não poderão sepultar pessoa alguma, patenteando a igreja, quando for necessário, aí sepultar-se qualquer membro dessa família, a cujo funeral costumam assistir os Religiosos dessa Ordem.
  6. Finalmente, os Religiosos Franciscanos desta Corte entregam gratuitamente o seu Convento do Senhor Bom Jesus da Ilha às Irmãs de Caridade do SSmo. Coração de Maria, por empréstimo, no espaço de vinte anos, simplesmente para seu recolhimento e casa de educação, e com as condições acima prescritas que serão religiosamente cumpridas, sem exceção alguma. E, por verdade, se passam dois contratos deste teor que deverão ser assinados pelo Irmão Ministro Provincial e pela Superiora da dita Congregação e mais duas Irmãs discretas, ficando um em poder do mesmo Provincial e outra no da Superiora das Irmãs de Caridade.
- Feitos neste Convento de Santo Antônio da Corte do Rio de Janeiro, aos 5 de abril de 1852.
- Frei Miguel de Santa Rita, Ministro Provincial  
 Bárbara Maix, Priora da Congregação do Coração de Maria  
 Maria Regina Radlingmayer  
 Ana Barth." (BORTOLUZZI, 1996, p.279)

<sup>33</sup> Convento São Francisco-São Paulo, Livro Tombo, N.IV-p.98. (BORTOLUZZI, 1996, p. 279)

As Irmãs tinham direito a usufruir das dependências do convento, seguindo as orientações estabelecidas no documento, Madre Bárbara juntou a este contrato outro documento no qual se dispõe a cumprir com outras obrigações:

... A Congregação das religiosas do sagrado Coração de Maria, da sua parte, se encarrega de mandar fazer no convento os concertos que julga preciso: encarrega-se de mandar, outrossim, de fazer celebrar na igreja, pelo seu Capelão, o serviço divino e mais obrigações para uso dos fiéis, que costumam ir lá ouvir missa...<sup>34</sup>

Ao chegarem no Convento da Ilha, em 05 de abril de 1852, as Irmãs começaram o inventário de tudo que havia no local, o mesmo foi assinado por Madre Bárbara, Maria Regina Radlingmayer e Ana Barth.

Segundo as memórias da Irmã Inês de São Luís, as Irmãs vienenses passaram muito trabalho e inúmeras dificuldades, além de extrema pobreza durante os primeiros tempos na ilha, pois há muito tempo, o local não estava habitado, por isso tiveram muito trabalho em limpar tudo e a chácara demorou até começar a produzir algo.

Um colégio para meninas ali foi aberto, era frequentado por meninas da capital, que eram buscadas de barco pelo Irmão João Hamberger. Aos poucos as condições financeiras foi melhorando, entretanto, a vida espiritual da Congregação foi considerada como prova de fogo, não havia sacerdote para realização de missa e demais obrigações religiosas das Irmãs. A estada na ilha promoveu concretamente os primeiros passos para separação da Comunidade.

Ainda em 1852, após estarem estabelecidas e superar as dificuldades iniciais na Ilha do Convento, Madre Bárbara dedicou-se à redação final das Constituições, posteriormente ela decidiu ir à Roma pedir ao Papa a aprovação das mesmas.

Durante a viagem para Europa, Madre Bárbara esteve em Viena e Linz, onde encontrou várias jovens com desejo de ingressarem na Congregação, além delas outros membros da família Hamberger embarcaram para o Brasil com o mesmo objetivo. Entre os homens, o desejo era de fazer parte da Congregação dos Irmãos do Coração de Maria, idealizada pelo falecido Padre Pöckl.

Madre Bárbara e sua coirmã Madre Isabel ficaram durante 5 meses à espera da audiência com o Papa Pio IX. Quando, finalmente, conseguiu, Madre Bárbara narrou ao Papa a origem da Congregação, as dificuldades vivenciadas e a nova vida

---

<sup>34</sup> Convento São Francisco-São Paulo, Livro Tombo, N.IV-p.72. (BORTOLUZZI, 1996, p.280)

na Ilha do Bom Jesus, pediu também a aprovação das Constituições, entregando-lhe pessoalmente um exemplar<sup>35</sup>.

No final da audiência o Papa Pio IX teria dito segunda elas:

Ide trabalhar na vinha do senhor e tratai de aumentar a Congregação. Apresentai-me, depois, novamente vossas Constituições, que são boas e que hoje aprovo verbalmente. Mais, tarde, os Bispos do Brasil me hão de informar a respeito do progresso e desenvolvimento da Congregação. (BORTOLUZZI, 1996, p. 291)

Nas Constituições, abrangiam todos os aspectos da vida religiosa, o carisma e a missão da Congregação.

Após a audiência, o Papa ordenou ao Cardeal de la Genga, que escrevesse ao Núncio em Viena, solicitando as mais exatas informações sobre as suplicantes Bárbara Maix e Isabel.

As informações<sup>36</sup> enviadas ao Papa, em 9 de dezembro de 1852, narraram toda trajetória de Bárbara em Viena até a saída da Áustria para o Brasil, entretanto,

<sup>35</sup> O mesmo encontra-se no Arquivo da Sagrada Congregação dos Religiosos e Institutos Seculares.

<sup>36</sup> Documento enviado ao Papa sobre a conduta das suplicantes: “Em execução da incumbência a mim confiada por esta Sagrada Congregação aos 17 de novembro passado, N. 12831, não deixei de colher as mais exatas informações a respeito da Superiora da Congregação das Filhas do Sagrado Coração de Maria, Bárbara Maix, e sua companheira Isabel Hackel. Dirigi-me, por isso, ao Arcebispo daqui que me narrou como Bárbara Maix e sua companheira Isabel Hackel, no ano de 1842-1843, se propuseram a dar hospedagem, em Viena, a moças empregadas, que se achavam sem emprego e vigiar sobre sua conduta. O Arcebispo de Viena, percebendo o bem que havia de provir da execução de tal projeto, não só exortou Bárbara Maix a pô-lo em execução, como também lhe deu auxílios para tal fim. Mas, pouco tempo depois, apareceu claramente que Bárbara Maix não tencionava ocupar-se em preservar dos perigos as empregadas que se encontravam sem ocupação, mas, sim, fundar uma nova Ordem de vida contemplativa. Um sacerdote da Congregação do SSmo, Redentor, o Padre João Pöckl, homem em quem, ao que parece, o zelo não ia de igual passo com a prudência, começou a dirigir a nascente Congregação, contra a vontade dos Superiores. Esses sempre insistiam para que o mencionado sacerdote desistisse da direção de uma associação de senhoras, que não tinham ainda, nem Constituições, nem finalidade definida, pois que disto surgiam, no público, algumas suspeitas, próprias a ofender a reputação da Congregação dos Padres Redentoristas. Mas ele permaneceu surdo às admoestações e às ordens dos seus Superiores e acabou abandonando a Congregação do SSmo. Redentor. Em Viena, sempre se ignorou que tal Congregação quisesse dedicar-se à educação das meninas. Nos anos de 1846 e 1847, esta Congregação contava com cerca de 20 Irmãs, junto das quais Bárbara Maix assumiu, de própria autoridade, as atribuições de Superiora. Em 1846, ela foi a Roma para pedir à Santa Sé a aprovação da nova Congregação, mas não a tendo podido obter, regressou a Viena. As causas desta recusa aqui não se conhecem, como também não se conhecem ainda as Constituições, as quais nunca foram apresentadas a esta Cúria Arquidiocesana. Aqui viviam na tranquilidade e no recolhimento, e nunca deram motivos para reparo algum a respeito de seu comportamento moral e religioso. Mas não parecem ser bem versadas em matéria de Religião e pouco aptas, como se exprime o Arcebispo, em distinguir a Palavra de Deus das falsas e vãs opiniões dos homens. Fugiram de Viena em 1848, temendo o ódio dos revoltosos e se refugiaram no Brasil. Não se conhecem os recursos que tivessem para seu sustento aqui em Viena e para poder fazer tão longa viagem. Aqui não ficou vestígio algum delas e não se conhece outro lugar onde esteja este Instituto. Espero ter ocasião de obter outras notícias a respeito das mesmas que não deixarei de enviar a Vossa Eminência Reverendíssima... (BORTOLUZZI, 1996, p. 296 e 297)



apresentou alguns detalhes ambíguos, sujeitos a interpretações inconsistentes com a realidade. Devido a estas informações o Papa enviou, em 28 de janeiro de 1853, uma carta ao Bispo do Rio de Janeiro, informando que não aprovava oficialmente a Congregação.

Madre Bárbara ainda se encontrava na Europa, quando a febre amarela ressurgia no Rio de Janeiro desta vez, entretanto, mais amena do que a anterior. O governo imperial, através da Comissão de Saúde propôs que se instalasse em uma parte do convento ocupado pelas Irmãs uma enfermaria só para os infectados.

A febre vitimou muitas milhares de pessoas, principalmente os escravos, estrangeiros não habituados ao clima tropical e crianças. As 11 noviças foram contagiadas, 9 morreram, provocando uma grande desolação.

Enquanto isso, Madre Bárbara aguardava uma nova audiência com o Papa, que ocorreu em 10 de março, segundo as cartas trocadas entre as Irmãs e também com D. Pedro II. O otimismo da aprovação da Congregação e seu reconhecimento eram apenas uma questão de tempo.

Após a morte do Padre Pöckl, um substituto foi enviado para a Ilha, cuja missão era manter os rituais religiosos naquele espaço, porém este faleceu em decorrência da febre amarela, mais uma vez a Comunidade ficou sem a presença de um sacerdote para cumprir as demandas espirituais.

Sabe-se que o Bispo do Rio de Janeiro enviava um padre para celebrar a missa aos domingos, e que durante os dias de chuva ou turbulência no mar, ele não ia até a Ilha, ficando a Comunidade sem acompanhamento por várias semanas.

Em julho de 1853, o Padre Carlos Winckler chegou à Ilha para ocupar a direção espiritual da Comunidade das Irmãs e Irmãos, inicialmente solícito e determinado, aos poucos, impôs extrema rigurosidade no trato com Irmãs e Irmãos. Conforme as narrativas das Irmãs mais antigas, “ele punha constantemente à prova a humildade e a obediência das Irmãs e Vice Priora, não a deixando governar livremente na direção do colégio e querendo sempre ser obedecido” (BORTOLUZZI, 1996 p. 309).

A severidade das penitências impostas variava: privação da eucarística, repouso no chão, no corredor, durante a noite. O tratamento dispensado pelo Padre Winckler aos membros da Comunidade não condizia com o espírito familiar que caracterizava a Congregação. Ele também ficou encarregado da formação religiosa dos Irmãos, sua atitude em relação a eles não foi diferente das impostas às Irmãs. O

fato foi levado ao conhecimento do Bispo, mais a solicitação da nomeação de um outro diretor Espiritual.

Diante desse problema, o Bispo aproveitou a chegada do Frei franciscano Antônio Amado Martens<sup>37</sup> ao Rio de Janeiro, vindo Buenos Aires, para enviá-lo para dar assistência espiritual às Irmãs e Irmãos na Ilha, enquanto ele aguardar as ordens do seu Superior Geral de Roma

Os problemas internos quanto à viabilidade de manter o Padre Antônio Amado Martens como Capelão começaram aparecer. Segundo as narrativas teve início “um intenso reboiço” entre a Comunidade, dois grupos se formaram; um a favor do Padre Winckler e o outro do Padre Antônio Amado Martens.

O tempo passando e a situação na Comunidade se agravava, foi nomeado então um novo capelão, o Padre Francisco Hundhouser, entretanto as divergências entre a comunidade resultaram mais tarde na separação da Congregação.

De acordo com Bortoluzzi (1996, p. 320)

A prolongada ausência de Madre Fundadora e a falta de um piedoso Diretor espiritual resultou para a Comunidade da Ilha do Bom Jesus uma sensível decadência espiritual que contribuiu para acelerar ainda mais o ritmo da corrente de separação de Madre Bárbara e de sua Congregação.

Todos esses acontecimentos ocorreram durante a ausência de Madre Bárbara, que retornou da Europa em maio de 1854.

Uma nova epidemia chegou ao Rio de Janeiro, o Cólera, causando a morte de aproximadamente 4.828 pessoas<sup>38</sup>, entre julho de 1855 e maio de 1856 – número de mortos que só se equiparava ao da epidemia de febre amarela cinco anos antes.

Em 22 de setembro, todas as instituições civis e religiosas foram chamadas sob o título “socorro aos pobres” a oferecer sua solidariedade, doze <sup>39</sup> Irmãs voluntariamente se dispuseram a cuidar das vítimas da epidemia, atendendo em diferentes regiões do Rio de Janeiro.

A epidemia do Cólera deixou um grande número de órfãos, o Governo Provincial decretou a fundação de um asilo para órfãos, a criação do Asilo de Santa

<sup>37</sup> O Padre Antônio Amado Martens estava suspenso do uso de ordens sacras devido sua conduta em Buenos Aires. As autoridades Eclesiásticas debatiam quanto a sua permanência ou não na Ilha. Por fim foi enviado para uma missão junto aos índios Caiapós no Pará, novamente houve divergências com as autoridades eclesiásticas e civis, foi dispensado de qualquer ação missionária e foi para Harve.

<sup>38</sup> Dados disponíveis em <https://coc.fiocruz.br>, consultados em 20/10/2022.

<sup>39</sup> 3 Irmãs foram para o Hospital de Iguassú, 3 para servir na enfermaria de Niterói e outras 3 para hospital da Vila Santo Antônio de Sá.

Leopoldina<sup>40</sup> que inicialmente deveria ficar sob os cuidados das Irmãs de Caridade, estas não puderam atender à solicitação, pois tardaram a sua chegada ao Brasil. Foi então, que essa missão coube provisoriamente às Irmãs do Coração de Maria. Madre Bárbara aceitou o pedido e enviou Madre Isabel do Preciosíssimo Sangue como Superiora e mais 8 Irmãs e 1 candidata.

O asilo foi inaugurado durante os festejos em honra de São João Batista, padroeiro da cidade de Niterói, contando com a presença das principais autoridades da cidade, do casal imperial D. Pedro II e D. Teresa Cristina de Bourbon que aceitaram o título de Protetores do Asilo.

O trabalho desenvolvido pelas Irmãs no asilo era de suma importância, elas deveriam ensinar às órfãs as matérias primárias, trabalhos de agulha e serviços domésticos. Como capelão, foi nomeado o Padre Winckler, o regime interno do asilo seguia a orientação segundo os critérios das Irmãs e Irmandade<sup>41</sup>. No início de 1855, o asilo contava com 26 órfãs e 4 órfãos.

A capela do asilo foi palco de cerimônias religiosas, inclusive a profissão religiosa de Irmãs, evento que ganhou destaque na publicação do *Jornal Correio do Sul*.

“O casal imperial fez-se presente na missa do dia 09 de setembro daquele ano, as órfãs cantaram em coro uma saudação, uma delas com apenas 6 anos cumprimentou-lhes brevemente com saudação em nome de todas”. (BORTOLUZZI, 1996, p.324)

Enquanto isso, no colégio da Ilha de Bom Jesus, havia poucas alunas, e o prédio necessitava de uma reforma geral, Madre Bárbara decidiu transferir parte da Comunidade para cidade. Alugou uma casa na Rua do Livramento, no bairro Catumbi, próximo do lugar que haviam morado.

As três Irmãs que foram atender os doentes no hospital de Santo Antônio, Josefa Ghirland<sup>42</sup>, Serafina da Assunção e Teresa Gurtner decidiram não voltar para a casa no Livramento, o que tudo indica que a atitude das mesmas refletia a onda de cisão no interior da Congregação. De acordo com ofício enviado por Madre Bárbara para o Vigário de Santo Antônio, Padre Manoel dos Reis, ela recorreu a ele para que

---

<sup>40</sup> Nome dado em homenagem a Imperatriz D. Leopoldina, mãe do Imperador.

<sup>41</sup> Irmandade de São Vicente de Paulo, responsável pela execução da obra.

<sup>42</sup> Segundo os relatos a Irmã pediu em 10 de março licença ao Bispo para sair da Congregação, pedido que foi aceito.

as Irmãs retornassem para a Comunidade. “É certo que estas não queriam voltar à comunidade no Livramento” (BORTOLUZZI, 1996, p. 341).

Um novo colégio foi aberto na casa do Livramento, porém havia poucas alunas, aceitavam encomendas de trabalhos de agulha, flores artificiais, cruces, imagens de cera, em especial do Menino Jesus, e quadros religiosos a fim de conseguir dinheiro para atender às necessidades.

Madre Bárbara permanecerá na Ilha de Bom Jesus, nesse período a Comunidade dos Irmãos chegava ao fim, acontecimento que impactou tristemente todas as Irmãs.

Devido uma série de eventos internos e externos, Madre Bárbara decidiu devolver o Convento aos Padres Franciscanos, revogando o contrato realizado entre ambos, em 1852.

Em 14 de maio de 1856, Madre Bárbara rescindiu o contrato e devolveu o convento da Ilha, entregando tudo como havia recebido, conforme o estabelecido no inventário.

### 3.7 AS IRMÃS DO CORAÇÃO DE MARIA NO RIO GRANDE DO SUL

A cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, em 1855 era uma das que mais crescia no estado, contava com cerca de 7.000 habitantes, a prosperidade derivada da implantação das charqueadas promoveu o rápido desenvolvimento da cidade, e, conseqüentemente, os problemas sociais acompanharam na mesma proporção.

Como todo centro urbano, havia muitos pobres, principalmente meninas órfãs e vulneráveis, surgindo, assim, a necessidade de criar um asilo para atender essas crianças.

A boa reputação do Asilo de Santa Leopoldina, em Niterói, já era conhecida em Pelotas, os membros da Maçonaria<sup>43</sup> decidiram fundar um asilo para meninas, e a Diretoria do Asilo optou por entregar o asilo aos cuidados das Irmãs do Coração de Maria.

---

<sup>43</sup> Em 1854 existiam duas Lojas Maçônicas em Pelotas, estas se fundiram, em 1855, durante a festa em honra do Orago da Maçonaria “São João Batista”, o presidente propôs a fundação de um asilo para abrigar as meninas órfãs, na sessão de 11 de agosto a proposta foi aprovada por unanimidade. (BORTOLUZZI, 1996, p. 333)

A Diretoria do Asilo, presidida pelo Dr. Joaquim José Afonso Alves, solicitou ao então deputado pelotense na Corte, Dr. Jacinto de Mendonça que conseguisse algumas Irmãs para dirigir o asilo. Madre Bárbara destinou as Madres Hedwiges e Bernarda para assumir a tarefa. Segundo o Histórico das Dissidentes: “as Irmãs desceram com o Padre Winckler”, chegando a Pelotas no início de setembro daquele ano. (BORTOLUZZI, 1996, p.335)

A inauguração do Asilo reuniu autoridades civis, militares, religiosas e demais membros da sociedade pelotense. Seis órfãs e as Irmãs iniciaram as atividades no asilo. Conforme os registros, foi enviado ao Imperador uma carta, solicitando-lhe que aceitasse o título de Protetor do Asilo. Em resposta através de um ofício de novembro de 1855, o Ministro do Império comunicou à Diretoria que o Imperador aceitaria por bem o referido título.

A atuação das Irmãs em Pelotas ganhou destaque entre a população, pois até aquele momento, só se ouvia falar das Irmãs encerradas em claustros e, ao presenciar a atuação das Irmãs do Coração de Maria<sup>44</sup>, interagindo familiarmente com as pessoas e trabalhando ativamente no cuidado e educação das meninas órfãs do Asilo. A admiração e o respeito foram crescentes, recebendo atenção especial no *Rio Grandense* de Pelotas, no qual se lê:

Os resultados vantajosos que as órfãs apresentaram no seu todo, no pouco tempo que estão confiadas às respeitáveis Irmãs do Sagrado Coração de Maria, dão uma alta média do que temos de esperar, quando aquele estabelecimento estiver completamente montado, A afabilidade com que essas Religiosas recebem as pessoas que vão ao asilo, surpreende a muitos que supunham encontrar aquela polidez fria e nimamente reservada, que parece dispensar toda e qualquer relação de amizade. As Religiosas veem sua capela todos os dias cheia de pessoas gradas e bem-nascidas, que vão acompanhá-las nas preces que dirigem à Rainha dos Anjos. O recolhimento e a piedade presidem ali, e os cantos simples, porém, expressivos, empregados para implorar a proteção do céu, têm alguma coisa de tão terno que convida à oração e faz prostrar aos pés do altar aquele que ali entra, talvez por curiosidade ou por espírito de observação. Enfim, seria desejável que na nossa Matriz se notasse, em geral, o mesmo espírito e circunspeção entre os assistentes que se observa na pequena capela do Asilo das órfãs desvalidas. (BORTOLUZZI, 1996, p.348)

Diante dos resultados satisfatórios do Asilo, foi solicitado a Madre Bárbara que enviasse mais sete Irmãs para Pelotas, com o objetivo de tomar conta de um

---

<sup>44</sup> Importante destacar que desde o início da Comunidade em Viena, Bárbara Maix procurou fundir a vida contemplativa com a vida ativa, este era um diferencial das Irmãs do Coração de Maria.

pensionato<sup>45</sup> que se projetava abrir junto ao Asilo, entretanto, naquele momento, a solicitação não pode ser atendida, e a Madre Bárbara enviou apenas uma, a Irmã Paulina.

No Rio de Janeiro, na casa do Livramento algumas Irmãs mais jovens apresentavam um certo descontentamento com a vida mais recolhida. Estas Irmãs aproveitaram a ausência de Madre Bárbara e partiram para Pelotas sem a autorização da Superiora para integrar o corpo de Irmãs que iriam tomar conta do Pensionato, “talvez já tivessem comprometido com este pensionato sem antes de consultar Madre Bárbara. O fato é que, aproveitaram-se da sua ausência, partiram sem licença dela” (BORTOLUZZI 1996, p. 348). Eram elas, as Madres Helena, Gabriela e Filomena, a noviça Maria Xavier e a candidata Ana Hamberger.

Não há nenhuma evidência que Madre Bárbara teria negado às Irmãs<sup>46</sup> a desejada transferência, ou se elas teriam agido dessa maneira por receio de não serem autorizadas a se transferirem para Pelotas.

Segundo Bortoluzzi (1996, p. 349)

É muito provável que a Irmã Paulina, que viera do Rio, em dezembro, e mais três Irmãs que estavam no Asilo, não tenham suportado o espírito de revolta trazido pelas recém-vindas contra a Madre Fundadora. E, pelo menos, o que autoriza deduzir um comunicado do Presidente do Asilo, feito na Sessão da Diretoria a 22 de fevereiro de 1857, dizendo "ter feito seguir para o Rio de Janeiro as três Irmãs que desejaram sair do Asilo e que, sob sua responsabilidade, havia remetido para a Corte a Irmã Paulina, desavida com a Madre Superiora, e cuja estadia por mais tempo no Estabelecimento podia se tornar prejudicial..."

A diretoria do Asilo, alugou um prédio próximo, nele foi instalado o Pensionato com externato. Na manhã de 06 de março, ocorreu a inauguração com a presença de muitas pessoas da cidade e de toda Diretoria, o Pensionato já contava com 16 internas, 4 semi-internas e 29 externas.

No decorrer do tempo, o Asilo e o Pensionato foram conquistando a confiança da população e prosperaram, as Irmãs já não conseguiam atender todas as demandas, por esta razão, a Diretoria, mais uma vez, escreveu ao deputado Jacinto

<sup>45</sup> A abertura do pensionato tinha como objetivo a obtenção de renda para manter o Asilo.

<sup>46</sup> Estas três Irmãs mais tarde constituíram o núcleo das dissidentes contra Madre Bárbara em Pelotas e dentro da Congregação.

de Mendonça, solicitando que conseguisse mais três Irmãs. Madre Bárbara autorizou a ida de mais três Irmãs para Pelotas.

A bem-sucedida atuação da Irmãs do Coração de Maria nos Asilos de Niterói e de Pelotas eram reconhecidas por muitos, a dedicação e o zelo com que as Irmãs dedicavam ao cuidado dos desvalidos, chegou ao conhecimento a Diretoria da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.

Junto à Santa Casa de Misericórdia, havia a seção das crianças expostas, denominada também de “Casa da Roda”, pois ali se encontrava a roda dos expostos<sup>47</sup>, quando as crianças completavam quatro anos eram transferidas para a “Repartição dos Expostos”, anexa à Santa Casa, onde começavam a receber instrução.

A Diretoria da Santa Casa considerou entregar a Repartição dos Expostos às Irmãs do Coração de Maria, para tanto escreveu ao Sr. Joaquim Parobé, Secretário das Obras Públicas e deputado porto-alegrense na Corte, solicitando o envio de algumas Irmãs.

Madre Bárbara aceitou a proposta, porém decidiu vir pessoalmente a Porto Alegre para acertar os termos do acordo, aproveitando também a viagem para visitar as Irmãs de Pelotas.

É importante destacar que Madre Bárbara estava preocupada com a situação espiritual das Irmãs do Asilo de Pelotas, o que tudo indica que as mesmas além do descontentamento com a Fundadora, estavam se distanciando das Regras da Congregação e sendo influenciadas pela onda liberal que vivenciava-se na sociedade pelotense. A influência da Maçonaria e do liberalismo provocou na população o desprezo pela vida claustral, pregava-se a laicização do ensino e da educação da juventude e a separação da Igreja do Estado.

Jornais pelotenses da época mantinham forte oposição ao Bispo e às Ordens Religiosas, havia uma constante vigilância sobre as Irmãs, com o objetivo de verificar a possível indução de alguma jovem à vida religiosa. O jornal *Diário do Rio Grande*

---

<sup>47</sup> O nome roda se refere a um artefato de madeira fixado ao muro ou janela do hospital, no qual era depositada a criança, sendo que, ao girar o artefato, a criança era conduzida para dentro das dependências do mesmo, sem que a identidade de quem ali colocasse o bebê fosse revelada. A roda dos expostos, que teve origem na Itália durante a Idade Média, aparece a partir do trabalho de uma Irmandade de Caridade e da preocupação com o grande número de bebês encontrados mortos. Tal Irmandade organizou em um hospital em Roma um sistema de proteção à criança exposta ou abandonada.

Disponível em: AUTOR: Jussara Gallindo TÍTULO: RODA DOS EXPOSTOS [https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb\\_c\\_roda\\_dos\\_expostos.htm](https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_roda_dos_expostos.htm) Acesso em: 23/10/2022

publicou em 13 de agosto de 1856, uma carta de um cidadão pelotense que manifestava a seguinte opinião:

... Falamos no Asilo para fazer uma observação sobre a educação moral das órfãs asiladas. As diferentes vezes que temos tido ocasião de ver a contrição com que estas pequenas donzelas assistem aos atos religiosos, têm-nos feito persuadir de que se lhes imprime uma educação demasiado forte. Chamamos, para isso a atenção da Diretoria deste pio estabelecimento. A idade em que o corpo e o espírito principiam a desenvolver-se exige cuidados especiais, mais liberdade e recreio, para que possam chegar à grande robustez e atividade a que foram destinadas pela natureza. Queremos úteis mães de família e não constituições fracas e pletóricas que deem à pátria uma progênie mesquinha sem energia física e moral. (BORTOLUZZI, 1996, p.356)

A convivência das Irmãs com a sociedade pelotense permitiu um certo afastamento da vivência rigorosa da clausura, faziam passeios com as meninas e visitas. As senhoras da alta sociedade eram muito próximas das Irmãs.

Conforme descreveu Bortoluzzi (1996, p. 356)

Mas o mal pior era a pouca assistência espiritual, pois a Diretora não achava tão necessária. Sentindo-se elas bem tratadas e mais à vontade, nasceu-lhes a impressão de que a Regra elaborada por Madre Fundadora era muito severa. Foram assim afrouxando na vida espiritual e desligando-se de Madre Bárbara.

Madre Bárbara observou que a vida espiritual da Irmãs de Pelotas estava fragilizada, desejava que elas recuperassem seu vigor original. Permanecendo em Pelotas por um mês, Madre Bárbara procurou conseguir, junto ao Bispo do Rio de Janeiro, que a Regra da Congregação fosse novamente enviada para Roma.

No dia 05 de dezembro de 1856, Madre Bárbara juntamente com as duas Irmãs que a acompanhavam e participaram de uma reunião junto aos membros da Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia, quando foi reafirmado que elas se encarregariam da instrução doméstica de todas as meninas expostas ou órfãs que estivessem aos cuidados daquela instituição. “Também se incumbiam de sua educação e as aperfeiçoariam em todas as prendas próprias do seu sexo, sem reserva alguma” (BORTOLUZZI: 1996, p. 359).

Contudo, a Casa da Roda funcionaria como uma seção independente, sem que as Irmãs tivessem qualquer interferência. Madre Bárbara alegou que a Repartição dos Expostos era pequena, não tinha as acomodações suficientes para o desenvolvimento pleno do trabalho a elas solicitados, ainda que a Casa da Roda fosse retirada para



outro local, o espaço era insuficiente. Diante das declarações de Madre Bárbara, a Mesa Diretora, além de mudar o nome da repartição para “Recolhimento”, deliberaram que não poderiam aceitar ou recusar as solicitações feitas, para tanto seria necessária uma nova reunião com a Mesa Conjunta a fim de resolver o caso.

Convocada a Mesa Conjunta aos 13 dias de dezembro de 1856, o Irmão Provedor, relatou os fatos, destacando que as Irmãs foram convidadas a assumir a função pela Mesa Diretora anterior, logo a atual não teria firmado compromisso algum com as mesmas, salientou que as solicitações de Madre Bárbara não tinham condições de serem aceitas, uma vez que não encontravam respaldo nos Estatutos da Santa Casa, no qual consta que a função da instituição era o cuidado dos enfermos, não podendo dispor dos recursos para outros fins.

Foi determinado pela Mesa que as solicitações de Madre Bárbara não poderiam ser atendidas e que ela e as Irmãs procurassem outra colocação.

Madre Bárbara e as Irmãs foram acolhidas por duas senhoras portuguesas; Dona Joaquina Isabel de Brito e sua irmã, Dona Maria José de Brito, estas senhoras estavam construindo um convento carmelita, na antiga rua da Olaria, atual rua Avaí.

O Governo Provincial e a Santa Casa reconheceram que Madre Bárbara tinha razão quanto a necessidade de melhorar as acomodações da Casa dos Expostos, concluíram que o espaço para o funcionamento da mesma era muito reduzido.

No relatório da Santa Casa, de 04 de janeiro 1857, confirma aquilo que Madre Bárbara já tinha observado:

Sua Excelência, o Presidente da Província, quis mandar fazer, neste estabelecimento, à custa dos cofres da Província, uma acomodação própria para essas órfãs, visto ser pequena e acanhada, a casa dos expostos, parecendo suficiente para isso, o vão que existe entre o forro e o telhado da mesma casa, onde se podem fazer duas salas e outros cômodos.<sup>48</sup>

Porém, “entre o telhado e o forro”, não havia espaço suficiente para as reformas essenciais.

Madre Bárbara passou a estudar a possibilidade de abrir um colégio próprio, constatou que em Porto Alegre havia mais vocações religiosas que no Rio de Janeiro, decidiu então fundar uma nova morada em Porto Alegre.

---

<sup>48</sup> Relatório da Santa Casa de Misericórdia, Porto Alegre 04 de Janeiro de 1857. (BORTOLUZZI, 1996, p.360)

A mesma Mesa Administrativa, que se recusara a fazer as reformas solicitadas por Madre Bárbara, tinha consciência que era extremamente necessária a existência de um local para abrigar as crianças expostas, foi então proposto que mandassem vir da França 10 Irmãs de Caridade e 2 Padres Lazaristas para a Santa Casa, a fim de ocupar as funções que foram inicialmente ofertadas às Irmãs do Coração de Maria.

O Provedor sabia da urgência em organizar um espaço para receber as crianças expostas, propôs aos mesários levar até o conhecimento da Assembleia Legislativa a imprescindibilidade de se construir um edifício adequado para servir de asilo a estas crianças.

A Assembleia Provincial aprovou a criação do asilo das meninas expostas da Santa Casa, confiando a administração interna às Irmãs do Coração de Maria<sup>49</sup>. A administração externa ficou a cargo de dois funcionários públicos nomeados pelo Presidente da Província.

As Irmãs do Coração de Maria foram contratadas pelo Estado. Inicialmente o aluguel do novo asilo corria por conta das Irmãs, com a intervenção do Barão do Jacuí, o Governo Provincial passou a se encarregar do pagamento do aluguel.

Escolhido o prédio que atendesse às necessidades para melhor acomodar as crianças, entretanto algumas adaptações foram necessárias. O Presidente da Província nomeou uma comissão para elaborar o Regulamento do asilo e mandou para as Irmãs o número de vestidos e roupas que deveriam preparar.

De acordo com as pesquisas de Bortoluzzi (1996, p. 362):

Foi fixado um número de 40 órfãs. Deveriam preparar vestidos para todas elas, e toda roupa de cama e de casa: 40 colchões, 40 colchas, cerca de 100 lençóis, toalhas para o refeitório e toda a roupa para uso na Capela.

Madre Bárbara escreveu ao Presidente da Província um ofício, solicitando um enxoval para cada uma, conforme se lê no mesmo:

Vossa Excia!

Para ser igual com as meninas do asilo, é preciso, para cada menina, as coisas seguintes: seis camisas, duas saias, quatro calças e seis lenços de mão, tudo isto feito de murim; mais duas saias e três aventais de becote azul, uma saia de baieta verde, uma capa de merinó preto forrado de baieta verde, seis pares de meias, dois pares de botinas, um vestido branco, três vestidos

<sup>49</sup> A vinda das Irmãs de Caridade da França seria demorada demais, até mesmo incerta, nesse caso, o convite para assumir a direção interna foi feito para Madre Bárbara e suas Irmãs.

de chita encarnada, seis côvados de escócio para fazer véus e alguns colarinhos de murim ou de cambraia.<sup>50</sup> (BORTOLUZZI, 1996, p. 362)

O novo desafio aceito por Madre Bárbara demandava muito trabalho para apenas três Irmãs, para integrar o grupo em Porto Alegre vieram do Rio de Janeiro mais duas Irmãs e 4 jovens já haviam se candidatado a ingressar na vida religiosa.

De acordo com os registros da Santa Casa, em 07 de setembro de 1857, foi inaugurado o Asilo de Santa Leopoldina em Porto Alegre. Segundo o regulamento do Asilo somente poderia receber as expostas da Santa Casa, dos 5 aos 13 anos de idade.

Naqueles dias chegaram a Porto Alegre mais duas Irmãs, vindas do Rio de Janeiro. Em Porto Alegre muitas jovens haviam procurado Madre Bárbara com a intenção de serem admitidas na Congregação, ela então, decidiu fechar a Casa do Livramento, transferindo o noviciado para a Capital da Província do Rio Grande do Sul.

Ao tomar conhecimento da chegada das Irmãs do Rio de Janeiro, o Presidente da Província enviou um ofício ao administrador do Asilo, determinando que não fosse permitida a hospedagem de Irmã alguma além das contratadas, a fim de que o asilo não se tornasse um convento. Contando com a ajuda do administrador, conseguiram alugar uma casa que ficava vizinha ao Asilo, separada apenas por um muro, no qual existia uma porta pela qual poderiam se comunicar.

O Regulamento do Asilo, em muitos aspectos, divergia com as Regras da Congregação, Madre Bárbara enviou as observações ao administrador, por meio de uma carta assinada por ela. O administrador, julgando que ela teria compreendido mal o que estabelecia o regulamento, enviou-lhe explicações que não foram suficientes para minimizar as divergências. Madre Bárbara remeteu novamente ao administrador suas considerações, onde destaca as contradições entre o regulamento e as Regras da Congregação.

Neste novo comunicado, Madre Bárbara aponta cada ponto do regulamento que se encontra em contradição com suas regras, por fim sinaliza:

Finalmente, Sr. Administrador, V. Sa. dá fim a suas explicações com estas notáveis palavras: "que Sua Excia. não deixará de estranhar bastante as frívolas e infundadas razões com que V. Mde. pretende justificar a inqualificável exigência que faz da reforma de alguns artigos do regulamento

---

<sup>50</sup> Documentação do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

deste Asilo, cujos Artigos, quando mesmo estejam em oposição aos da regra da Congregação, Sua Excia. fará executar aqueles e nunca estes". Isto é muito duro, Sr. Administrador, e eu faria injúria ao Sr. Presidente se ainda, por um momento, acreditasse que Sua Excia, abrigava tais sentimentos, que quisesse violentar as consciências de umas pobres religiosas, obrigando-as a executar artigos do regulamento opostos mesmo às nossas regras, como V. Sa. diz. Eu espero na prudência, na bondade e nos sentimentos firmes e dedicados de Sua Excia, mas se eu estivesse errada na minha opinião e o Sr. Presidente julgasse que tinha autoridade para nos obrigar a aceitar artigos contra nossa regra, neste caso, desconfiando inteiramente de mim e pondo toda minha esperança em Deus, digo que não creio haja autoridade na terra que me possa obrigar a fazer coisa alguma contra a minha consciência. Não somos escravas, Sr. Administrador, somos livres por Misericórdia de Deus, como o é o mesmo governo; se este não julga conveniente aceitar as condições que nós apresentamos, isto é, nossas regras, ele usa de seu direito e liberdade, assim, nós também somos livres para não aceitar artigos que estejam em oposição com nossas regras. Finalmente, se, apesar de tudo, o Sr. Presidente (coisa que eu não espero da bondade de seu coração) nos quiser oprimir, humilhar e lançar do Asilo, o pode fazer, nós nada diremos senão que, humilhando-nos perante Deus e resignando-nos nas Divinas disposições, esperamos somente nele que, como Pai, ampara e protege suas criaturas quanto mais abandonadas se acham de todos. Remeto o regulamento e nada mais tenho a dizer, Sr. Administrador. Deus Guarde, por muitos anos, a V. Sa. Sua humilde serva em J.C. Maria Bárbara da Trindade, Priora Geral da Congregação do Sagrado Coração de Maria." (BORTOLUZZI, 1996, p. 374)

A discussão foi levada ao conhecimento do Presidente da Província, que determinou que as Irmãs cumprissem o regulamento até que a Assembleia Legislativa solucionasse o caso.

Além do impasse quanto ao regulamento e as regras da Congregação, um novo evento causou grande desconforto à Madre Bárbara, o Presidente da Província declarou que as despesas relativas à instalação do Asilo teriam sido excessivas e exorbitantes, nomeou uma comissão para averiguar as despesas.

A Comissão, primeiramente, verificou se ocorrera alguma fraude nas compras, apresentou ao Presidente um parecer destacando:

A Comissão, apesar de não conhecer as Irmãs do Sagrado Coração de Maria, não se julga autorizada para pôr em dúvida a veracidade de semelhante declaração, escrita e assinada pela sua Priora. Porém, tendo a Administração do Asilo, que já se acha nomeada, de receber por inventário, logo que tomar posse, todos os móveis, utensílios e alfaias pertencentes ao Estabelecimento, pode Vossa Excia., nessa ocasião, à vista daquele inventário, formar a respeito um juízo seguro. (BORTOLUZZI, 1996, p. 377)

Logo depois a Comissão apurou se houve gastos desnecessários a respeito da Capela, sobre o caso relatou:

Neste objeto houve, sem dúvida, superfluidade. A Comissão conhece que nada há mais digno de pompa e de grandeza do que a Religião, porém, conhece também que o sentimento religioso não se inspira à infância com os aparatos da ostentação e do luxo, e sim com suas lições e suas práticas; nem exige, para o seu culto externo, mais do que a decência. Para o Asilo, pensa a Comissão que era indispensável uma capela para a celebração dos ritos e atos católicos, porém, pensa também que, para adorná-la, era dispensável o luxo onde bastava a decência. Esta e não aquele se compadecia mais com a natureza e fim da Instituição. (BORTOLUZZI, 1996, 377)

Sobre os gastos com as roupas para as meninas, foi manifestado:

Nesta especialidade, houve uma demasia manifesta e algumas coisas inúteis, como se depreende da simples leitura dos diferentes artigos; demasia já na quantidade, que é excessiva para 26 expostas, pois este foi o número das que entraram, já na qualidade que é muito superior para o emprego que estes artigos deverão ter. Ou aquelas expostas tinham roupa na Santa Casa para seu uso ou não tinham: se tinham, bastava simplesmente um traje mais decente e apropriado ao ato de instalação; se não tinham, era necessário, sem dúvida, despesa com fazendas para esse fim; porém, tanto o número como a excelência dos objetos comprados excedem muito a tal necessidade. Todavia, se tudo não é hoje necessário, pode sê-lo depois, quando crescer o número das órfãs e expostas. (BORTOLUZZI, 1996, p. 377)

A Comissão sobre este ponto não sabia se a ordem era para aprontar roupas para 40 meninas ou apenas para as 26 meninas que se encontravam no Asilo.

A Comissão verificou que os comerciantes elevaram os preços dos produtos comprados para o Asilo, sendo que os mais elevados foram os de marcenaria e carpintaria. É importe ressaltar que os responsáveis pelas compras para futura instalação do Asilo, foram os membros nomeados pela Mesa Diretora e não as Irmãs. Enviou-se ao Presidente da Província um relatório sugerindo que os responsáveis pelas compras esclarecessem os fatos.

Diante dos fatos, o Presidente da Província determinou que o administrador do Asilo requisitasse de Madre Bárbara um detalhado relatório, discriminando minuciosamente os itens e as roupas compradas para instalação do Asilo. Madre Bárbara assim o fez, entregando ao procurador a relação de tudo que foi comprado. Tendo em vista os fatos apresentados, o Presidente da Província não encontrou elementos para acusar as Irmãs.

Concluído o caso dos gastos, permanecia ainda a questão das discordâncias entre o Regulamento do Asilo e as Regras da Congregação. O caso que foi solucionado após um intenso debate entre Mesa Diretora, Presidente da Província, Madre Bárbara e deputados da Assembleia Provincial. Finalmente, na sessão da

Assembleia de 04 de novembro de 1857, foi aprovado um Projeto de Lei que autorizava as emendas ao Regulamento.

Ocorreram muitos impasses entre as partes, até que Madre Bárbara decidiu buscar fora do poder público uma maneira de manter a Congregação independente, sobre suas próprias regras. Abriu um Pensionato na casa<sup>51</sup> ao lado do Asilo, uma vez que muitas jovens desejavam estudar.

### 3.8 A SEPARAÇÃO DA CONGREGAÇÃO

A vida das Irmãs que conduziam o colégio e o asilo em Pelotas continuava tranquila, enquanto Madre Bárbara e as demais Irmãs em Porto Alegre enfrentavam várias dificuldades, causadas principalmente pela situação política que se desencadeava no Império<sup>52</sup>.

As Irmãs em Pelotas desfrutavam de grande prestígio junto à sociedade, principalmente junto às famílias mais abastadas e políticos da cidade.

O reconhecimento pelo excelente trabalho desenvolvido no asilo e no colégio, garantiram a elas admiração e respeito, entretanto, esta condição aos poucos promoveu o distanciamento com a proposta original da Congregação e de Madre Bárbara.

A tensão entre grupo de Irmãs que viviam em Pelotas e Madre Bárbara tiveram início após duas Irmãs, Madres Hedwiges e Gabriela, solicitarem à Madre Bárbara uma licença para passar dois meses em Porto Alegre, a fim de revigorar sua espiritualidade com a orientação espiritual do Padre Miguel Cabeça.

O pedido atendido imediatamente pela Piora Madre Bárbara, que logo enviou para Pelotas duas Irmãs, as Madres Jacinta e Leocádia para substituir as Madres Hedwiges e Gabriela, a Piora também solicitou que a jovem noviça Ana Hamberger as acompanhasse para completar seu noviciado em Porto Alegre, porém a atitude de Madre Bárbara foi interpretada de forma equivocada pela Madre Superior de Pelotas.

A intenção de Madre Bárbara ao enviar as substitutas, era não deixar o colégio e nem o asilo desfalcado devido à ausência das Madres Hedwiges e Gabriela, durante

---

<sup>51</sup> A casa era a mesma que havia alugado para o noviciado.

<sup>52</sup> Em 19 de maio de 1855 o governo expediu um aviso, proibindo a admissão de noviços aos Institutos religiosos, justificando-o pela decadência das Ordens no Império. Já nos estertores do Regime monárquico, em 11 de maio de 1889, esta disposição foi revogada pelo Imperador. [https://bibliotecanonica.net/docsab/btcabu.htm#\\_Toc217297571](https://bibliotecanonica.net/docsab/btcabu.htm#_Toc217297571) Acesso em: 10/05/2023.

o período que elas permanecessem na capital. Porém, o entendimento foi que ambas ficariam em Porto Alegre e as substitutas permaneceriam em Pelotas definitivamente. “As recém-chegadas foram tão mal-recebidas, que tiveram de regressar logo para Porto Alegre” (BORTOLUZZI, 1996, p.400).

De acordo com Bortoluzzi (1996, p. 400)

As Hedwiges e Gabriela alegaram ter desistido do seu plano devido à pressão da Diretora, que se opôs à ordem de Madre Bárbara. Com efeito, a Diretora enviou logo para Porto Alegre o Sr. Manoel Cardoso, a fim de rogar ao Sr. Bispo que revogasse a ordem dada por Madre Bárbara. Levava duas cartas da Diretora, sendo uma para Madre Bárbara e a outra para o Sr. Bispo, datadas de 20 de março de 1858.

Na carta enviada à Madre Bárbara, a Diretora do colégio e do asilo pelotense, justificou a necessidade de manter as Madres Hedwiges e Gabriela em Pelotas, alegando a inconveniência para o bom funcionamento dos mesmos sem a presença de ambas, destacando, também, a desconfiança que tal fato geraria na sociedade, nos pais e mães das alunas e dos bem feitores das órfãs.

A Diretora destaca ainda, que a possível ausência das Madres causou impacto negativo na diretoria mantenedora, sendo assim, poderia causar a decadência e ruína do colégio e do asilo, pois a confiança nas virtudes e atributos depositados nas Madres Hedwiges e Gabriela não seriam os mesmos atribuídos às Madres vindas de Porto Alegre.

Solicitou que a viagem das Madres fosse adiada para o período de férias, assim não haveria inconveniente para nenhuma das partes.

O conteúdo da carta enviada ao Bispo apresentava argumentos semelhantes aos da carta enviada a Madre Bárbara, porém destacou os que problemas enfrentados pelas Irmãs em Porto Alegre poderiam afetar negativamente o bom andamento da Comunidade de Pelotas.

Em resposta, Madre Bárbara afirma que as justificativas não precedem, pois todas as Irmãs têm o mesmo valor, sendo formadas nos mesmos princípios cristão, éticos e morais, logo a substituição não afetaria de forma alguma o desempenho do colégio e do asilo.

Madre Bárbara foi enfática ao afirmar:

A única razão que parece ter alguma força, e de que Vs. Ss. formam todo o argumento para que não se realizasse a mudança das Madres é a falta de

força moral e confiança nas Madres que eu mandei para lá. Esta razão, bem considerada, cai por si mesma e não tem mais que aparência. O primeiro que se desprende dessa razão é que os membros de uma Congregação destinada a um estabelecimento devem ser imóveis, irrevogáveis, perpétuos pelo temor desta falta de força moral; afirmar isto seria um absurdo, porque vai ferir no mais vivo, no mais essencial de uma congregação religiosa, cuja força moral está na união íntima de todos os seus membros com seus chefes pela dependência e obediência, alma de toda a Congregação religiosa, que vive e caminha no espírito da sua vocação. (Bortoluzzi 1996, p. 403)

Madre Bárbara utiliza argumentos persuasivos para esclarecer o ocorrido, por fim, apelando para o bom senso dos membros da diretoria, solicita que não interfiram na sua autoridade junto as suas subordinadas, sob pena de colocar em risco a ordem e o bom andamento da Congregação.

No entanto, as Irmãs estabelecidas em Pelotas já vislumbravam a possibilidade de ruptura com a Congregação dirigida por Madre Bárbara, em uma nova carta, agora dirigida ao Bispo do Rio de Janeiro, a Madre Diretora solicitou uma nova regra para redirecionar as religiosas, que haviam se distanciado da Congregação de Porto Alegre.

Na carta, os argumentos utilizados baseavam-se em relatos distorcidos e caluniosos sobre as intenções de Madre Bárbara na ocasião da transferência temporária das Madres Hedwiges e Gabriela para Porto Alegre.

A separação iminente da Congregação estava em curso, chegando ao ponto em que o Padre Miguel Cabeça, escreveu ao Bispo do Rio de Janeiro, D. Manoel Rodrigues de Araújo, uma carta esclarecendo os eventos que provocaram a tensão entre a Comunidade de Pelotas e Madre Bárbara.

Diante dos acontecimentos, a Comunidade de Pelotas acabou se isolando das comunidades de Porto Alegre e do Rio de Janeiro. Entretanto, nem todas as Irmãs que estavam em Pelotas eram a favor da separação, a Irmã Maria Antônia do SSmo. Sacramento, não concordava com o clima de discórdia se transferiu para Porto Alegre.

Conforme a análise da documentação apresentada por Bortoluzzi, a ideia central da separação da Congregação partiu das Madres Superiores da Comunidade de Pelotas.

Em novembro de 1859, Madre Gabriela viajou para o Rio de Janeiro, justificou a ida para capital do Império com a desculpa de ver uma amiga, visitar outros colégios a fim de trazer novidades para serem introduzidas na educação das meninas do colégio e fazer compras de materiais necessários para as aulas.



Segundo Bortoluzzi (1996, p. 454):

O motivo da viagem não era, porém, o indicado por ela, mas sim a questão da separação a ser tratada com o Internúncio, já que o Bispo do Rio de Janeiro não lhes mandara regra nenhuma; não pertenciam, agora, a nenhuma Congregação. Com toda a certeza, podemos crer que ela ia também para falar pessoalmente com as "dissidentes" que estavam no Asilo de Niterói, pois, segundo as Constituições então em vigor, sob n. 72, estava prescrito:

"Nenhuma Religiosa da Congregação do Coração de Maria pode escrever a ninguém de fora sem licença e sem mostrar o escrito à Madre Priora local, em de Deus."

Madre Gabriela teria ido combinar, com as dissidentes de Niterói, a redação das novas regras, pois a realidade era que a ruptura com Madre Bárbara e sua Congregação já havia ocorrido, e elas estavam sem nenhuma regra, portanto, fora da disciplina da Igreja.

Madre Gabriela também foi entregar uma carta<sup>53</sup> da Diretora para o Internúncio, na qual foi narrada a sua versão sobre a transferência das Madres

Hedwiges e Gabriela para Porto Alegre, além de difamar Madre Bárbara com calúnias e inverdades. Contudo, Madre Gabriela não foi bem-sucedida, pois não

---

<sup>53</sup> ".....Desgraçadamente para nós, faleceu, pouco tempo depois, aquele santo e virtuoso Prelado, e Madre Bárbara aproveitou-se dessa ocorrência para derramar sua bÍlis sobre as submissas vítimas, lançando-lhes a excomunhão!!!

Ainda não pára aqui o repreensível procedimento da Madre Bárbara: ordenou a todas as Religiosas da Congregação que não mantivessem relações nem se correspondessem com as respeitáveis Madres Hedwiges e Gabriela!! O resultado de tal imprudência tem sido ficarem privadas, as mães de notícias de suas filhas, e estas de notícias de suas mães, e Irmãs de notícias de suas Irmãs.

Apesar da resignação evangélica da respeitável Madre Hedwiges, não pôde ela resistir a tão profundos golpes, o que a fez lançar, desta data para cá, no fundo de uma cama, sem esperança de se levantar desse leito de dor!

Ainda assim, Exmo. Sr., no estado desgraçado de saúde em que essa Senhora digna de melhor sorte se acha, tem tido forças para confortar e animar suas dignas companheiras que nela tudo confiam.

Mas essas forças a vão abandonando e, mais tarde, as desgraçadinhas que estão ao abrigo desta respeitável Senhora, terão (quem sabe?) de ser mais desgraçadas do que antes o foram: Não porque dentre as outras Madres que a acompanham não haja outras capazes de a substituir, mas por não ter a força e a resignação necessária para suportarem o peso da desgraça que ora as acabrunha, e então está tudo perdido.

É uma calamidade, Revmo. Sr., a orgulhosa ostentação de autoridade de Madre Bárbara! É preciso que Vossa Excia. ponha estas senhoras independentes daquela perniciosa influência. Dignando-se Vossa Excia. a ouvir a portadora desta representação, a respeitável Madre Gabriela, mais bem informado será de tudo quanto a respeito tem havido. De Vossa Excia. depende o eficaz remédio, e a Diretoria do Asilo aguarda-o convicta dos sentimentos de humanidade e do fervoroso zelo e eminentes atributos que distinguem a V. Excia., a quem Deus guarde muitos anos como é mister...

Pelotas, aos 26 de novembro de 1859."

Seguem as assinaturas de toda a Diretoria e do Padre Vigário. (Bortoluzzi, 1996, p. 455)

alcançou seu objetivo junto ao Internúncio, nada conseguindo em relação à separação.

Em uma nova tentativa de separação, foram enviadas ao Núncio do Rio de Janeiro uma carta de recomendação do Padre Vigário de Pelotas, Antônio da Costa Guimarães e ao Internúncio uma carta de Madre Hedwiges, juntamente com documento elaborado pelas dissidentes com a finalidade de justificar a separação.

O documento foi denominado de “Histórico<sup>54</sup>”, no qual, foi construída uma narrativa desde a origem da Congregação em Viena até o ano de 1860, ele foi elaborado quase que exclusivamente para apontar as falhas e erros supostamente cometidos por Madre Bárbara, além de inúmeras passagens, nas quais, a verdade foi omitida ou alterada conforme a intenção das autoras.

Mesmo após a separação, as atividades desenvolvidas pelas religiosas em Pelotas prosperavam, tanto o asilo, quanto o colégio eram reconhecidos como o “cartão postal” da cidade, devido à excelência da educação e formação oferecida às meninas e às jovens atendidas pelos mesmos.

No ano de 1862, a Madre Hedwiges adoecerá, com sua saúde debilitada, ela optou por se transferir para Niterói, alegando que o clima quente seria mais indicado para sua recuperação.

De acordo com Bortoluzzi (1996, p. 482):

Mas, o verdadeiro motivo para isto é que lá estavam algumas Irmãs que haviam aderido à dissidência dela contra Madre Bárbara e tinham colaborado na redação do panfleto “Origem e estado da Comunidade das Irmãs do SS. Coração de Maria”. No meio delas se sentiria melhor do que em Porto Alegre.

Madre Bárbara tomou conhecimento da situação de Madre Hedwiges e enviou-lhe uma carta, convidando-a para ir a Porto Alegre. Madre Hedwiges aceitou o convite, mudando o roteiro da viagem, partiu para Porto Alegre na companhia de Madre Serafina.

---

<sup>54</sup> Segundo Bortoluzzi, o “Histórico” foi redigido em absoluto sigilo, sendo uma história secreta da Congregação. Este documento foi denominado de “Histórico das Dissidentes” (1996, p. 462 e 463). Afirma ainda, que nenhuma das Irmãs, nem mesmo a Madre Fundadora tinha conhecimento do referido documento até 1991. É importante destacar que o referido documento foi arquivado na Nunciatura do Rio de Janeiro, permanecendo lá até maio de 1991, neste mesmo ano, foi transferido para o Arquivo do Vaticano.

No reencontro com Madre Bárbara ocorreu a reconciliação. Madre Hedwiges decidiu permanecer junto à Fundadora a fim de revigorar sua espiritualidade, escreveu para Diretoria de Pelotas comunicando sua decisão de tratar sua saúde em Porto Alegre. Madre Serafina retornou logo para Pelotas.

Em Pelotas, apenas seis Irmãs para atender o Asilo e o Colégio, número insuficiente para suprir as necessidades destas instituições. O recém-eleito deputado provincial, o Sr. José Joaquim Afonso Alves, foi a Porto Alegre e acertou com Madre Bárbara o envio de mais quatro Irmãs para Pelotas.

De acordo com Bortoluzzi (1996, p. 482):

Madre Bárbara concedeu as quatro Irmãs, mas resolveu ir ela mesma acompanhá-las, a fim de tentar a reconciliação das que lá estavam. Nem todas, porém, dispuseram-se ao arrependimento, por isso, fugiram para não se encontrar-com a Fundadora.

Assim que souberam da reconciliação de Madre Hedwiges e da viagem de Madre Bárbara para Pelotas, as Madres<sup>55</sup> Gabriela, Helena e Filomena foram obrigadas a escolher, entre a reconciliação com a Fundadora ou deixar o Asilo, e optaram pela saída.

Dois anos antes, as Irmãs haviam recebido o convite dos cidadãos da cidade de Rio Grande para dirigir um asilo que seria fundado, ao recusarem a proposta, o Asilo não foi criado.

Diante da nova situação, as Madres Gabriela, Helena e Filomena escreveram para a Diretoria do Asilo de Rio Grande, aceitando assumir a direção do Asilo. Em meio a desconfianças por parte de alguns cidadãos, por terem fugido de Pelotas, o Asilo foi inaugurado em oito de dezembro de 1862.

A Diretoria do Asilo estava satisfeita com o trabalho realizado pelas Irmãs, conforme o relatório de setembro do ano de 1863, no qual o presidente da diretoria relatou:

"Oferecendo-se, voluntariamente, as três respeitáveis Madres do Coração de Maria, a cuja direção é confiado o Asilo e o Colégio a ele anexo, foram seus serviços aceitos e, até o presente, nenhum motivo há deixar de reconhecer a vantagem colhida de tão boa aquisição. Ao zelo, bons princípios e economia das respeitáveis Madres, a Diretoria deve os maiores elogios pelos auxílios que lhes têm prestado na boa marcha do estabelecimento, como pelo interesse que têm tomado para seu progresso." (Bortoluzzi, 1996, p. 488)

---

<sup>55</sup> Essas Madres faziam parte do grupo que desejava a separação da Congregação.

Contudo, o Asilo de Rio Grande não obteve o mesmo prestígio do Asilo de Pelotas. As três Madres permaneceram no Asilo até 15 de setembro de 1865, “A única referência a isto está no relatório do fundador, onde diz que as Madres ‘resolveram retirar-se e a Diretoria entendeu que devia aceitar sua demissão”. (Bortoluzzi, 1996, p. 489)

De acordo com uma tradição mantida pelas Irmãs mais antigas, as Madres Gabriela, Helena e Filomena, separadas da Congregação, retiraram o hábito religioso e a ex-Irmã Helena retornou para a Áustria.

Em 1870, novamente a Madre Bárbara sofreu mais um golpe, pois os reflexos de insubordinação que ocorrera em Pelotas ainda encontravam eco entre algumas Irmãs, que desejavam libertar-se de certos princípios estabelecidos nas Constituições.

Mais uma vez, Madre Bárbara foi vítima de uma conspiração fomentada pelas Irmãs descontentes com a autoridade de sua Priora. Difamada, caluniada chegou a ser chamada “um demônio em carne, a assim principiavam todos a desprezá-la e maltratá-la de todas as maneiras possíveis”. (Bortoluzzi, 1996, p. 566)

Como justificativa para afastar Madre Bárbara foi relatado que as Regras das Constituições excessivamente rígidas, sendo normalmente usadas por ela de maneira que excedia suas funções.

Em dezembro de 1870, O bispo de Porto Alegre em uma visita canônica, decidiu nomear uma nova superiora e também uma nova mestra de noviças, sem avisar a Fundadora. Ocorreu inclusive uma mobilização para desligá-la da Congregação

Diante desta situação, Madre Bárbara decidiu voltar para o Rio de Janeiro, onde permaneceu até sua morte em 17 de março de 1873.

### 3.9 O MILAGRE E A BEATIFICAÇÃO

A vida de Bárbara Maix foi repleta de desafios, incertezas, tensões causadas pelas crises políticas de seu tempo e dentro da própria Congregação a qual foi fundadora.

Bárbara Maix enfrentou tantas adversidades na luta pelo seu ideal, de fundar uma Congregação Religiosa que atuasse ativamente junto às meninas desvalidas e órfãs que a tornou uma mulher à frente de seu tempo.

Rompeu com muitos limites impostos às Ordens Religiosas Femininas, promovendo seu empoderamento tanto por suas ações, quanto pela sua fé e devoção.

Para alcançar o status de bem-aventurada<sup>56</sup>, Bárbara Maix poderia ter alcançado apenas pelo seu exemplo de vida, virtudes e dedicação ao cuidado dos desvalidos, realizando pequenos “milagres”<sup>57</sup> na vida daquelas que a seus cuidados foram confiadas, entretanto, era necessário um milagre de fato para que essa condição lhe fosse atribuída.

Um acidente ocorrido com um menino de 4 anos de idade no interior de Caxias do Sul, na localidade de Santa Lúcia do Piaí em 10 de julho de 1944, o milagre aconteceu.

Segundo as informações, o menino Onorino Ecker brincava com seus irmãos próximo a um tripé, no qual havia uma panela com água fervendo pendurada em uma corrente sobre o fogo. Um dos irmãos do menino o empurrou e ela se segurou na corrente, a água derramou sobre ele, que acabou caindo em cima das brasas, inspirando vapor e cinza quentes.

A criança foi levada a pé para o Hospital Pe. Cristóvão de Mendonça que ficava cerca de 15 quilômetros de distância do ocorrido, enrolada em um lençol, amarrado nas pontas em duas varas.

O estado do menino era gravíssimo, com queimaduras de 3º grau, conforme foi dito, no primeiro curativo suas unhas caíram, após três dias começaram as convulsões. O médico Antônio Cantisani, relatou que diante da falta de recursos e da gravidade do caso, somente um milagre salvaria Onorino.

Foi então que a enfermeira, Irmã Dulcília Granzotto, juntamente com familiares e outras pessoas no hospital iniciaram uma novena, pedindo a intercessão de Madre Bárbara Maix. Após 15 dias, o menino deu alta do hospital completamente curado.

O ocorrido foi devidamente documentado, estudado em processo diocesano, pela Arquidiocese de Porto Alegre, durante um ano, até ser enviado para a Congregação das Causas dos Santos, em Roma. O Decreto sobre o milagre foi

---

<sup>56</sup> A Igreja Católica tem um longo processo em vigor para examinar a vida de uma pessoa a fim de determinar se ela viveu em união com Deus e praticou as virtudes cristãs num grau tão extraordinário a ponto de que todos possam imitá-la. (<https://pt.aleteia.org/2023/05/23/o-que-significa-a-beatificacao>) Acesso em: 02/06/2023

<sup>57</sup> Centenas de jovens em Viena, crianças órfãs e desvalidas no Brasil, tiveram suas vidas transformadas graças aos cuidados e educação oferecidos por Bárbara Maix.

promulgado em 27 de março de 2010. O Papa Bento XVI a proclamou Bem-Aventurada<sup>58</sup>.

A celebração da beatificação de Madre Bárbara Maix foi datada para o dia 06 de novembro de 2010, no Ginásio de Esportes “Gigantinho”, em Porto Alegre.

Atualmente em Roma, está em curso o processo de canonização da Bem-Aventurada Bárbara Maix.

---

<sup>58</sup> A palavra deriva do latim “beatus “, que significa “abençoador”, “bem-aventurado”; e “facere “, ou seja, “fazer, tornar”. Beatificar, portanto, é simplesmente o ato de declarar um indivíduo “bem-aventurado”. (<https://pt.aleteia.org/2023/05/23/o-que-significa-a-beatificacao>) Acesso em: 02/06/2023

## 4 O MEMORIAL BARBARA MAIX DE PORTO ALEGRE

O presente capítulo abordará, como tema central, o Memorial Bárbara Maix. Pretende-se apresentar brevemente a história do Memorial, o mesmo como espaço de construção do conhecimento e como expressão de espiritualidade.

Para tanto, usou-se como principal referência a obra *A Danação do Objeto*, de autoria de Francisco Régis Lopes Ramos que aborda, como temática, a Educação Museológica a partir da Declaração de Caracas de 1992, visto que, propõe-se, nessa dissertação, apresentar recursos disponíveis para melhor valorizar e aproveitar o potencial do Memorial, seu acervo, história, patrimônio e construir ações de educação patrimonial.

### 4.1 HISTÓRIA DO MEMORIAL

A trajetória de vida de Bárbara Maix ocorreu no século XIX, um período marcado por profundas transformações na história da humanidade, mudanças radicais nas estruturas políticas, econômicas, sociais e culturais.

Portanto, a vida de Bárbara e os desafios de fundar a sua tão sonhada Congregação não passaram ilesas a estas mudanças.

A riqueza e intensidade de desafios experienciados por Bárbara Maix e suas companheiras deixaram um grande legado às futuras gerações, a fim de preservar a memória, divulgar a vida e obra da fundadora da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria.

Devido ao volume expressivo de objetos que contam a história da congregação foi, necessário organizar um local específico para preservar e disponibilizar para o público o acervo da , Congregação, assim foi criado o Memorial Bárbara Maix.

Primeiramente este espaço de memória ficava localizado na rua André Puente, nº 460, em Porto Alegre, inaugurado em 27 de junho de 2007, data de celebração do nascimento de Bárbara Maix. Na ocasião, a então Diretora Geral da Congregação, “Irmã Maria Zení do Nascimento afirmou ser ‘espaço para continuar decodificando a intenção profética de Bárbara’”. (RICHETTI, 2020, p. 158)

A inauguração contou com a presença de várias pessoas, incluindo diversos membros da Congregação, bispos, sacerdotes, professores, funcionários, religiosos de diversas congregações e, em especial, a presença do senhor Onorino Ecker, o

menino cujo milagre alcançado pela interseção de Bárbara Maix, a elevou à categoria de Bem-Aventurada em 06 de novembro de 2010 no Ginásio Gigantinho, em Potro Alegre.

Após a Beatificação de Bárbara Maix, o Santuário São Rafael, local onde é conservada a urna com os seus restos mortais, passou a receber a visitação de muitos devotos. Diante da nova situação, as Irmãs decidiram transferir o Memorial para o Instituto Coração de Maria, anexo ao Santuário.

A reinauguração do Memorial Bárbara Maix aconteceu no dia 17 de março de 2013, data de celebração dos 140 anos da morte de Bárbara.

A respeito do acervo do Memorial foi noticiado na página online do *Gaudium press*<sup>59</sup>:

O acervo, por si, fala da trajetória histórica de Bárbara Maix e interpela os visitantes a descobrirem o significado de cada elemento que o compõe. Nele, conservam-se relíquias datadas do século 19. São objetos de uso pessoal ou confeccionados por Bárbara: a cruz trinitária, o anel da consagração, seus escritos, a imagem de Jesus Menino pertencente à família Maix, mostras de trabalhos manuais, a mesa sobre a qual Bárbara foi velada bem como outros objetos de suas companheiras.

O Memorial guarda, também, a documentação do processo de beatificação da Serva de Deus, relíquias papais, vestes e objetos litúrgicos. Apresenta a expansão da Congregação em diversos países e sua missão em cada província.

(<https://gaudiumpress.org/content/45063-reinaugurado-em-porto-alegre-o-memorial-de-barbara-maix/>) Acesso em: 04/06/2023.

O Memorial Bárbara Maix é um espaço repleto de fontes históricas, de memória que refletem a identidade da congregação, representando um espaço multifacetário podendo contribuir para construção de novos saberes a partir da perspectiva da educação patrimonial.

## 4.2 MEMORIAL BÁRBARA MAIX COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

---

<sup>59</sup> Constituída por leigos, consagrados, profissionais e voluntários, *Gaudium Press* é uma agência de notícias que visa à difusão rápida e eficaz dos acontecimentos mais importantes da Igreja Católica. Também veicula matérias relevantes sobre formação católica, buscando sempre informar de modo transparente, sério e objetivo.

Utilizando-se de tecnologia avançada do jornalismo digital, *Gaudium Press* almeja ser um instrumento da nova evangelização, para levar ao público notícias católicas com profissionalismo. Para isso conta com colaboradores em diversas partes do Brasil e do mundo.



Ao definir memória como o conjunto amplo e complexo de todas as lembranças, vivências, experiências, formação pessoal, profissional e intelectual do indivíduo na sociedade em que está inserido, bem como no tempo e espaço onde sua trajetória desencadeia, busca-se compreender o processo de construção do indivíduo e da sociedade.

Entende-se que a sociedade compõe todos os elementos que ajudam a forjar e formar o indivíduo, elementos como: grupos (sociais, políticos e profissionais), família, escola, trabalho, entre outros, bem como o cenário onde o sujeito vivencia suas experiências.

Conforme destaca Le Goff:

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, que melhor permite compreender essa luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (1990, p.476).

As vivências do sujeito são complexas, não são estanques quando se trata da coletividade, de grupos sociais, em que, ao experienciar algo comum, há uma memória coletiva.

Patrimônio Histórico pode ser definido como um bem material, imaterial, natural ou móvel ou imóvel que possui significado e importância artística, cultural, religiosa, documental ou estética para a sociedade. Estes patrimônios foram construídos ou produzidos pelas sociedades, por isso representam uma importante fonte de pesquisa e preservação histórica e cultural.

A preservação do patrimônio histórico e cultural dos acervos disponibilizados nos memoriais, assim como nos museus, são de suma relevância para formação da identidade, do sentimento de pertencimento e educação patrimonial, deste modo, “o museu tem uma missão transcendental a cumprir hoje” (DECLARAÇÃO DE CARACAS de 1992, p. 259).

Pode-se destacar a respeito do papel do museu:

Deve constituir-se em instrumento eficaz para o fortalecimento da identidade cultural de nossos povos, e para seu conhecimento mútuo, - fundamento da integração - tem também um papel essencial no processo de desmistificação da tecnologia, para sua assimilação no desenvolvimento integral de nossos

povos. Por fim, um papel imprescindível para a tomada de consciência da preservação do meio ambiente, onde o homem, a natureza e a cultura formam um conjunto harmónico e indivisível. (Declaração de Caracas de 1992, p. 260).

Assim, o papel educativo do museu é o de promover a reflexão crítica, não mais um espaço para honrarias de personagens ou exposição de acervos de destaque do seu tempo, o museu é o espaço onde é possível relacionar as *multitemporalidades* por meio do objeto e observar a história na materialidade das coisas.

Além dos museus, o memorial se apresenta como um espaço de múltiplas possibilidades, sentidos e significados, local onde o saber, a pesquisa e o ensino podem ser articulados, um ambiente de promoção das mais variadas experiências humanas que perpassam pelos seus documentos, fotografias, objetos, móveis e demais elementos que fazem parte do seu acervo.

Nesse sentido, é primordial a “alfabetização museológica”<sup>60</sup>, para que o memorial possa ser um espaço de construção de novos saberes e uma nova abordagem em relação ao ensino da História, como o Memorial Barbara Maix, que possui um rico acervo constituído por uma variedade de peças, fotos, documentos, obras de arte sacra e outras relíquias que compõem o espaço dedicado à preservação da memória e identidade da fundadora da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, Bárbara Maix, e da própria Congregação.

Por apresentar-se como um espaço multifacetário de preservação da história, memória e espiritualidade, o Memorial possui as condições primordiais para o desenvolvimento de uma nova perspectiva para o ensino da História, construção de novos saberes, diálogos interculturais e experiência com a espiritualidade.

Para tanto, é de suma importância que seja construída a pedagogia do diálogo, com a qual será possível desenvolver novas percepções para multiplicidade do tempo, contudo há necessidade de preparar os professores, despertando o potencial educativo da história dos objetos.

Antes de tudo, porém, é preciso selecionar visitas temáticas e problematizá-las, caso contrário, será apenas um passeio, no qual a observação de objetos antigos será apenas mais atividade escolar. Os professores devem provocar interação entre o objeto e o estudante, levá-lo à reflexão, por isso é fundamental ter clareza sobre os

---

<sup>60</sup> Expressão utilizada pelo Francisco Lopes Ramos na obra *A Danação do Objeto*.

objetivos que se deseja atingir com a visitação. O Memorial é um espaço de construção do saber e de múltiplas interações.

Por esta razão, é preciso ao selecionar o objeto indagar como ele pode ser usado pelo professor como gerador de conhecimento para o educando, pois ele permite fazer a leitura histórica do mundo por meio de objetos selecionados na exposição, o papel destes é incitar ponderações sobre as relações entre o sujeito e o objeto, compreendendo que os objetos apresentam elementos culturais, são invenções humanas de seu tempo e espaço, tem história e tiveram uma função no seu tempo.

A comparação entre o objeto do passado e do presente permite observar a história no campo das possibilidades e a noção de multiplicidades de temporalidades, podendo, assim, elaborar novas interpretações históricas a partir do diálogo sobre o objeto e as interações que o envolvem.

Conforme Ramos (2004, p. 60):

O trabalho com objetos geradores não se vincula a relações nas quais o sujeito simplesmente descobre o objeto. Não se trata da revelação à luz de métodos cujos passos estão seguramente definidos. Antes de tudo, o potencial educativo dos objetos geradores reside no exercício de alargamento do nosso ser no mundo, da experiência de viver a historicidade do ser que dá existência a nós e ao mundo, em suas múltiplas ligações.

Sendo assim, ao optar por este método, é necessário ter a clareza que nem todos os estudantes terão a mesma percepção sobre o objeto gerador do conhecimento, cabendo ao professor fazer as intervenções pertinentes, como forma de evitar equívocos nas interpretações sobre a história em torno do objeto.

O ensino da história vinculado a um objeto gerador pode ser um caminho para a formação do pensamento crítico e atuante em vários espaços, abrindo novos horizontes para a prática pedagógica, distanciando-se da chamada educação formal.

Dessa forma, Ramos (2004, p. 84) destaca:

A composição coletiva de espaços de trabalho com a memória assume, desse modo, um papel de significativo impacto. Refiro-me à possibilidade de criação de memoriais com recortes temáticos específicos, a partir de movimentos e conflitos sociais como o trabalho, o lazer, a escola, a violência, a solidariedade, as táticas de sobrevivência, a religiosidade, lutas por determinadas condições de vida, como é o caso das reivindicações em torno da moradia. Enfim, espaços de reflexão sobre as memórias de tensões historicamente situadas. A pedagogia do objeto gerador teria a

missão de propor o desafio de fertilizar as imbricações entre passado, presente e futuro.

Para fazer uso da pedagogia do objeto, é necessário adotar, na sua prática, a pedagogia da pergunta, porém, não existem receitas para fazer indagações, a solução encontrada para esta situação é o próprio diálogo entre o objeto e o sujeito, para que as indagações envolvam problemáticas historicamente fundamentadas.

Nesse caso, torna-se fundamental o papel do professor, pois o mesmo deve sair do papel de transmissor de conteúdo para o papel de provocador de reflexões. Contudo, a pedagogia do diálogo não permite o questionar apenas por questionar, faz-se necessária a construção de saberes, de conhecimentos fundamentados, de práticas reflexivas sobre o objeto gerador, trata-se de viabilizar as múltiplas interações e interpretações possíveis do objeto.

Possibilitar novos olhares, ou olhares a partir de outras perspectivas, esse diálogo entre o sujeito e o objeto permite novas conexões. Essas novas formas de relacionar sujeito e objeto é de fundamental importância para construção de uma nova metodologia que, por meio das múltiplas interações sujeito-objeto, criam-se perspectivas em relação ao espaço de memória.

Para a pedagogia do objeto gerador é essencial a reflexão sobre as infinitas possibilidades do ser humano, o que ele fez ou deixa de fazer não se vincula apenas às relações nas quais o sujeito descobre o objeto, mas à possibilidade de sua expansão no mundo, uma experiência de vivenciar a historicidade que gera a existência do ser e tudo ao seu redor, bem como as múltiplas ligações.

Para que ocorra de fato uma interlocução/interação, entre sujeito e objeto gerador, é fundamental a preparação do trabalho pedagógico a ser desenvolvido, deve estar bem-organizado e fundamentado, para que todas as múltiplas relações entre objeto e sujeito sejam exploradas, as dimensões entre passado e presente e suas respectivas interações possam ser percebidas, deste modo, constrói-se uma percepção crítica da História.

Pela riqueza de elementos que compõem o acervo do Memorial Bárbara Maix, vislumbram-se diversas possibilidades de fazer esse espaço um local para construção de novos saberes, olhares e interpretações históricas, pois o acervo que constitui o Memorial, pode levar o visitante a uma verdadeira viagem no tempo, que perpassa

por eventos históricos que marcaram a História europeia, do Brasil e do Rio Grande do Sul.

Ao selecionar o objeto gerador, é preciso contextualizá-lo, no espaço e tempo, a partir dessa relação, deve-se promover o diálogo com o mesmo, questionando sobre a realidade na qual foi criado, sua relevância para compor o acervo, o significado que representa no cenário a que é exposto.

A fim de exemplificar, usar-se-á, como exemplo de objeto gerador o sapato e usado pelo Papa Gregório XVI, que estão expostos no Memorial Bárbara Maix. Supondo que a primeira indagação seja: por que este sapato vermelho está aqui? A seguir, indaga-se qual a relação entre o sapato e Bárbara Maix? Logo após, pergunta-se quais motivos levaram Bárbara Maix viajar até Roma para obter a autorização para fundar sua Congregação? E assim sucessivamente.

Ao estabelecer o diálogo com o objeto, o sujeito encontrará uma nova perspectiva sobre o momento histórico representado naquele objeto, no caso o sapato. Através deste diálogo entre sujeito-objeto, espera-se que o indivíduo perceba que não existe evento histórico isolado, que o sapato (objeto gerador do conhecimento de um fato histórico) é carregado de história, tensões e simbologia interlaçadas pelas características políticas, econômicas, ideológicas, sociais e culturais que extrapolam o binômio tempo-espaço.

As ideias iluministas, a Revoluções Francesa e Industrial, entre outros eventos ocorridos no século XIX, deixaram seus ecos na Europa e no resto do mundo, e esses eventos foram capazes de protelar por muitos anos a fundação de uma Congregação Religiosa.

Este breve exemplo mostra o potencial de possibilidades que existem no acervo que compõem o Memorial Bárbara Maix, portanto o memorial cumpre a proposta de levar a novos olhares e perspectivas do conhecimento histórico através da educação patrimonial e da preservação da memória material.

A visitação do Memorial Bárbara Maix é um convite a toda comunidade para conhecer, por meio da memória material dos objetos que compõem o seu acervo, a História, através das múltiplas interações possíveis de serem vivenciadas.

#### 4.3 MEMORIAL COMO EXPRESSÃO DE ESPIRITUALIDADE

O patrimônio é definido como o conjunto de crenças, sacrifícios, ritos e acontecimentos que uma comunidade de indivíduos possam ter construído e revividos pelas novas gerações, contribui para manter, preservar e expressar a identidade de uma nação, daí o conceito de identidade nacional, de um grupo étnico, comunidade religiosa, tribo, família. Mas, o patrimônio é também, um conjunto de símbolos sacralizados, no sentido religioso e ideológico, que um grupo, quase sempre a elite, política, científica, econômica e religiosa, decide preservar como patrimônio coletivo.

Assim, o patrimônio cultural se constitui a partir dos conjuntos de objetos móveis e imóveis, pertencentes a grupos sociais e, também, a patrimônios imateriais ou intangíveis, que valorizam os aspectos da vida social e cultural.

Nesse sentido, a religiosidade também é considerada como patrimônio cultural das sociedades, porém, os aspectos da espiritualidade podem transcender a cultura religiosa.

Conforme explica Guimarães (2007, p. 89)

A espiritualidade poderia ser definida como uma propensão humana a buscar significado para a vida por meio de conceitos que transcendem o tangível: um sentido de conexão com algo maior que si próprio, que pode ou não incluir uma participação religiosa formal. (Apud: Saad et al., 2001; Volcan, 2003)

O espaço sagrado, por sua vez, remete a um local de cultos, veneração, devoção, oração, oferendas às divindades.

De acordo com Souza (2022, p. 2)

Em termos espaciais, compreende-se que o sagrado tem sentido restrito, pois pertence aos deuses, ainda que seja consagrado por forças humanas. Como é indicado pela raiz da palavra, o sagrado é algo que precisa ser destacado do restante, daquilo que seria o profano.

Entretanto Rodrigues (2020) afirma que:

Uma leitura do espaço em que se está inserido e do patrimônio material e imaterial pode contribuir para o desenvolvimento da identidade cultural, e o Sagrado pode se tornar fonte de leitura. Imagens, símbolos, gestos e espaços são os elementos que constituem essa leitura.

Nesse sentido, o Memorial Bárbara Maix permite ao visitante uma experiência que transcende o que é tangível no acervo, pois, através da vida de Bárbara, é possível conectar-se com o sagrado por meio da manifestação da realidade humana, dessa maneira, é o encontrar-se consigo mesmo.

Consequentemente, o Memorial, mesmo não sendo um local sagrado, é possível vivenciar a espiritualidade, pois a variedade de símbolos religiosos, do Memorial Bárbara Maix, por si só, tem uma mística que remete ao transcendente, principalmente se analisarmos sua vida e missão.

Neste sentido, a visita do Memorial deve ser motivada, para tanto, foi elaborado como produto de conclusão dessa dissertação de Mestrado um *Book Creator* que contempla em especial, a parte do acervo diretamente ligada à Bárbara Maix.

Rememorar é trazer lembranças de situações, fatos e processos vividos que marcaram, de uma forma ou de outra, a vida individual e/ou coletiva. As lembranças por vezes esquecidas, certamente são memórias materiais e imateriais que registraram importantes momentos da existência humana.

Entre as formas de rememorar esta existência, pode-se mencionar o uso da fotografia. Por este motivo, o produto desenvolvido Book Creator, fez-se uso das ferramentas digitais para alcançar o público na forma remota e por meio das redes sociais.

A escolha desse modelo deu-se devido a facilidade de acesso e a possibilidade de editar e reeditar sempre que for necessário.

A seguir segue o link para acessar o Book Creator *Memorial Bárbara Maix: História, Educação e Patrimônio Cultural*, que poderá ser disponibilizado pela Congregação em diferentes sites on-line.

[https://read.bookcreator.com/JdxkbRyCH4R4JWFhobzljUHeLlq1/lt\\_YhoNaTbK73Z-T-Gqgog](https://read.bookcreator.com/JdxkbRyCH4R4JWFhobzljUHeLlq1/lt_YhoNaTbK73Z-T-Gqgog)

## 5 CONCLUSÃO

Sabe-se que rememorar é trazer lembranças de situações, fatos e processos vividos que marcaram, de uma forma ou de outra, a vida individual e/ou coletiva. As lembranças, por vezes esquecidas, certamente são documentadas de diversas formas, materiais ou imateriais que registraram importantes momentos da existência humana.

Preservar a memória é fundamental no reconhecimento da identidade e sentimento de pertença do indivíduo, grupos e sociedades de maneira geral, para tanto, é de suma importância reconhecer que os espaços como museus, memoriais, eventos que celebram a memória histórica, cultural, religiosa entre outros, são responsáveis pela preservação dessas memórias, sendo indispensáveis para elucidarem o passado e construções de novos olhares e saberes sobre o mesmo.

Nesse sentido, a Educação Patrimonial deve ser utilizada como ferramenta imprescindível para efetiva valorização dos referidos espaços, desta forma, as gerações podem tomar consciência da importância de se reconhecerem como fruto do processo histórico independentemente da temporalidade de sua existência.

Os espaços de preservação da memória têm, como função, despertar a construção de consciência crítica acerca da História e formação das sociedades.

Dito isso, o Memorial Bárbara Maix, por apresentar um acervo multifacetário, apresenta potencial dinâmico, podendo contribuir para construção de novos saberes a partir da perspectiva da educação patrimonial.

O acervo que integra o referido Memorial permite conhecer a vida de Bárbara Maix, e o contexto histórico no qual ela viveu, portanto, utilizar esse espaço é permitir o diálogo entre vários aspectos relevantes da história local e regional, inseridas na conjuntura nacional e internacional, pois a vida de Bárbara e as atividades, por ela desenvolvidas, não foram indiferentes ao processo histórico em curso, os diversos eventos que compõem sua trajetória refletem o pensamento sociocultural, econômico e político da época sua existência.

A riqueza histórica e patrimonial da obra de Bárbara Maix é inegável por sua determinação, seu espírito de luta e suas realizações, tornando-se um marco na sua luta como mulher religiosa, abrindo caminho para tantas outras realizarem seus feitos, baseados na fé e na religião.



## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Sygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro, 2007.
- BORTOLUZZI, Octávio Cirillo. **Documentário**. 2ª ed, Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria. Porto Alegre, 1996.
- BRAICK, Patrícia Ramos, MOTA, Myriam Becho. **História: Das Cavernas ao Terceiro Milênio**. 5 ed. São Paulo: Moderna, 2017.
- BRITO, Leandro Neri; ARAS, Lina Maria Brandão. Aspectos históricos da vida consagrada feminina no brasil: ser freira antes e depois do concílio vaticano II. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (**Anais Eletrônicos**), Florianópolis, 2017. ISSN 2179-510X.
- CADERNOS DE SOCIOMUSEOLOGIA Nº 15. **Declaração de Caracas ICOM**, Museu Universitário: PUCCAMP, 1992.
- FRANCELINO, Luciene Carla Corrêa. Vida de freira, entre a vocação e a profissão: análise da formação religiosa no interior da congregação das Irmãs de Jesus na Santíssima Eucaristia (1927- 1950); **Temporalidades – Revista de História**, ISSN 1984-6150, Edição 32, v. 12, n. 1 (jan./abr. 2020)
- GUIMARÃES, Hélio Penna; AVEZUM, Álvaro. O impacto da espiritualidade na saúde física. **Archives of Clinical Psychiatry** (São Paulo), v. 34, p. 88-94, 2007.
- HOBSBAWM, Eric. **A Era do Capital** RJ: Paz e Terra, 1979.
- HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos – O Breve Século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Impérios (1875-1914)**, RJ: Paz e Terra, 1988.
- MILANI, Daniela Jorge. **Relações entre Igreja e Estado: Secularização, laicidade e o lugar da religião no espaço público**. 2014. Dissertação (Mestrado em Direito) - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, SP, 2014
- RÉMOND, René. **O Século XIX 1815/1914**. Disponível em: [ww.portaldocriador.org](http://ww.portaldocriador.org)
- RICHETTI, Gentila, **Guia do Peregrino Pelos Caminhos de Bárbara Maix**. Porto Alegre: Serafinense, 2020.
- SILVA, Valéria Fernandes da. Mulheres sob Controle: Subordinação, Clausura e Exclusão – A Constituição Discursiva da Vida Religiosa Feminina nos Séculos XII e XIII. In: **XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. 2011, São Paulo.
- SILVA, Valéria Fernandes da. **Construindo a religiosa ideal: da diversidade ao modelo único**. **A Revista de História Comparada** V. 3, n. 2. ano 2009 Disponível

em: <http://www.ppqhc.historia.ufrj.br/index.php/destaque/publicacoes/revista-de-historia-comparada> ISSN 1981-383X

SOUZA, José Arilson Xavier de. O espaço sagrado. **Geofronter**, Campo Grande, v. 8, p. 01-14. 2022.

RODRIGUES, Edile Maria Fracaro. [revistasenso.com.br](http://revistasenso.com.br) 2020. Disponível em: <https://revistasenso.com.br> Acesso em: 18/07/2023.

TEIXEIRA, Vítor. **Cismas, Reformas e Divisões na Igreja – XLXIV, O Josefinismo**. Universidade Católica Portuguesa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/27505/1/LIV%20Clarim%20VT%202018.pdf>

VALLE, Hardalla Santos do; CALDEIRA, Jeane dos Santos. **As irmãs da Congregação Imaculado Coração de Maria: amparo e educação às meninas desvalidas nas cidades de Pelotas e Rio Grande/rs (1855 a 1873)**, Volume 4. Número 9. ISSN2447-3545  
Disponível em: <http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. **Manual do Candidato História Mundial Contemporânea (1776 – 1991) Da Independência dos Estados Unidos ao Colapso da União soviética-** 2ª edição atualizada Brasília: FUNAG, 2010.

*Sites consultados:*

[https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb\\_c\\_roda\\_dos\\_expostos.htm](https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_roda_dos_expostos.htm) Acesso em: 22/10/2022

<https://www.portalsaofrancisco.com.br/turismo/historia-da-austria>  
Acesso em: 18/10/2022.

<https://coc.fiocruz.br> Acesso em: 20/10/2022.

[https://bibliotecanonica.net/docsab/btcabu.htm#\\_Toc217297571](https://bibliotecanonica.net/docsab/btcabu.htm#_Toc217297571) Acesso em: 10/05/2023.

<https://pt.aleteia.org/2023/05/23/o-que-significa-a-beatificacao> Acesso em: 02/06/2023

<https://www.redeicm.org.br/maossolidarias/fundadora-barbara-maix> Acesso em: 05/06/2022

<https://gaudiumpress.org/content/45063-reinaugurado-em-porto-alegre-o-memorial-de-barbara-maix/>) Acesso em: 04/06/2023.

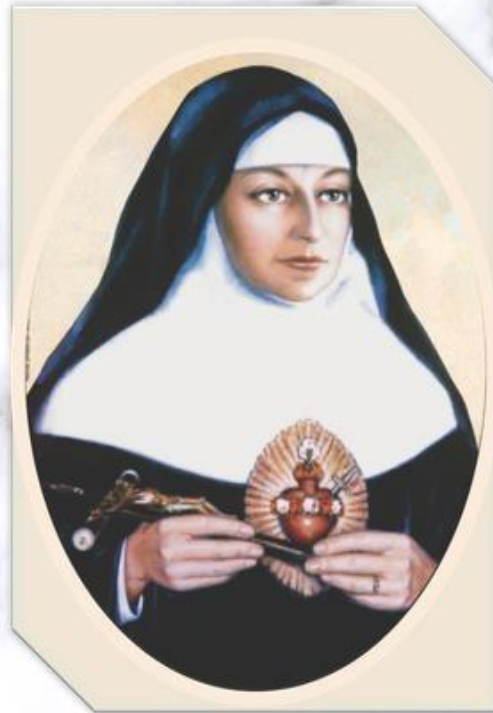
<http://www.iber museos.org/wp-content/uploads/2020/05/declaracao-de-caracas-por.pdf> Acesso em: 04/06/2023.


<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8522/10073> Acesso em: 10/06/2023

**APÊNDICE A – PRODUTO FINAL****BOOK CREATOR****Produto Mestrado**

Rita de Cassia Batista Obetine

*MEMORIAL BÁRBARA MAIX: História, Educação e Patrimônio Cultural*





Fotografias: Aline Vilhena da Silva  
Jane Cassol  
Elaboração: Rita de Cassia Batista Obetine  
Orientação: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Marta Rosa Borin

## **APRESENTAÇÃO**

O presente *book creator* tem por finalidade apresentar acervo disponível no Memorial Bárbara Maix, que está localizado na Rua Riachuelo, nº 508 – Centro Histórico em Porto Alegre, no RS.

O Memorial Bárbara Maix, dirigido pela congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria, possui um expressivo acervo constituído por uma variedade de peças da trajetória de vida da fundadora da congregação, Barbara Max e objetos da própria congregação como, fotos, documentos, obras de arte sacra, bordados, relíquias etc.

Devido a grande quantidade de objetos que compõem a exposição, selecionamos parte do acervo que está diretamente ligada às realizações de Bárbara Maix.

O Memorial Bárbara Maix se apresenta como um espaço de múltiplas possibilidades, sentidos e significados, local onde o saber, a pesquisa e o ensino podem ser articulados, um ambiente de promoção das mais variadas experiências humanas, refletidas nas mensagens dos objetos da exposição.

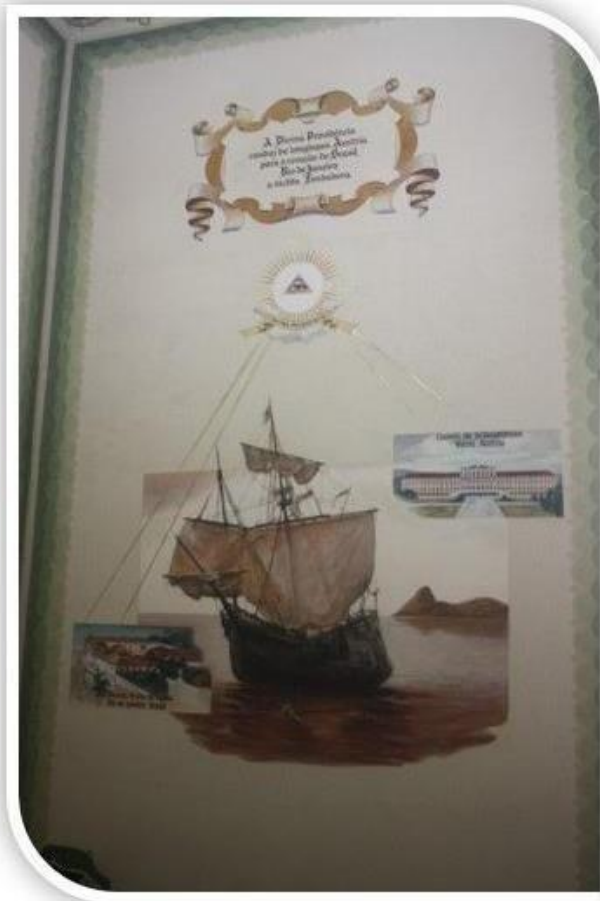


Bárbara Maix desde muito menina costumava rezar diante da imagem do Menino Jesus.

Segundo algumas narrativas, ela levava maçãs para alimentá-lo, essa cena está ilustrada na parede da primeira sala de visitação do Memorial.

A imagem original, está em exposição em outra sala, juntamente com outros objetos que compõem o acervo.





A imagem ilustra a saída de Bárbara Maix e suas companheiras da Áustria rumo ao Brasil.

Os elementos que compõem a ilustração representam o Palácio de Schönbrunn, Áustria como ponto de partida das Irmãs e o Convento da Ajuda no Rio de Janeiro, local onde as Irmãs foram acolhidas no Brasil.





Quadro do Imaculado Coração de Maria, idealizado por Bárbara, pintado em tela, a óleo pelo pintor Josef Kastner, em Viena na Áustria.

O quadro apresenta um conjunto simbólico em cada detalhe pensado por Bárbara Maix.

O quadro foi um dos itens penhorados em Hamburgo, com o objetivo de completar o dinheiro necessário para custear as passagens das primeiras irmãs da congregação até o Brasil.

O quadro chegou ao Brasil em janeiro de 1849, segundo especula-se, algum benfeitor pagou antecipadamente a dívida das Irmãs em Hamburgo e enviou o quadro e os demais pertences à elas.

Estações da Via-Sacra pintadas por Josef Kastner a pedido de Bárbara Maix, 14 quadros que representam os momentos da paixão e morte de Jesus.

Os quadros encontram-se no Santuário São Rafael, junto ao Memorial Memorial Bárbara Maix.

Os 14 quadros que compõem a Via-Sacra, foram penhorados em Hamburgo para custear a viagem das irmãs ao Brasil, mas, misteriosamente chegaram juntos no Rio de Janeiro.



Primeiro Ostensório da Congregação, doado pelo Arcebispo Dom Vicente Eduardo Milde, ainda em Viena.

Segundo a tradição, Bárbara Maix teria pedido para uma jovem consagrada que percorresse a cidade de Viena em busca de protetores para sua missão.

A jovem teria procurado primeiramente o Arcebispo Dom Vicente Eduardo Milde que estranhou aquela atitude, ele usou palavras ríspidas, então ela ajoelhou-se e pediu perdão pelo inconveniente.

Dom Milde ficou comovido com a atitude da jovem e deu-lhe o ostensório como lembrança pelo ato de humildade.







Durante os primeiros anos e as diversas tentativas de fundar a Congregação, Bárbara Maix e suas companheiras recebiam relíquias como ostensórios e crucifixos, entre outros presentes, como se fosse um estímulo para não desistir do seu grande sonho diante dos pedidos negados para fundação da Congregação.

Para poder se manter financeiramente Bárbara Maix e suas companheiras desenvolveram com grande habilidade as artes de agulha e produziram muitos bordados. Algumas peças estão expostas no Memorial.

Durante a longa viagem entre a Áustria e o Brasil, Bárbara Maix e suas companheiras confeccionaram um lindo tapete, que hoje encontra-se muito bem preservado junto ao acervo do Memorial.

Além da beleza, é possível observar a delicadeza, o cuidado e as habilidades manuais daquelas mulheres.

Contemplando esta incrível peça, o visitante é capaz de imaginar as conversas, as expectativas, as incertezas..., vivenciadas durante a viagem rumo ao país desconhecido.



O livro de moldes para trabalhos manuais usado por Bárbara Maix, os bordados, crochê e peças bordadas datadas de meados do século XIX estão cuidadosamente preservadas no acervo.





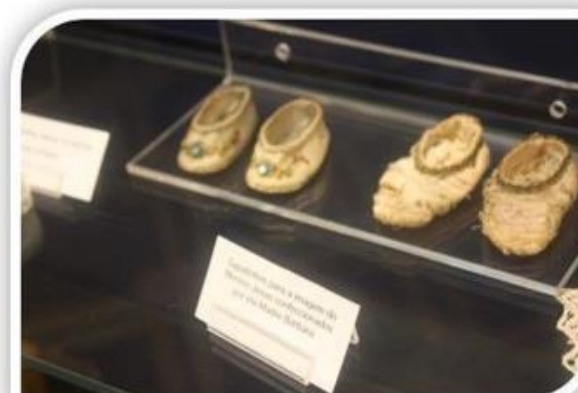
Cartões confeccionados em papel vegetal por Bárbara Maix e suas companheiras como forma de arrecadar subsídios para manutenção da sua missão.



Bordados feitos por Bárbara em meados do século XIX.



A devoção de Bárbara Maix ao Menino Jesus foi tão intensa e amorosa que os sapatinhos e roupas eram confeccionados por ela para a imagem do Menino Jesus.





Em uma, entre as várias tentativas de fundar sua Congregação, Bárbara viajou para Roma, com o objetivo de conseguir uma audiência com Sua Santidade, o Papa Gregório XVI, na qual solicitaria autorização para fundar a Congregação do Imaculado Coração de Maria.

O Papa Gregório XVI, faleceu às vésperas da audiência com Bárbara Maix, no dia 02 de junho de 1846, em Roma.

Na ocasião, o cardeal que a recebeu ofertou-lhe o sapato e colarinho do Papa, o que intensificou em Bárbara a convicção em persistir. Essas relíquias fazem parte do acervo do Memorial Bárbara Maix.



Bárbara Maix tinha a saúde fragilizada desde a infância, nos seus últimos meses de vida, seu estado de saúde agravou-se ainda mais. Muito debilitada, Bárbara costumava sentar-se e dormir numa cadeira que foi preservada no acervo do Memorial, pois a doença agravava-se e ela não conseguia deitar-se.

As cadeiras foram adaptadas à altura de Bárbara a fim de permitir um pouco mais de conforto. Assim, as cadeiras tiveram suas pernas cortadas, uma vez que Bárbara tinha uma estatura pequena.

A mesa onde o corpo de Bárbara Maix foi velado faz parte da exposição do Memorial.



Nas imagens internas do Santuário São Rafael destaca-se a riqueza da arte sacra que complementa o acervo do Memorial Bárbara Maix.

Neste Santuário encontra-se os 14 quadros da Via-Sacra e a urna que contém os restos mortais de Bárbara Maix, ocupando um lugar de destaque no Santuário São Rafael.







Local onde está a urna com os restos mortais de Madre Bárbara Maix, trasladados para Porto Alegre em 1957, fundadora da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria.

